

O SENTIDO DA REENCARNAÇÃO

**COMO A VIDA NOS
ENSINA ATRAVÉS
DAS EXPERIÊNCIAS**

RICARDO BAESSO DE OLIVEIRA

O SENTIDO DA REENCARNAÇÃO

Ricardo Baesso de Oliveira

2020

O SENTIDO DA REENCARNAÇÃO

Ricardo Baesso de Oliveira

Data da publicação: 27/2/2020

CAPA: Beatriz Baesso de Oliveira Gomes
REVISÃO: Eunice de Oliveira Cazetta
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430
Fone: (43) 3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

O48s

Oliveira, Ricardo Baesso de, 1958-

O sentido da reencarnação: como a vida nos ensina através das experiências / Ricardo Baesso de Oliveira; revisão: Eunice de Oliveira Cazetta; capa: Beatriz Baesso de Oliveira Gomes. – Londrina, PR : EVOC, 2020. 146 p.

1. Espiritismo-estudo e ensino. 2. Doutrina espírita-estudo e ensino. 3. Reencarnação. I. Cazetta, Eunice de Oliveira. II. Gomes, Beatriz Baesso de Oliveira. III. Título.

CDD 133.9013
19.ed.

Sumário

Notas sobre o Autor, 4

Palavras iniciais, 5

Capítulo 1: A corporeidade, 11

Capítulo 2: O organismo e o ambiente, 28

Capítulo 3: A experiência da dor e do prazer, 57

Capítulo 4: Progresso intelecto-moral, 77

Capítulo 5: Penalogia espiritual, 94

Capítulo 6: Evolução pelo bem, 110

Palavras finais, 143

Notas sobre o Autor

Ricardo Baesso de Oliveira, nascido no ano de 1958, tem 61 anos.

Filho e neto de espíritas tradicionais da Zona da Mata Mineira, é vinculado ao IDE - Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora (MG), de que é um dos fundadores. Ele integra também o Conselho Editorial da revista **O Consolador**, em que colabora regularmente como articulista.

Profissionalmente, é médico reumatologista e coautor dos seguintes livros: *Breve história de todos nós*, *Que somos nós* e *Jesus segundo o Espiritismo*.

Nas lides espíritas, além das atividades que desenvolve no IDE, é palestrante bastante requisitado e apreciado em Minas Gerais.

Palavras iniciais

A reencarnação vem sendo reconhecida desde as mais antigas civilizações. Texto encontrado no Egito, e provavelmente escrito cerca de três mil anos antes de Cristo, afirma: *antes de nascer a criança viveu, e a morte não é o fim. A vida é um evento que passa como o dia solar que renasce*. Entre os hindus, o princípio da reencarnação era ensinado pela filosofia dos Vedas, e conhecido também com o nome de *metempsicose*. Na Índia, é popular o conceito reencarnacionista de *carma*, que, em sânscrito, pode ser traduzido pela palavra *ação*. O carma relaciona atitudes cometidas em existências passadas com fatos que acontecem na atual existência. Na Grécia antiga, a tese reencarnacionista teve largo curso, tendo sido citada por Pitágoras, Sócrates e Platão. Dessa época distante veio o termo *palingênese* (ou *palingenesia*), referindo-se às vidas sucessivas.

Em nossos dias, a pesquisa científica relacionada à hipótese da reencarnação encontra-se no estudo de relatos de possíveis casos de reencarnação de pessoas que afirmam lembrar-se de fatos vividos no passado. Pesquisadores examinam os dados fornecidos por essas pessoas tentando encontrar evidências de que sejam reais. Muitos livros foram escritos sobre isso. Também filmes e novelas para TV.

Embora alguns autores espíritas considerem o vocábulo reencarnação como um neologismo cunhado por Allan Kardec, a palavra já era conhecida antes do codificador da Doutrina espírita. Foi entre os séculos XVI e XVIII que surgiram, no Latim tardio, os termos

eruditos e acadêmicos *reincarnatio* e *reincarnationis*, que, em seguida, passaram para as línguas românicas e para o inglês.

O princípio da reencarnação é um dos pilares da doutrina espírita. Em seus primeiros contatos com as entidades desencarnadas, Kardec ouviu delas que todos nós habitamos outros corpos, em experiências prévias na Terra ou em outros orbes, e outros tantos deveremos habitar ainda. Para que o Espírito se identifique com o projeto de perfectibilidade, presente em si mesmo, é imperativo que se submeta, durante longo período de sua história, à lei da reencarnação. Esta é uma lei natural, inerente a todos os seres vivos, que tem como finalidade o desenvolvimento do princípio espiritual. Em experiências múltiplas, nas duas dimensões de vida (a física e a espiritual), o princípio inteligente encontra os elementos necessários ao progresso.

Examinar a dinâmica das vidas sucessivas, qual o seu significado, e como elas nos educam através das experiências é o propósito deste trabalho. Uma das diferenças entre nós e outras espécies é que somos a única espécie que se preocupa com sua ignorância. Sentimos uma imensa necessidade de compreender porque as coisas são do jeito que são. Estaremos, então, refletindo sobre o sentido da corporeidade, ou seja, a vida na dimensão física, e o conceito espírita de prova, no primeiro capítulo do livro. No segundo, examinaremos como o organismo e o ambiente podem contribuir no desenvolvimento das diferentes habilidades do Espírito. No terceiro capítulo, nos deteremos nas experiências de crescimento através da dor e da alegria. O quarto capítulo nos levará a uma reflexão sobre o progresso intelecto-moral, buscando um melhor entendimento sobre as virtudes e o que isso representa para nós. No

quinto, estudaremos a lei de causa e efeito, um impressionante mecanismo evolutivo que relaciona atitudes e suas consequências futuras. Finalmente, no sexto capítulo, nos colocaremos diante da confortadora possibilidade da evolução através do amor.

A mensagem principal do livro é esta: precisamos viver diferentes experiências – pedagogicamente, experiências de aprendizado – para deixarmos o primitivismo espiritual e nos identificarmos com a angelitude. Essas experiências devem forçosamente se dar em um contexto corpóreo, definido por duas variantes: o *corpo* que habitamos e o *meio* em que estamos inseridos. As variações destes dois elementos, o *corpo* (genes, hormônios, cérebro etc.) e o *meio* (parentela, cultura) possibilitarão experiências distintas, propiciadoras do aprimoramento das habilidades intelectuais e das qualidades morais.

Para desenvolver essas ideias nos valemos da obra incomparável de Allan Kardec e de alguns autores desencarnados. Preocupamo-nos em detalhar as referências quando citamos Kardec, para facilitar o trabalho dos que levam a sério o estudo da Doutrina espírita. Fizemos o mesmo com as citações de autores desencarnados e nos valemos principalmente de três deles: Emmanuel e André Luiz, que escreveram vários livros pela mediunidade de Chico Xavier e Joanna de Ângelis, entidade muito culta, que se comunica através de Divaldo Franco. Frases e casos de Chico Xavier são eventualmente apresentados na obra. Como fazem parte da tradição oral espírita, torna-se quase impossível declinar as referências, por isso não o fizemos. Geralmente, são relatos de pessoas que conviveram com ele em Pedro Leopoldo e Uberaba.

Valemo-nos também de conceitos extraídos de obras de Elizabeth Klüber-Ross e Harold Kushner. A Dra. Elizabeth foi notável psiquiatra suíça radicada na América do Norte, que apresentou o conceito de “morte digna”, dando respeitabilidade ao doente terminal. Em certo momento de sua vida, declarou-se convencida da realidade espiritual, sofrendo covarde perseguição por causa disso. Pesquisamos em dois de seus livros: *Roda da vida* e *Os segredos da vida*. Kushner é um conhecido rabino norte-americano. Nasceu em 1935, no Brooklyn (Nova Iorque). A experiência com a morte de seu filho de 14 anos, vítima de Progéria (a doença do envelhecimento precoce), o motivou a escrever seu livro mais conhecido, *Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas*. Outros livros do rabino Kushner: *Que tipo de pessoa você deseja ser*, *O quanto é necessário ser bom*, *Quando tudo não é o bastante*, *Nove lições que aprendi durante a vida* e *Quem precisa de Deus*.

Destacamos ainda a obra *As variedades da experiência religiosa*, de William James. James é um dos fundadores da psicologia moderna e importante filósofo. Nascido nos Estados Unidos, teve sua formação em medicina, lecionando fisiologia e anatomia em Harvard. Espiritualista convicto, realizou pesquisas com a médium Leonora Piper.

Outros autores e obras consultados:

Daniel Goleman, psicólogo e divulgador científico, divulgador da expressão *inteligência emocional*. Livro: *Uma força para o bem*. Valemo-nos desse livro para exemplificar o pensamento de que a bondade é inata no ser humano. Reproduzimos dele os estudos citados no tópico sobre as experiências da pobreza e da riqueza, e da relação entre aparência física e comportamento.

Fernando Ortiz, antropólogo cubano, autor do livro *A filosofia penal dos espíritas*.

Robert e Karin Sternberg e o livro *Psicologia cognitiva*.

Howard Gardner, psicólogo, criador da Teoria das inteligências múltiplas. Livro: *Inteligência: um conceito reformulado*. Extraímos desse livro as noções sobre os diferentes tipos de inteligência.

Robert Plomin, biólogo inglês, autor do livro *Genética comportamental*. Nossos comentários sobre genes e comportamento foram extraídos daí.

Steven Pinker, neurocientista norte-americano. Consultamos seus livros *Os anjos bons da nossa natureza*, *Tábula rasa* e *Como a mente funciona*. Foram úteis nos comentários sobre biologia dos gêneros, e a respeito dos genes e personalidade humana.

Yuval Noah Harari, historiador judeu, autor do livro *Homo deus*, de onde extraímos o conceito de *felicidade interna bruta*, além de algumas considerações sobre o *humanismo*, tecidas ao final do primeiro capítulo e em *Palavras finais*.

J. L. Simmons, psicólogo social espiritualista. Livro: *O despertar da nova era*. Sam Harris, neurocientista canadense. Citamos o livro *Paisagem moral*.

André Comte-Sponville, filósofo francês contemporâneo. Livro: *Pequeno tratado das grandes virtudes*.

Adolfo Sanches Vasquez, professor de Ética. Livro consultado: *Ética*. Desse livro extraímos alguns conceitos sobre virtudes, e a definição de *ato moral*.

No último tópico – Experiências religiosas – buscamos inspiração no livro *Medicina, religião e saúde*, do psiquiatra norte-americano Harold Koenig, da Duke Universidade, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos da América e no livro *Quebrando o encanto*, do filósofo Daniel Dennett.

Tomamos a liberdade de apresentar alguns modelos, que devem ser entendidos como raciocínios hipotéticos. Fomos auxiliados nesses modelos pelas prazerosas (e, às vezes, apaixonadas) discussões com os amigos dos diferentes grupos de estudos de que participamos. Acredito que contamos com a colaboração (e prodigiosa paciência evangélica) dos amigos desencarnados, que participaram conosco dessa empreitada. Aceito firmemente que nunca estamos sozinhos!

Críticas e contestações, quando cordiais e sinceras, são sempre bem vindas e ofereço abaixo meu endereço eletrônico para tal. Espero que gostem.

Ricardo Baesso de Oliveira

ricardobaessooliveira@yahoo.com

Capítulo 1: A corporeidade

O objetivo da reencarnação foi estabelecido por Allan Kardec no item 634 de *O Livro dos Espíritos*, ao reproduzir o seguinte pensamento dos Espíritos:

[...] Se não existissem montanhas, não compreenderia o homem que se pode subir e descer; se não existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito ganhe experiência; é preciso, portanto, que conheça o bem e o mal. Eis por que se une ao corpo.

O Espírito, segundo o texto, se une ao corpo, através da dinâmica da reencarnação, para *compreender, conhecer e ganhar experiências*. Experiência consiste no ato de vivenciar alguma coisa e essa vivência se traduz em habilidade. Os Espíritos que apresentaram o pensamento acima evocam muito mais estados de afetividade do que estados de intelecto. As conquistas do intelecto podem se dar com a leitura atenta e o estudo sistemático, mas as conquistas do sentimento exigem na sua concretização a vivência pessoal. Ninguém pode explicar a outra pessoa, que nunca vivenciou determinado sentimento, em que consiste a qualidade desse sentimento.

Por outro lado, ao afirmarem que é necessário que o Espírito adquira experiência através do conhecimento do bem e do mal, podem estar se referindo a vivências em contextos ambientais distintos (em uns predomina o bem, em outros, o mal), mas, talvez, prioritariamente, estejam se reportando à aprendizagem que o Espírito vai construindo para si através dos seus acertos e erros.

Determinadas experiências que dão prazer ao Espírito são repetidas por ele na busca de repetir a experiência prazerosa. Outras, cujo resultado final não o satisfaz, são evitadas. É assim que, aos poucos, ele vai assumindo atitudes na tentativa de sofrer menos e se alegrar mais.

Examinando o tema, o antropólogo cubano Fernando Ortiz lembra que o evolucionismo dos espíritas é tão fatal quando o dos biólogos. Se os naturalistas dizem *natura non facit saltum* (a natureza não dá saltos), os espíritas poderão dizer, analogamente, *spiritus non facit saltum* (o Espírito não dá saltos); o espírito há de subir pausada ou rapidamente, segundo seu esforço, porém grau a grau, até a superioridade dos “anjos”.

Alguns pontos são colocados nessa reflexão inicial: o Espírito poderia viver as experiências de crescimento exclusivamente na dimensão espiritual? A literatura mediúmica contemporânea, especialmente a vasta obra do Espírito André Luiz, ditada através de Chico Xavier, apresenta a noção das colônias espirituais, verdadeiras cidades no além, onde são descritos hospitais, escolas, residências, veículos de transporte, parques de música e arte para entretenimento etc. Tal realidade metafísica é descrita ao lado de uma intensa vida comunitária, que se identifica, em muitos detalhes, com a vida experimentada na dimensão física. É natural, portanto, que indaguemos se, diante de tal condição, os Espíritos não poderiam expandir suas potencialidades – o progresso intelecto-moral – vivendo exclusivamente nas comunidades espirituais?

Embora a dimensão espiritual, em muitos aspectos, se identifique com as condições de vida na Terra, há diferenças entre elas. São essas diferenças, que, dentre outras coisas, dão um sentido a reencarnação.

A dimensão física se diferencia da dimensão espiritual nos seguintes aspectos:

1- *A inserção em um ciclo vital* que é próprio da biologia reencarnatória: nascer, crescer, enamorar-se, reproduzir-se, criar filhos, envelhecer, identificar-se com um corpo com características genéticas peculiares e vivenciar enfermidades que são exclusivas da organização corpórea. Cada um desses processos oferece ao reencarnante possibilidades diferentes de internalizar sinais que vão ao encontro de seu próprio amadurecimento, desenvolvendo suas habilidades. As experiências da gestação e da maternidade, por exemplo, são únicas no sentido de se vivenciar certas emoções, que são exclusivas dessa condição. As mulheres que vivenciaram essas experiências podem dizer o que isso representou para elas. Da mesma forma, a experiência do envelhecimento, que manda recados para a intimidade do ser. Se bem entendidos e vivenciados, esses recados podem se transformar em elementos de crescimento. Muitas pessoas dizem, no final da vida: "Quanto aprendi com a terceira idade! Se tivesse, aos trinta anos, o amadurecimento que tenho hoje, teria cometido menos erros!" Tal ciclo de vida, como o conhecemos, parece não existir na dimensão espiritual.

2- *A luta pela sobrevivência:* a inserção na dimensão física coloca o Espírito em um meio em que a atividade e o trabalho são praticamente obrigatórios, do contrário, vem a fome, a doença e a morte. Isso não se dá na dimensão espiritual (mesmo porque já estando mortos, não podem morrer novamente). O trabalho é o motor do progresso e a atividade incessante é a alavanca no desenvolvimento das inteligências. Resolver problemas relacionados ao próprio ato de viver desenvolve as

inteligências e expande as possibilidades mentais do Espírito. Historicamente, nós somos sobreviventes de grandes tragédias, que exigiram de nós um esforço imenso. Devemos a esse esforço a nossa sobrevivência. Há cerca de 65 milhões de anos, a queda de um enorme meteorito no golfo do México, dizimou 90% dos seres vivos na Terra. Nossos antepassados sobreviveram porque foram capazes de superar as adversidades. Muito tempo depois, quando a África tornou-se gradativamente mais seca e desapareceram as florestas tropicais, nossos primos mais próximos, os símios primitivos, tiveram que escolher entre dois caminhos: permanecer confortavelmente nas florestas restantes ou “descer das árvores”, em busca de um novo habitat. Os antepassados dos chimpanzés, dos gorilas, dos gibões e dos orangotangos deixaram-se ficar, dando origem aos primatas atuais. Os antepassados de outros símios arriscaram-se em abandonar a floresta e lançaram-se na competição com os outros animais terrestres, já adaptados ao solo. Era uma empreitada perigosa, mas que foi venturosa: esses símios deram origem ao homem. Assim, por havermos superado as adversidades e admitirmos corajosamente os desafios é que nos tornamos o que somos.

3- *O período da infância*, tornando o Espírito mais acessível ao burilamento do caráter, através da educação e dos bons exemplos dos pais, professores e da intervenção salutar das religiões. Essas intervenções, quanto positivas, podem auxiliar na transformação moral da individualidade. Como transformar em homens de bem, tantos Espíritos cristalizados no mal, senão fazendo com que passem por períodos múltiplos de infância, levando-os à convivência sadia com pais amorosos, mas disciplinadores, que estarão semeando em seus corações

as sementes da bondade, da justiça e da consideração pelo semelhante? Lê-se em Kardec que *não é raro que um mau Espírito peça lhe seja dado bons pais, na esperança de que seus conselhos o encaminhem por melhor senda e muitas vezes Deus lhe concede o que deseja.*¹ Embora alguns Espíritos que desencarnaram na infância possam se manter, por algum tempo, na forma infantil, não existe infância, como a conhecemos, no mundo espiritual.

4- *O esquecimento do passado*, que permite à individualidade conviver com seus desafetos, sem recordar-se dos desatinos perpetrados reciprocamente. Tais recordações poderiam reanimar animosidades, criando embaraços à harmonização dos relacionamentos. A lembrança de nossas personalidades anteriores teria inconvenientes muito graves; poderia, em certos casos, nos humilhar muito; em outros, exaltar nossa personalidade. Segundo Kardec, Deus deu, para nos melhorarmos, exatamente o que é necessário e basta: a voz da consciência e nossas tendências instintivas, privando-nos do que poderia nos prejudicar. Se tivéssemos lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente a dos outros, e esse conhecimento poderia ter os mais desastrosos efeitos sobre as relações sociais.²

Kardec, examinando o retorno do Espírito ao mundo corpóreo, comenta que o mesmo perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões anteriormente adquiridas, que vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que antes. Ele renasce qual se

¹ O Livro dos Espíritos, item 209

² O Livro dos Espíritos, item 394

fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Ainda aí a bondade do Criador se manifesta, porquanto, adicionada aos amargores de uma nova existência, a lembrança, muitas vezes aflitiva e humilhante do passado, poderia turbá-lo e lhe criar embaraços. Ele traz o que aprendeu sob a forma de tendências e inclinações, por lhe ser isso útil. Eis, pois, que surge um novo homem por mais antigo que seja como Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições precedentes. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se lhe desdobra diante dos olhos e ele julga de como empregou o tempo, se bem ou mal. Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual. Cada Espírito é sempre o mesmo eu, antes, durante e depois da encarnação, sendo esta, apenas, uma fase da sua existência.³

5- *A convivência com pessoas diferentes.* Na dimensão espiritual, a lei de sintonia é absoluta. Os semelhantes se buscam na imensidão do espaço, constituindo grupos afins. Na dimensão física, isso não se dá – vivem todos em um “balaio de gato”: o responsável ao lado do irresponsável, o justo ao lado do injusto, o sábio ao lado do obtuso, o gentil ao lado do grosseiro etc. A convivência na diversidade estimula o progresso. Os que se acham em condição evolutiva inferior têm, em seus superiores, o exemplo e o estímulo para a auto superação. Os que se encontram em posição superior encontram na convivência com os que estão em posição inferior as oportunidades para exercitar a tolerância, a paciência e a perseverança. Por isso, as diferenças que existem entre nós não devem ser apenas

³ A gênese, cap. XI

toleradas, mas respeitadas, pois elas são a riqueza da humanidade, formando o caldo de cultura que serve de base para uma filosofia do diálogo. Se todos fôssemos absolutamente iguais não encontraríamos os elementos deflagradores do desenvolvimento pessoal. Kardec admite isso ao colocar que *a desigualdade existente entre os Espíritos é necessária às suas personalidades.*⁴

6- *A identificação com culturas distintas.* O raciocínio apresentado acima se aplica também ao contexto social. Sabe-se que o ambiente (cujos efeitos são chamados de "criação") tem papel relevante em muitos aspectos do comportamento humano. A criação pode funcionar de diferentes maneiras em diferentes culturas. Algumas culturas, especialmente a asiática, tendem a ser mais dialéticas no pensamento, sendo mais propensas a tolerar crenças contraditórias e esperam que em algum momento a solução resolva o conflito entre as crenças. Já os europeus e os norte-americanos tendem a ser mais fechados, esperando que os sistemas de crença sejam consistentes. De modo semelhante, as pessoas das culturas asiáticas tendem a ter um ponto de vista diferente dos ocidentais ao se depararem com algo novo. Ao assistirem ao filme de um peixe nadando no oceano, os europeus ou norte-americanos tendem a prestar mais atenção no peixe; já os asiáticos focam preponderantemente no oceano que circunda o peixe. As pessoas que pertencem a culturas ocidentais tendem a processar os objetos independentemente do contexto, ao passo que pessoas que pertencem a culturas orientais olham para os objetos incorporados no contexto circundante.

⁴ O Livro dos Espíritos, item 119

Enquanto a maioria das culturas ocidentais tem perspectivas individualistas, a maioria das culturas orientais é guiada por pontos de vista coletivistas. Nas culturas individualistas, o principal foco é a pessoa individual, que é considerada como mais importante do que o grupo. A competição e a conquista pessoal são enfatizadas dentro dessas culturas. Nas culturas coletivistas, contudo, o grupo é valorizado acima do indivíduo, e se acentua a cooperação. Pesquisadores ofereceram a estudantes norte-americanos seis lápis solicitando que escolhessem um deles. Dos seis lápis, cinco tinham a mesma cor e um deles tinha cor diferente. A maior parte dos estudantes escolheu o lápis de cor diferente. Quando a solicitação foi feita a estudantes japoneses ou chineses, a maioria optou por ficar com um dos cinco lápis de mesma coloração.

As diferentes ênfases sobre o que se valoriza determinam quais atitudes são consideradas como qualidades em cada tipo de cultura. Por exemplo, as culturas ocidentais valorizam muito as ideias de liberdade e autonomia pessoal. Por esse motivo, a pessoa que "caminha com os próprios pés" é considerada como possuidora de força dentro dessa visão de mundo. Em uma cultura oriental, por outro lado, essa afirmação do eu não seria vista como um recurso positivo, já que a sociedade busca estimular a interdependência dentro do grupo, valorizando conceitos de compartilhamento e dever para com o grupo.

Também há diferenças entre o Oriente e o Ocidente em termos de suas orientações em relação ao tempo. Em culturas ocidentais, muitas vezes olhamos para o futuro, valorizando qualidades como esperança, otimismo, autoeficácia. Nas culturas orientais, contudo, há um foco e um respeito maiores em relação ao

passado. Esse foco no passado se revela no antigo provérbio popular chinês "Para conhecer a estradas que tens por diante, pergunta aos que estão voltando". As culturas orientais valorizam a característica de saber "olhar para trás" e reconhecer a sabedoria dos mais velhos.

Cada cultura influencia diferentes processos cognitivos, e isso é essencial para o desenvolvimento pleno do Espírito.

Conceito espírita de prova

O termo *prova* é amplamente encontrado no vocabulário espírita. Eventualmente se encontra a palavra *provação*, que tem o mesmo significado de *prova*. Como tal vocábulo pode ser entendido no contexto espírita?

O dicionário *Michaelis* dá para o vocábulo *prova* várias definições. Apenas duas nos importam:

01- Aquilo que serve para estabelecer uma verdade por verificação ou demonstração, que mostra ou confirma a verdade de um fato, o mesmo que teste.

02- ensaio, experiência.

Embora reconhecendo que a palavra *prova* venha sendo empregada, eventualmente, como *teste/verificação de conhecimentos*, em sua concepção doutrinária, a segunda definição – *ensaio, experiência* – nos parece mais adequada. Não é racional a ideia de que Deus nos envie à dimensão física para nos testar, pois, conhecendo o futuro, sabe de nossas possibilidades, se

venceremos esse ou aquele desafio existencial. Os eventos diversos que encontramos durante a existência física são possibilidades de vivenciar determinadas situações, acumular experiências, desenvolver habilidades, apurar o raciocínio, abrandar o coração, reforçar as resistências morais. Não são testes na acepção comum do termo, mas sim experiências que contribuem para o nosso crescimento espiritual.

Essas ideias encontram ressonância no pensamento do Espírito Emmanuel. Chamado a diferenciar *provação* de *expição*, assim se manifesta:

*A provação é a luta que ensina ao discípulo rebelde e preguiçoso a estrada do trabalho e da edificação espiritual. A expiação é a pena imposta ao malfetor que comete um crime.*⁵

Ao definir *prova* como *a luta que ensina*, o autor remete ao conceito de ensaio, experiência, viver determinada situação para aprender alguma coisa. A *expição* – pena imposta - se relaciona, por sua vez, a uma situação necessariamente dolorosa e especificamente vinculada a uma falta de natureza ética. A *prova* pode ser dolorosa ou não e não se relaciona diretamente a um erro, embora possa estar relacionada a vários erros, implicando uma necessidade de superação pessoal. A *expição* é sempre dolorosa e possui raízes no passado.

Conceitos kardequianos, extraídos de *O Livro dos Espíritos* ratificam tal pensamento:

⁵ O consolador, item 249

[...] A vida corpórea lhe é dada para purgar-se de suas imperfeições através das provas que nela sofre. (item 872)

Para que ele [o Espírito] possa adiantar-se necessita de experiência e em geral é preciso que adquiria à sua custa; é necessário que exercite as suas forças, sem o que seria como uma criança a quem não deixam andar sozinha. (item 501)

[...] A prova não tem por fim esclarecer a Deus sobre o mérito do homem, porque Deus sabe perfeitamente o que ele vale, mas deixar ao homem toda a responsabilidade da sua ação, uma vez que ele tem a liberdade de fazer ou não fazer. Podendo o homem escolher entre o bem e o mal, a prova tem por fim colocá-lo ante a tentação do mal, deixando-lhe todo o mérito da resistência. (item 871)

Os termos grifados por nós: *purgar-se de suas imperfeições, necessita de experiência, adquiria à sua custa, exercite as suas forças, responsabilidade da sua ação e mérito da resistência* relacionam-se bem com o que entendemos por *prova*.

Limites da reencarnação

Outra questão que se apresenta: até quando essas experiências são necessárias? As experiências reencarnatórias seriam de natureza ilimitada?

Vejamos o que pensa Kardec, neste texto da *Revista Espírita*, fevereiro de 1864:

A reencarnação é necessária enquanto a matéria domina o Espírito. Mas, do momento em que o Espírito encarnado chega a dominar a matéria e anular os efeitos de sua reação sobre o moral, a reencarnação não tem mais nenhuma utilidade nem razão de ser. Com efeito, o corpo é necessário ao Espírito para o trabalho progressivo até que tendo chegado a manejar este instrumento à vontade, a lhe imprimir a sua vontade, o trabalho esteja realizado. Então lhe é necessário outro campo para a sua marcha, para o seu adiantamento para o infinito; é-lhe necessário um outro círculo de estudos, onde a matéria grosseira das esferas inferiores seja desconhecida. Tendo depurado e experimentado suas sensações na Terra, ou em globos análogos, está maduro para a vida espiritual e seus estudos. Tendo-se elevado acima das sensações corporais, não mais tem nenhum desses desejos ou necessidade inerentes à corporeidade: é Espírito e vive pelas sensações espirituais, que são infinitamente mais deliciosas do que as mais agradáveis sensações corporais.

Mostra Kardec que as experiências reencarnatórias não são ilimitadas. Existem enquanto necessárias, ou seja, enquanto o Espírito tenha o que aprender com essas experiências. Aprender, segundo o texto, significa libertar-se das influências da vida corpórea. Colocar-se o Espírito em um nível mental em que suas emoções, seus desejos e suas expectativas não mais se identifiquem com os prazeres e necessidades do mundo, e que estejam focados em aspirações superiores: o nobre, o belo, o sadio e o útil. Um instante surge na evolução do Espírito em que as condições inerentes à corporeidade são dispensáveis, pois já não oferecem os elementos necessários ao desenvolvimento espiritual. O que um estudante universitário ganharia assistindo aulas do

ensino fundamental? Vencida, então, essa etapa, o Espírito busca outros meios, onde experiências mais elaboradas, desconhecidas por nós, serão oferecidas a ele.

Ainda na mesma referência da *Revista Espírita*, Kardec propõe uma ordenação do progresso humano, didaticamente dividido em três períodos principais, a saber:

1 – *Período material*, no qual a influência da matéria domina a do Espírito. É o estado dos homens que se entregam às paixões brutais e carnis, à sensualidade; cujas aspirações são exclusivamente terrestres, ligadas aos bens temporais, ou refratárias às ideias espirituais;

2 – *Período de equilíbrio*, no qual as influências da matéria e do Espírito se exercem simultaneamente; em que o homem, embora submetido às necessidades materiais, pressente e compreende o estado espiritual; em que trabalha para sair do estado corporal; Nesses dois períodos o Espírito está sujeito à reencarnação, que se realiza nos mundos inferiores e médios.

3 – *Período espiritual*, no qual tendo o Espírito dominado completamente a matéria, não mais necessita da encarnação, nem do trabalho material, pois seu trabalho é inteiramente espiritual; é o estado dos Espíritos nos mundos superiores.

Viver a experiência

As condições diversas relacionadas à corporeidade permitem ao reencarnante viver experiências diferentes, que são sempre experiências de crescimento. Em cada

experiência, ele vai internalizando conquistas, aprendendo com os erros, expandindo as possibilidades da mente, elaborando emoções, conquistando sentimentos superiores, desenvolvendo as potências do Espírito dormentes em sua individualidade.

São múltiplas as experiências: a experiência da escassez e a experiência da abundância, do desafio profissional e da perseverança, da enfermidade crônica e da limitação de um dos sentidos físicos. Também a experiência da beleza, da feiura, da luta contra os vícios sociais, contra a dependência química, o ambiente pernicioso, o mau exemplo dos pais, a solidão, a frustração afetiva etc.

Viver a experiência representa dar significado a ela para *aprender*: aprender a ser, a conhecer, a fazer, a conviver, a ceder, a amar sem condições, a servir sem esperar em troca, a esperar pacientemente, a escutar com atenção.

Buscar experiências que ensinem a atribuir valor a prazeres nobres e elevados. A espécie humana desenvolveu, através da evolução, mecanismos em seu cérebro que contribuem para a aptidão biológica, ou seja, sobreviver e reproduzir-se. Um desses mecanismos foi equipar o cérebro com uma *caixa de ferramentas do prazer*, levando o *Homo sapiens* a considerar como prazeroso tudo aquilo que possa contribuir para o seu sucesso genético. Os principais instrumentos geradores de prazer no cérebro, segundo biólogos evolucionistas, estão relacionados com *alimentação, sexualidade, segurança, paternidade, amizade, status e conhecimento*. Experiências reencarnatórias nobres convidam o Espírito a descobrir prazeres diferentes daqueles definidos biologicamente pela evolução: o

prazer de coisas simples como a conversa amigável, a música e a leitura; o prazer em ajudar, estudar, descobrir, o prazer de sentir-se crescendo espiritualmente.

Ninguém aprende com a experiência do outro. Quando uma jornalista perguntou a Dra. Elizabeth Klüber-Ross se ela acreditava na existência dos Espíritos, ela respondeu enfaticamente:

- "Não, minha filha, eu não creio! Eu *sei* que os Espíritos existem".

Para ela, a existência de um mundo espiritual não era mais uma questão de fé, de crença. Ela própria vivera as experiências mediúnicas, pois dialogara com doentes terminais que lhe apareceram depois da morte, falando-lhe da imortalidade da alma. Não precisava do artifício da fé, porque não mais dependia da experiência de outrem. Quando vivemos a experiência, não é mais uma questão de fé, mas de convicção.

Um comediante norte-americano disse, jocosamente, que no dia em que entrou no primeiro grau, sua mãe foi até a escola e disse ao professor: "Quando meu filho se comportar mal, por favor, bata na criança que está ao lado dele e assim ele aprenderá pelo exemplo." A graça da anedota está no absurdo da ideia. As experiências dos outros podem nos informar sobre determinada situação, nos esclarecer sobre fatos e conseqüências, mas não poderão jamais ser contabilizadas como elementos de construção pessoal: o progresso é particular, próprio, intransferível, pois se verifica na intimidade da criatura. Dá-se de dentro para fora. Ninguém negará o valor do estudo e do esclarecimento, mas o valor deles estará, sobretudo, em equipar o indivíduo de recursos para agir de forma melhor.

O aprendizado exige a concretude do ato, e, muitas vezes, da repetição do mesmo ato. Vejamos um exemplo: queremos fazer um bolo de chocolate tal como ensinado em determinado programa de TV. Quais os passos a seguir? Sentamo-nos diante da TV com um bloco de anotações. Registramos cautelosamente todos os passos, observando atentamente como foi feito. Memorizamos a receita. Somos capazes de reproduzi-la para qualquer pessoa. Pois bem, podemos afirmar que sabemos fazer o bolo? Obviamente, não! Para aprender a fazê-lo precisamos “colocar a mão na massa”, ou seja, precisamos colocar em prática tudo aquilo que aprendemos na teoria. Na primeira tentativa, talvez, o bolo fique sovado, na segunda, fofo demais, na terceira, grudará na forma. Possivelmente, depois de várias tentativas, o bolo fique bom. Aí sim, podemos afirmar: aprendemos como se faz um bolo de chocolate!

Evoluir é, sobre certo aspecto, como aprender a andar de bicicleta. Quem deseja fazê-lo se inscreve em um curso teórico ou compra o manual “Como andar de bicicleta”? Não! O aprendiz sobe na bicicleta e tenta andar. Tomará algumas vezes, até que seu cérebro, “domando” os circuitos relacionados ao equilíbrio, automatize o processo e aprenda a andar sem cair. Enquanto Espírito jovem, em encarnações primitivas, a bicicleta nos é oferecida com duas rodinhas. A tutela da Espiritualidade superior é maior, como se dá com as crianças, e a evolução mais lenta. Posteriormente, um pouco mais amadurecidos, uma das rodinhas é retirada (como se os anjos guardiães dissessem: “tente você mesmo!”). Mais adiante, finalmente, identificados com uma evolução consciente, mais maduros diante da possibilidade de fazermos por nós mesmos, a segunda

rodinha também é retirada e passamos a ser responsabilizados por nossas escolhas.

Só se evolui vivendo a experiência! Podemos nos condoer com alguém que perde um ente querido; tentar, até mesmo, nos colocarmos no lugar dele, mas viver a realidade da perda é possível somente àquele que perde de verdade. Imaginar a dor de uma hérnia de disco é algo que nossa mente pode tentar, mas só quem a teve sabe de verdade o que significa.

Capítulo 2: O organismo e o ambiente

O ambiente onde o Espírito é chamado a vivenciar sua experiência física pode ser colocado na condição de prova, sejam o ambiente *compartilhado* e o *não compartilhado*. O ambiente *compartilhado* é aquele que exerce influência sobre nós e nossos irmãos igualmente: nossos pais, nossa vida doméstica e nossa vizinhança. O ambiente *não compartilhado* é todo o resto: qualquer coisa que influencie um irmão, mas não o outro, incluindo experiências únicas como cair de uma bicicleta ou ser infectado por um vírus, e, na verdade, qualquer coisa que nos aconteça no decorrer da vida que não necessariamente aconteça aos nossos irmãos. Estudos em diferentes áreas do conhecimento humano têm mostrado que, quase invariavelmente, as pessoas moldam-se conforme seus iguais nos ambientes que vivem, ou se desenvolvem dentro das possibilidades que o meio que as cercam lhes oferece.

A relevância das influências do meio na formação da personalidade humana é notada no pensamento Kardequiano. Comenta Kardec que embora o Espírito conserve, em suas novas existências, os traços do caráter moral das existências anteriores, isso nem sempre é evidente, pois sua posição social também pode não ser a mesma. Se de senhor ele se torna escravo, suas inclinações serão muito diferentes e teríamos dificuldades em reconhecê-lo. Lembra o codificador que o Espírito sendo o mesmo, nas diversas encarnações, suas manifestações podem ter, de uma para outra, certas semelhanças. Estas, entretanto, serão modificadas pelos costumes da nova posição, até que um

aperfeiçoamento notável venha a mudar completamente o seu caráter.⁶

Destacamos no texto a expressão *modificada pelos costumes*. Notem que Kardec se refere não ao Espírito em si mesmo, mas às *suas manifestações*. O Espírito (a individualidade) diante de influências da cultura em que está inserido tem modificadas as suas manifestações, ou seja, como ele se mostra, seu jeito de ser, em outras palavras, a sua personalidade. Importante diferenciar, então, *individualidade* – o Espírito imortal – de *personalidade* – o resultado do somatório de três elementos: a alma, o corpo e o ambiente.

Desenvolvendo o tema, Kardec perguntou aos Espíritos no item 398-a de *O Livro dos Espíritos*, se o homem pode cometer numa existência faltas que não tenha cometido em existências precedentes. Eles esclareceram que a posição em que está inserido o Espírito pode induzi-lo a cometer faltas que não foram cometidas anteriormente, sem que isso represente retrocesso. Mas os Benfeitores fazem uma ressalva: a maior ou menor influência do meio depende do progresso do Espírito; quanto mais elevada, do ponto de vista espiritual, menos a individualidade reencarnada se deixará influenciar pelo meio.

Ambientes saudáveis e ambientes conturbados ou perturbadores enviam sinais para a individualidade reencarnante. Os ambientes pacíficos, resultados de comportamentos éticos e equilibrados, mostram ao Espírito como vale a pena dedicar-se a construção do bem, e servem de estímulos para que ele faça o mesmo.

⁶ O Livro dos Espíritos, item 216

Ambientes perturbados por desvios éticos ou em decorrência de desarmonia entre as pessoas também contribuem no aprimoramento do Espírito, pois ele é chamado a desenvolver a humildade, a indulgência e o espírito de serviço. Tudo isso funciona como ferramenta para o amadurecimento de suas emoções e de seus sentimentos.

Chico Xavier comentou, em diversas oportunidades, com amigos distintos, que os sofrimentos vividos por ele na infância, como a dupla orfandade, a crueldade sofrida de pessoas perturbadas, o pai caracterizado por recursos intelecto morais limitados, a família numerosa e as dificuldades financeiras nada tinham a ver com sua história cármica. Essas experiências difíceis tinham por objetivo desenvolver sua sensibilidade e a capacidade de se conduzir com o sofrimento alheio, capacitando-o para as tarefas mediúnicas que viriam depois. Em depoimento emocionado a um grupo de amigos, e referindo-se particularmente à figura do genitor, Chico comentou:

“O meu pai era um homem muito severo, convivi pouco com ele, mas ele me marcou muito... Hoje compreendo que tive o pai que precisava ter. Se eu tivesse tido moleza, não sei o que teria sido de mim... Não sou adepto da violência, mas aprendi que sem disciplina criança alguma vira gente... Tínhamos muito medo do meu pai. A gente andava miudinho... Neste sentido, devo muito a ele. Ele me combatia, mas por outro lado, não me consentia a irresponsabilidade; ele não ia ao centro, mas queria saber se eu tinha ido... Apenas nos seus últimos tempos é que houve uma maior aproximação entre nós. Ele não dizia, no entanto eu lia nos olhos dele o seu desejo de se desculpar comigo... Nunca tivemos a conversa que, com certeza, um dia ainda haveremos de ter”.

Chico reconheceu, modestamente, o valor da personalidade paterna na formação do seu caráter, no entanto, muitas pessoas só se dão conta disso após o término da existência corpórea, quando de posse de uma visão mais vasta do significado da vida, se debruçam sobre os fatos da encarnação concluída. Nessa oportunidade, com uma visão mais clara da realidade, tendo acesso a recordações de experiências anteriores, poderá compreender o sentido de tantos relacionamentos conflituosos. Aí sim, vai se deparar com o significado desse pensamento: "Tive o pai que precisava ter".

A prova dos genes

Genes são pequenas estruturas encontradas, em maior parte, nos núcleos das células, contidos nos cromossomos. Muitos deles especificam grande parte das proteínas que a célula vai fabricar. Como as proteínas são essenciais no funcionamento de nosso corpo, podemos aquilatar a importância dos genes. Há muito tempo, sabe-se que os genes estão relacionados a quase todas as características físicas de um indivíduo, como a altura, peso, cor dos olhos, traços fisionômicos, reações metabólicas, resposta a medicamentos, tendência a certas enfermidades etc., todas elas dependentes igualmente de influências ambientais. Nos últimos anos, surgiram muitas evidências de que os genes estão vinculados também às características psicológicas de um indivíduo, ou seja, seu *jeito de ser*.

A pesquisa na área da genética sobre a personalidade é extensa e está descrita em vários livros.

A mensagem básica é a seguinte: os genes têm uma contribuição importante para as diferenças individuais na personalidade. Traços de personalidade como comportamentos de risco, frequentemente chamado de busca de sensações, uso e abuso de droga, timidez, violência, obesidade, comportamento antissocial, inteligência e habilidades de aprendizagem têm alguma influência genética.

Kardec reconheceu isso ao afirmar que *o Espírito encarnado está sob a influência da matéria*.⁷ Foi ainda mais explícito ao colocar que o livre exercício das faculdades está subordinado ao desenvolvimento dos órgãos, porque os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma, como a excelência de um trabalho está subordinado à excelência da ferramenta.⁸

Embora os genes estejam relacionados a diversos traços do comportamento humano, isso não significa que haja um determinismo biológico, como também não há um determinismo ambiental. Acreditamos que a influência genes/corpo/ambiente será inversamente proporcional à condição de superioridade intelecto-moral da entidade reencarnada. Espíritos superiores estarão menos susceptíveis à influência dos genes e do meio do que os Espíritos evolutivamente inferiores. Essa ideia parece ser sugerida pelos Benfeitores ao afirmarem que a manifestação da inteligência do Espírito em cada encarnação depende da *sua superioridade*, além, obviamente, das condições do corpo que tomar.⁹

⁷ O Livro dos Espíritos, Introdução, item 6

⁸ O Livro dos Espíritos, item 369

⁹ O Livro dos Espíritos, Item 180

Pelo fato de uma característica humana apresentar influência genética, não significa que nada possa ser feito para alterá-la. Excetuando-se casos extremos, como determinadas doenças hereditárias (albinismo e doença falciforme, por exemplo), os traços comportamentais são em geral influenciados por múltiplos genes e múltiplos fatores ambientais, e acima de tudo, tem-se que considerar o poderoso papel do Espírito, que, valendo-se dos seus valores e de sua atitude mental, pode exercer notável influência sobre os genes e o ambiente onde está inserido. Genes relacionados à violência podem ser transmitidos dos pais para os filhos, mas a violência sem si mesma não! Isso porque a violência é resultante de muitos fatores, sendo o mais importante deles, as aquisições morais trazidas pelo Espírito em experiência na Terra.

Atribuir as imperfeições humanas ao próprio organismo físico seria acreditar que o homem é uma máquina, joguete da matéria, sem responsabilidade sobre os seus atos, o que é um absurdo. Lembra Kardec que *não há arrastamento irresistível, quando se tem a vontade de resistir*¹⁰ e que *nunca há fatalidade nos atos da vida moral*.¹¹

As influências dos genes no comportamento humano, assim como as influências sociais, vinculam-se a tendências probabilísticas e não a uma determinação fatalista. Em outras palavras, a complexidade da maioria dos sistemas comportamentais mostra que os genes não são o destino, e, tampouco, podemos responsabilizar isoladamente a nossa criação por sermos como somos. O

¹⁰ O Livro dos Espíritos, item 845

¹¹ O Livro dos Espíritos, item 872

Espírito é “senhor” da matéria. Genes e ambiente exercem influência sobre o Espírito encarnado, mas ele é sempre o dono de suas próprias decisões, fazendo as escolhas e nortear seu caminho. Se certo Espírito reencarnante herda dos pais genes estatisticamente relacionados à obesidade, muito provavelmente terá que lutar contra a possibilidade do excesso de peso. O mesmo raciocínio vale para quando se herda genes relacionados à construção de um cérebro com circuitos da violência mais ativos. O indivíduo será convidado, por sua própria consciência, a controlar os seus impulsos e a dominar as tendências herdadas. Através do autocontrole, na luta contra suas más inclinações, encontrará elementos propiciadores de crescimento espiritual e poderá superar as predisposições negativas do corpo. Mesmo porque é amplamente reconhecido que o comportamento (como agimos) pode causar mudanças na expressão dos genes e na estrutura e função cerebral.

O Espírito e a seleção dos genes

A identificação do Espírito com determinado contexto reencarnatório não se dá de forma aleatória. A presença numa ou noutra família corporal e em uma cultura específica obedecem, via de regra, a princípios de afinidade espiritual, onde individualidades afins se reencontram para viver experiências em comum.

De forma equivalente, os genes que vão construir e fazer funcionar o novo corpo não são resultado do acaso, mas “selecionados” inconscientemente pelo reencarnante quando de sua imersão na matéria física,

através de um processo automático ignorado por nós, ou devidamente joeirado por Espíritos vinculados à essa tarefa . A seleção do conjunto de genes que mais se identifica com as necessidades do Espírito reencarnante é condição essencial ao desiderato de sua existência corporal. O processo da fecundação, onde o espermatozoide que “vence a corrida” penetra na intimidade do óvulo, formando a célula-ovo é “gerenciado”, geralmente de forma inconsciente e por mecanismos desconhecidos, pelo Espírito que retorna a Terra, ou por Espíritos que conhecem a técnica da dinâmica reencarnatória.

A lei de causa e efeito, por mecanismos desconhecidos, ou, em situações específicas, pela atuação de Espíritos vinculados ao reencarnante, vincula a entidade em vias de reencarnar ao aparelho genésico de uma mulher que, na maioria das vezes, se relaciona a ele por elos de afinidade espiritual. A ligação inicial da entidade reencarnante será ao óvulo materno (gameta feminino). Os ovários da mulher possuem cerca de 400 mil óvulos quando da primeira menstruação. Mensalmente, um óvulo (os ovários se alternam ciclicamente), por influência de hormônios liberados pela glândula hipófise, sofre o processo de amadurecimento e é liberado pelo ovário, sendo recolhido pela tuba uterina. Os cientistas admitem, até então, que a ovulação seja um processo aleatório, ou seja, não são conhecidos os fatores que determinam qual óvulo, em detrimento de outros, sofrerá processo de amadurecimento e liberação.

Esse processo, todavia, não é aleatório. O psiquismo reencarnante, via seu campo magnético, sintoniza-se com o gameta feminino cujo conjunto de genes se identifica com as suas características pessoais, ou seja, sua identidade espiritual, onde se refletem, de forma

automática, suas necessidades evolutivas. As energias da entidade reencarnante projetadas no óvulo "selecionado", vai magnetizar essa célula, disparando o mecanismo fisiológico conhecido pela biologia reprodutiva como *ovulação*.

Processo idêntico ocorre quando da "seleção" do gameta masculino. No ejaculado humano, milhões de espermatozoides disputam o privilégio de unir-se ao gameta feminino ao término da disputada corrida, através do aparelho genital feminino. Qual espermatozoide vencerá a corrida? O mais apto, afirmam os pesquisadores! Na verdade, vencerá a corrida o espermatozoide que carrega em seus vinte e três cromossomos os genes que sintonizam com o psiquismo reencarnante. Importante lembrar que, em diversas situações, a escolha do óvulo e do espermatozoide será de responsabilidade dos Espíritos relacionados à dinâmica reencarnatória.

Ao fim da corrida, que se dá, via de regra, no terço posterior da tuba uterina, espermatozoide (carregando 23 cromossomos) e óvulo (igualmente com seus 23 cromossomos) fundem seus núcleos, dando origem à célula ovo, com os 46 cromossomos da espécie humana. Nesse instante, o Espírito reencarnante concentra suas energias na célula que acaba de se formar, ligando-se, então, de forma mais ostensiva, à dimensão material.

Embora o Espírito participe (via de regra, de forma inconscientemente) da seleção dos gametas responsáveis pela formação de seu corpo físico, ou mesmo esses genes sejam selecionados pelos técnicos do processo reencarnatório, do exposto, não se pode concluir que o reencarnante (ou os técnicos) "seleciona" de forma indiscriminada *todos* os genes que "deseja",

“merece” ou “precisa”. Existem leis biológicas que serão obrigatoriamente respeitadas. Uma dessas leis mostra que certos genes, estando tão próximos em região específica do cromossomo, serão selecionados em conjunto, como um verdadeiro pacote. Quando da formação dos gametas (espermatozoide e óvulo) esses genes permanecem sempre muito juntos e não podem ser separados. Isso se chama *linkage*, ou seja, genes unidos. Assim, ao “selecionar” determinados genes necessários a sua nova experiência encarnatória, o Espírito pode “carregar” outros genes, que não foram necessariamente “escolhidos”, mas que vêm no pacote.

Vejamos um exemplo hipotético: determinado Espírito deseja (ou precisa) viver experiências na esfera da música, na condição de pianista. Ao sintonizar-se com o gameta paterno e materno, o fará com aqueles que contêm genes vinculados à fisiologia musical do cérebro. Assim, a construção e o funcionamento de um cérebro com circuitos mais adequados ao exercício da música lhe estarão assegurados. Se, por hipótese, junto a esses genes se encontram genes relacionados, por exemplo, à calvície, eles virão juntos. Ele deverá se constituir em um pianista *calvo*. Os genes da calvície, nesse nosso exemplo, não foram selecionados pelo reencarnante, mas vieram, por *linkage*, no pacote.

Outro exemplo: certa entidade precisa ou deseja desenvolver experiências profissionais em dada atividade esportiva, necessitando de um aparelho osteomuscular adequado. Assim, ele vai selecionar os genes paternos e maternos que permitirão construir um corpo com as características físicas que necessite. Se, por hipótese, esses genes estiverem ligados (em *linkage*) no mesmo cromossomo a genes relacionados, por exemplo, a obesidade e a gagueira, esse hipotético atleta deverá

lutar em toda a sua existência contra as dificuldades relacionadas às duas condições citadas.

Experiências de gênero

Kardec definiu que os Espíritos, em sua longa marcha ascensional, devem habitar corpos de homens e de mulheres e que, ao reencarnar, se identificará com um corpo do gênero masculino ou feminino dependendo das provas porque haja de passar. Como deve progredir em tudo, cada sexo lhe oferece deveres especiais e oportunidades específicas para adquirir experiências. Aquele que fosse sempre homem só saberia o que sabem os homens; o que sempre fosse mulher só saberia o que sabem as mulheres. A necessidade de vivenciar experiências reencarnatórias em ambas as polaridades sexuais, segundo Kardec, está relacionada aos *deveres* inerentes a cada uma dessas posições e as *provas* a elas vinculadas.¹²

É claro, que muitas coisas estão mudando. Muitas mulheres, hoje, encontram-se desenvolvendo notáveis atividades fora do lar com uma competência admirável e, por outro lado, homens cada vez mais estão colaborando com os afazeres domésticos e coparticipando na educação dos filhos. Isso apenas raramente era visto, no passado. Todas as possibilidades de aprimoramento do ser humano em atividades que lhe sejam prazerosas e gratificantes devem, a nosso ver, ser facilitadas e estimuladas, independentemente do gênero, no entanto,

¹² O Livro dos Espíritos, itens 200 a 202

por condições estritamente biológicas, as experiências de gênero jamais serão absolutamente equivalentes.

Recentes estudos em neurociência ratificam tal conceito ao mostrar que, do ponto de vista psicofisiológico, homens e mulheres são bem diferentes, e que essas diferenças têm raízes em caracteres biológicos e, obviamente, em elementos de socialização. Algumas diferenças são do domínio público - as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao sofrimento de outrem do que os homens, bem como leem melhor as emoções do que os homens. Outras diferenças vêm sendo detalhadas, nos últimos anos, por estudos bem delineados.

Apresentamos uma síntese desses estudos, extraída do livro *Tábula rasa*, do neurocientista Steven Pinker.

01- Homens e mulheres possuem todos os mesmos genes, com exceção de um punhado no cromossomo Y, exclusivo dos homens. O cromossomo Y desencadeia o crescimento de testículos em um feto masculino. Os testículos secretam o hormônio testosterona. A testosterona tem efeitos duradouros sobre o cérebro durante o desenvolvimento fetal, nos meses seguintes ao nascimento e durante a puberdade, e tem efeitos transitórios em outros períodos da vida. Os estrogênios, hormônios sexuais femininos, afetam também o cérebro por toda a vida. Receptores desses hormônios são encontrados em várias regiões do cérebro.

02- Os cérebros dos homens diferem visivelmente dos cérebros das mulheres de vários modos. Os homens têm cérebros maiores, embora as mulheres possuam uma porcentagem maior de matéria cinzenta. Regiões do hipotálamo relacionadas ao comportamento sexual e à agressão são maiores nos homens.

03- Quando mulheres em preparo para uma cirurgia de mudança de sexo recebem testosterona, melhoram nos testes que avaliam inteligência espacial e pioram nos testes de fluência verbal.

04- Mulheres com níveis elevados de testosterona sorriem com menos frequência e têm mais casos extraconjugais, uma presença social mais marcante e até um aperto de mão mais forte. Quando os níveis de estrogênios estão altos tornam-se melhores em tarefas que tipicamente executam melhor como a fluência verbal. Meninas com hiperplasia suprarrenal congênita, que têm produção excessiva de hormônios masculinos, crescem com jeito de moleque, brincam de luta e demonstram mais interesse em caminhões que em bonecas.

05- Os homens têm preferência muito mais acentuada pelo sexo sem compromisso, e muito maior probabilidade de competir uns com os outros violentamente.

06- A habilidade de manipular mentalmente objetos tridimensionais é bem maior nos homens. Embora os homens sejam, em média, melhores em fazer a rotação mental de objetos e mapas, as mulheres são melhores para lembrar pontos de referência e as posições dos objetos. Os homens têm melhor pontaria, as mulheres são mais jeitosas. As mulheres são mais sensíveis a sons e odores e são muito melhores na leitura de expressões faciais e da linguagem corporal. As mulheres vivenciam emoções básicas com mais intensidade, excetuando-se, talvez, a raiva. As mulheres têm relacionamentos sociais mais íntimos, são mais preocupadas com eles e sentem mais empatia por seus amigos. Elas fazem mais contato visual, sorriem e riem com mais frequência. As mulheres

são mais atentas ao choro corriqueiro de seus bebês e mais solícitas com os filhos em geral.

Como mostrado pela Biologia comportamental, ambas as polaridades sexuais têm o que oferecer ao Espírito encarnado. Depende dele, portanto, aproveitar, ao máximo, aquilo que a evolução lhe propõe em todas as experiências reencarnatórias, desenvolvendo as possibilidades inerentes a eles.

Experiência da homossexualidade

Eventualmente, alguns Espíritos se inserem na experiência da homossexualidade. Os que se inserem nessa experiência o fazem por questões de natureza espiritual, embora com evidentes correlações biológicas.

Chico Xavier, em entrevista publicada pelo jornal *Folha espírita*, em março de 1984, informava quanto às relações biológicas da homossexualidade:

Em minhas noções de dignidade do espírito, não consigo entender por que razão esse ou aquele preconceito social impedirá certo número de pessoas de trabalhar e de serem úteis à vida comunitária, unicamente pelo fato de haverem trazido do berço características psicológicas ou fisiológicas diferentes da maioria.

Joanna de Ângelis corrobora o pensamento anterior nesse texto, de 2007, do livro *Encontro com a paz e a saúde*:

O fato de alguém amar outrem do mesmo sexo não significa distúrbio ou desequilíbrio da personalidade, mas

uma opção que merece respeito, podendo também ser considerada como certa predisposição fisiológica. Pode-se considerar como uma necessidade sexual diferente com objetivos experimentais no processo da evolução. O amor, no entanto, será sempre o definidor de rumos em favor do ser humano em toda e qualquer situação em que o mesmo se encontre.

As expressões *trazido do berço* e *predisposição fisiológica*, empregadas pelos autores espirituais, retratam o pensamento científico atual, que entende a ver a homossexualidade como resultado de uma predisposição fisiológica, definida intraútero, ou seja, no período de formação fetal.

O conhecimento da biologia relacionada à diferenciação sexual do feto é essencial no entendimento de como a Neurociência tende a ver a homossexualidade.

Dick Frans Swaab, professor de neurobiologia na Universidade de Amsterdã, Holanda, em artigo de revisão, publicado em 2007, apresenta as seguintes ideias: O feto começa a diferenciar-se em masculino e feminino nas primeiras semanas de vida. Isso se verifica em função da presença ou ausência do cromossomo Y nas células fetais, que como se sabe é encontrado apenas nas células masculinas (homens são XY e mulheres XX). Genes localizados principalmente no cromossomo Y fazem com que as gônadas fetais (que a princípio são indiferenciadas, ou seja, podem se desenvolver para testículo ou ovário) produzam concentrações de testosterona, o mais importante hormônio masculino. A testosterona é o principal responsável pela formação dos órgãos sexuais masculinos (testículo, pênis, próstata). Na ausência de

testosterona, o que se ocorre nos fetos femininos, as gônadas rudimentares se desenvolvem naturalmente para a formação dos órgãos sexuais femininos (ovário, tubas uterinas, útero, vagina).

A testosterona não age apenas na diferenciação dos órgãos sexuais, mas também na diferenciação do cérebro, que vai assumir características masculinas ou femininas na presença ou ausência desse hormônio. O cérebro fetal exposto a concentrações de testosterona assumirá características masculinas, como a atração pelo sexo feminino. O cérebro que não sofre ação da testosterona terá por sua vez características femininas, como o desejo sexual direcionado para o sexo masculino.

A diferenciação sexual do feto não ocorre simultaneamente em sua totalidade. Ocorrem duas fases distintas. A primeira fase, nos dois primeiros meses de vida fetal, com a formação dos órgãos sexuais (testículos, pênis e próstata no homem e vagina, ovário e útero na mulher) e a segunda fase, na segunda metade da gravidez, com o desenvolvimento das características femininas ou masculinas no cérebro. Na presença de testosterona o cérebro fetal se desenvolve com características masculinas e na ausência desse hormônio o desenvolvimento se dá com características femininas.

Na maioria das vezes, os órgãos sexuais e a estrutura cerebral se desenvolvem na mesma direção: se foram expostos à testosterona serão meninos; se não entraram em contato com esse hormônio serão meninas.

No entanto, como a diferenciação sexual dos genitais tem lugar nos primeiros dois meses de gravidez e a diferenciação sexual do cérebro inicia-se durante a segunda metade da gravidez, esses dois processos

podem ser influenciados de forma independente um do outro. A homossexualidade humana, na ótica neurocientífica, pode ter suas origens nessa dicotomia. O feto se desenvolve como menino do ponto de vista dos órgãos sexuais, mas o cérebro adquire uma orientação sexual feminina, ou vice e versa.

O fato de se admitir uma base biológica para a homossexualidade não significa que suas origens se encontrem somente em genes, neurônios e hormônios. Suas raízes provavelmente estejam na entidade espiritual em processo reencarnatório. No organismo humano em formação dentro do útero materno a consciência espiritual vai projetar-se, materializando sua condição evolutiva e suas necessidades de desenvolvimento intelecto-moral. As raízes biológicas da homoafetividade retratam unicamente as telas físicas de uma realidade espiritual, que a precede. A homoafetividade, do ponto de vista espiritual, pode ser entendida como uma condição relacionada à mudança reencarnatória de polaridade sexual, em que Espíritos que vinham vivenciando experiências físicas em determinado gênero sexual, retornam ao cenário físico em gênero oposto.

Mas o que poderia levar um Espírito a uma mudança reencarnatória de polaridade sexual? Após várias existências como homem, vir a encarnar-se em um corpo de mulher, ou vice-versa? Emmanuel, examinando a questão da homoafetividade, no livro *Vida e sexo*, cap. XXI, esclarece:

[...] o Espírito no renascimento, entre os homens, pode tomar um corpo feminino ou masculino, não apenas atendendo-se ao imperativo de encargos particulares em determinado setor de ação, como também no que concerne a obrigações regenerativas.

O pensamento do autor propõe que, do ponto de vista da causalidade, a homossexualidade pode estar relacionada a duas situações bem definidas: uma *condição expiatória*, alcançando entidades que vinham se comprometendo com uma sexualidade atormentada e geradora de desdita alheia e outra situação, a de Espíritos que passam a vivenciar experiências em gênero sexual oposto para o *desenvolvimento de qualidades espirituais* específicas em prol de si mesmo ou da humanidade.

Muitos casos de homossexualidade estão vinculados a questões cármicas, onde Espíritos são levados a uma reencarnação em um corpo cuja anatomia não condiz com sua psicologia, como resposta da lei de causa e efeito.

Escreveu, a esse respeito, o Espírito Emmanuel, na referência citada anteriormente:

O homem que abusou das faculdades genésicas, arruinando a existência de outras pessoas com a destruição de uniões construtivas e lares diversos, em muitos casos é induzido a buscar nova posição, no renascimento físico, em corpo morfologicamente feminino, aprendendo, em regime de prisão, a reajustar os próprios sentimentos, e a mulher que agiu de igual modo é impulsionada à reencarnação em corpo morfologicamente masculino, com idênticos fins.

É necessário reafirmar, contudo, que a orientação homossexual verifica-se, muitas vezes, sem nenhum nexos cármico, sem identificar-se com Espíritos culpados ou inseridos em existências expiatórias. Pode tratar-se de uma experiência particular de crescimento espiritual, sem retratar um obrigatório atraso espiritual, mas contribuindo para que o reencarnante vinculado a ela

aprimore elementos identificados com as emoções e os sentimentos. Escreveu, ainda, Emmanuel:

[...] em muitos outros casos, Espíritos cultos e sensíveis, aspirando a realizar tarefas específicas na elevação de agrupamentos humanos e, conseqüentemente, na elevação de si próprios, rogam dos Instrutores da Vida Maior que os assistem a própria internação no campo físico, em vestimenta carnal oposta à estrutura psicológica pela qual transitoriamente se definem. Escolhem com isso viver temporariamente ocultos na armadura carnal, com o que se garantem contra arrastamentos irreversíveis, no mundo afetivo, de maneira a perseverarem, sem maiores dificuldades, nos objetivos que abraçam.

André Luiz apresenta considerações equivalentes, em *Ação e reação*, cap. XV:

[...] Nessa definição, porém, não incluímos os grandes corações e os belos caracteres que, em muitas circunstâncias, reencarnam em corpos que lhes não correspondem aos mais recônditos sentimentos, posição solicitada por eles próprios, no intuito de operarem com mais segurança e valor, não só o acrisolamento moral de si mesmos, como também a execução de tarefas especializadas, através de estágios perigosos de solidão, em favor do campo social terrestre que se lhes vale da renúncia construtiva para acelerar o passo no entendimento da vida e no progresso espiritual.

Essas considerações nos levam a ver orientação homoafetiva de forma mais amistosa, com leveza e naturalidade. Ao contrário do que se pensava, a homoafetividade não representa uma condição viciosa, pecaminosa, patológica, resultado de educação equivocada ou opção infeliz. Os Espíritos reencarnados

nessa condição devem ser reconhecidos, não por sua orientação sexual, mas sim, por seus valores éticos e intelectuais, sua capacidade de amar, sua criatividade, tal qual são reconhecidos os heterossexuais.

A prova da riqueza e da pobreza

São, obviamente, diferentes os desafios apresentados aos Espíritos encarnados em condições socioeconômicas distintas: pobreza extrema e opulência material. Em nosso país, em particular, as absurdas e injustificáveis desigualdades sociais são, em grande medida, responsáveis por graves problemas vivenciados pela população, particularmente a violência e a criminalidade. Enquanto não nos decidirmos, por decisões políticas e esforços comunitários, interromper esse perverso ciclo de pobreza/riqueza, os Espíritos vão ganhando as experiências necessárias. E muitas delas se revestem de desafios particulares.

No excelente texto didático *Psicologia cognitiva*, os autores Robert e Karin Sternberg, relatam as elegantes pesquisas da Dra. Martha Farah, que relacionam neurociência cognitiva e pobreza na infância. Ao ter uma filha, a professora Farah direcionou seu foco de interesse para a neurociência cognitiva do desenvolvimento. Mas o que prendeu o seu interesse no desenvolvimento cerebral não foi ver sua filha crescer, mas conhecer as babás que entraram em sua vida e o aprendizado que teve com elas e seus filhos pequenos. Essas babás eram jovens e de baixo status socioeconômico, cresceram em famílias dependentes de ações de bem-estar social e apoiaram os próprios filhos jovens com assistência do

estado complementada com o salário de babá. À medida que se aproximava das jovens funcionárias e seus filhos ela aprendia sobre um mundo muito diferente do seu.

Os filhos dessas famílias vindas do interior começaram a vida com o mesmo potencial que o de sua filha, aprenderam palavras, brincaram, fizeram perguntas e lutaram contra os desafios de cooperação, disciplina e autocontrole. Mas logo encontraram o próprio caminho em trajetórias de vida desanimadoras, assim como as dos pais, com habilidades, opções e esperanças limitadas.

Isso levou a Dra. Martha a uma série de estudos sobre os efeitos da pobreza na infância em termos de descrição da mente segundo a neurociência cognitiva. Descobriu os efeitos mais evidentes nos sistemas de função de linguagem, liderança, criatividade e memória. As crianças de suas babás que possuíam, quando bem pequenas, o mesmo potencial de sua filha, mais tarde, passaram a apresentar óbvias diferenças em vários processos mentais. Algo aconteceu no desenvolvimento psíquico dessas crianças e estava claro que se devia aos elementos culturais decorrentes da pobreza.

As pesquisas com animais desenvolvidas pela cientista mostraram que quando um animal jovem está estressado, os hormônios do estresse podem danificar o hipocampo, área do cérebro mais intimamente relacionada ao aprendizado e a memória. Essas pesquisas também indicaram que um comportamento maternal mais carinhoso pode amortecer o hipocampo do jovem animal contra os efeitos do estresse. Isso foi consistente com a hipótese de que um ambiente estressante de pobreza aliado ao desamor e a desatenção materno-paterna afeta o desenvolvimento do

hipocampo. Um estudo posterior de volume do hipocampo em crianças descobriu diferenças de status socioeconômico, as quais foram atribuídas ao estresse e ao comportamento materno.

Segundo Kardec¹³, Deus concedeu a uns a riqueza e o poder, e a outros a miséria para experimentá-los de modos diferentes. Ambas as condições se revestem de dificuldades e riscos, mas oportunizam possibilidades de desenvolvimento espiritual. A miséria pode predispor a revolta e provocar queixas contra a Providência, estando mais relacionada estatisticamente com a criminalidade; a riqueza leva a todos os excessos, predispondo ao desequilíbrio, a doenças e a morte prematura. Por outro lado, se o rico está sujeito a maiores tentações, dispõe também de mais meios para fazer o bem. Lembra Kardec que

*[...] a alta posição do homem neste mundo e o ter autoridade sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias como a desgraça, porque, quanto mais rico e poderoso é ele, tanto mais obrigações tem que cumprir e tanto mais abundantes são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder. A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Por isso foi que Jesus disse: "Em verdade vos digo que mais fácil é passar um camelo por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino dos céus."*¹⁴

¹³ O Livro dos Espíritos, itens 814 e 815

¹⁴ O Livro dos Espíritos, item 816

As experiências reencarnatórias em condições socioeconômicas favoráveis oportunizam ao reencarnante possibilidades de belas realizações no campo da filantropia e na concretização de obras de engrandecimento social. Ele pode também tornar-se belo exemplo pelo desprendimento e espírito de solidariedade, através dos quais muitas pessoas podem se espelhar, se identificando com opções nobres de vida. As experiências em condição de opulência, todavia, se acompanham de problemas particulares como o tédio, a saciedade, a convivência com bajuladores e falsas amizades, além das exigências pessoais e familiares cada vez mais crescentes. Um pedaço de pão era suficiente para alegrar um camponês medieval faminto. Como alegrar um indivíduo entediado, muito bem remunerado e obeso? Quantas crianças reclamam da comida diante de uma mesa farta, e quantos jovens se irritam quando são obrigados a pegar o ônibus porque o carro da família está no concerto? Por outro lado, comodidades decorrentes do notável avanço tecnológico recente não alteraram substancialmente nossa percepção de bem estar. Automóveis, geladeiras, aparelhos de ar-condicionado, aspiradores de pó, lavadoras de louça, máquinas de lavar, telefones, televisões e computadores transformaram a vida cotidiana e a fizeram ficar quase irreconhecível, mas os estudos revelam que os níveis de percepção subjetiva de bem-estar dos americanos permaneceram mais ou menos os mesmos da década de 1950. O mesmo fenômeno se observou no Japão, em que a renda média multiplicou-se por cinco entre 1958 e 1987. Os japoneses na década de 1990 estavam tão satisfeitos – ou insatisfeitos – quanto estavam na década de 1950.

A despeito de nossas conquistas na área tecnológica e no conforto material sem precedentes nas últimas décadas, está longe de ser óbvio que os contemporâneos sejam significativamente mais satisfeitos do que seus ancestrais. Não podemos afirmar, com convicção, que sejamos mais felizes que nossas bisavós, a par das notáveis vantagens que levamos no terreno da medicina, dos transportes e da comunicação.

Atualmente, pensadores, e até economistas, defendem suplementar ou mesmo substituir o PIB (Produto interno bruto) que mede a riqueza das nações, pelo FIB (Felicidade interna bruta), que mede a satisfação das pessoas. Está claro que nem sempre as nações onde as pessoas se consideram mais felizes são aquelas de PIB mais elevado. Cingapura, por exemplo, onde cada cidadão produz em média, por ano, bens no valor de US\$ 56 mil, possui taxas de satisfação das pessoas bem menor que Costa Rica, cujo PIB é de US\$ 14 mil por ano. Importante considerar também que as taxas de suicídio são bem maiores, hoje, do que nas sociedades do passado, e que o autoextermínio tem prevalência muito maior nas nações ricas. Para ilustrar: no Peru, na Guatemala, nas Filipinas e na Albânia, países em desenvolvimento, onde grassam a pobreza e a instabilidade política, uma pessoa em cada 100 mil comete suicídio a cada ano. Em países ricos e pacíficos, como Suíça, França, Japão e Nova Zelândia, vinte em cada 100 mil pessoas tiram a vida, anualmente. Em 1985, a maioria dos sul-coreanos, que então viviam sob a ditadura autoritária, era pobre, tinha educação precária e era ligada à tradição. Hoje, a Coreia do Sul é uma das principais potências econômicas, seus cidadãos estão entre os mais instruídos do mundo e usufruem de um regime estável comparativamente, liberal e democrático.

Contudo, em 1985, cerca de nove em cada 100 mil sul-coreanos se mataram; no presente, a taxa anual de suicídio mais do que triplicou: é de trinta em cada 100 mil.

Sem examinarmos de forma profunda, mas refletindo, brevemente, a respeito da atual questão do apoio social, nos indagamos: se um casal da atualidade necessitasse, em caráter de urgência, de pessoas que pudessem ficar com seus filhos pequenos, por algumas horas ou alguns dias, encontrariam essas pessoas, facilmente? Suas avós, possivelmente, teriam às mãos um bocado de pessoas dispostas a fazer isso, gratuitamente. Os laços de amizade e o valor da parentela têm, hoje, a mesma intensidade que no passado? Quantas alegrias nossos antepassados vivenciaram nas visitas domingueiras. Em nossos dias, a maioria de nós só de pensarmos em sermos visitados por alguém, entramos em pânico. Hoje, coisa pouca nos incomoda muito!

Alguém perguntou a Freud se ele preferia tratar de ricos ou pobres. O criador da psicanálise respondeu: - "Os ricos". E justificou: - "Esses já sabem que dinheiro não resolve todos os problemas".

Outro ponto a se considerar: as facilidades de ordem material parecem se acompanhar de alguns problemas no campo moral, pelo menos no que se refere à autoindulgência, ou seja, a uma excessiva condescendência com eles mesmos. Pesquisa realizada nos EUA, em cidades da Califórnia, mostrou que motoristas de carros maiores e/ou de luxo tendem a cometer mais infrações de trânsito, notadamente cortar a frente dos demais veículos, ou não permitir que pedestres atravessassem na faixa.

Em encontros diretos, pessoas que têm maior status social tendem a dar muito menos atenção a quem tem status menor, de acordo com os resultados obtidos em uma série de estudos experimentais.

Em sessões de cinco minutos para a apresentação mútua, o indivíduo mais rico fazia menos contato visual, assentia menos com a cabeça e ria menos – atitudes que medem a interação – que o indivíduo menos rico. Na Holanda, ao contar sobre momentos de sofrimento a um desconhecido, o mais poderoso da dupla foi relativamente mais indiferente.

Estudos mostram que quando funcionários da mesma empresa interagem, o de maior status não só demonstra menos atenção, olhando menos para o outro, como tende a interromper mais e monopolizar a conversa.

Uma explicação possível é a seguinte: indivíduos com menos recursos financeiros e situação econômica mais frágil dependem de um bom relacionamento com aqueles a quem talvez precisem pedir ajuda algum dia. Eles precisam contar com outras pessoas, acreditam os pesquisadores. Um indivíduo rico, por sua vez, pode contratar alguém conforme a necessidade, e isso, é uma das razões porque os ricos podem se dar ao luxo de não se conectar a outras pessoas – inclusive ignorando-lhes o sofrimento e as necessidades. Obviamente, isso é um péssimo negócio em termos de aquisição evolutiva.

E ainda, ao ter em excesso, muitas vezes convertemos conquistas valorosas no campo do bem-estar pessoal em excessos prejudiciais a nós mesmos! O Viagra começou como um tratamento para milhares de homens portadores de impotência sexual, permitindo a eles recuperar as aptidões sexuais normais, mas não

demorou muito para que homens que não enfrentavam problemas de impotência passassem a usar a mesma pílula para se tornarem “ícones da função sexual”. A cirurgia plástica surgiu, na primeira guerra mundial, para tratar lesões faciais nos hospitais militares e beneficiou milhares de pessoas em todo o mundo, no entanto, vem sendo usada cada vez mais no aprimoramento dos saudáveis. Atualmente, os cirurgiões plásticos faturam milhões em clínicas particulares com o único e explícito objetivo de aprimorar os sadios e embelezar os ricos, alguns em busca da beleza impossível e da juventude eterna.

Alguns estudos na área da Psicologia têm examinado também as relações entre a aparência física e conduta pessoal, nas relações sociais e êxito profissional. Homens altos tendem a ser promovidos em seus empregos mais rapidamente do que os baixos. Mulheres com dotes de beleza começam frequentemente sua carreira profissional com um salário maior e sofrem penas menores quando cometem um crime. Em um experimento, sujeitos submetidos a uma falsa entrevista tiveram de ficar esperando durante uma interrupção encenada, quando o entrevistado foi chamado fora da sala. Os sujeitos sem atrativos físicos aguardavam nove minutos antes de reclamar; os atraentes, três minutos e vinte segundos. Os pesquisadores acreditam que a maioria dos indivíduos trata com mais respeito às pessoas altas e bem-apessoadas, e isso as torna mais bem-sucedidas e zelosas de seus direitos. Mostra o estudo que, se a prova da beleza predispõe o reencarnante ao desenvolvimento de uma personalidade mais segura, por outro lado, contribui negativamente na aquisição de valores como a paciência e a tolerância.

Resumindo: as facilidades oferecem recursos ao reencarnante para beneficiar um grande contingente de pessoas; as dificuldades, por sua vez, podem se tornar combustíveis para o progresso, levando o envolvido ao esforço de superação pessoal. Examinando o contraste que existe entre países que possuem abundantes recursos naturais e os que não os possuem, Eliana Cardoso, Ph. D em Economia pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts, comentou que países que possuem grandes recursos naturais, na maioria das vezes, estacionam na preguiça e nada fazem além de gastar de forma desorganizada o dinheiro ganho com a exploração desses recursos. Geralmente, não desenvolvem tecnologias, não investem em educação e alimentam a cobiça e a corrupção. A tendência de a abundância de riquezas naturais enfraquecer as instituições e solapar o desenvolvimento sustentado das nações é tão presente na história recente do mundo que é quase uma maldição.

O pensamento da professora Eliana encontra eco em um comentário jocoso feito, há muitos anos, por Golda Meir, fundadora e primeira-ministra do Estado de Israel. Referindo-se à estagnação tecnológica de muitos países ricos em petróleo, ela comentou que Moisés gastou quarenta anos procurando uma terra que não tivesse petróleo para estabelecer as raízes da nação israelita.

Até mesmo na natureza, encontramos exemplos altamente esclarecedores. Comenta o filósofo Daniel Dennett, no livro *Quebrando o encanto*, que os animais domesticados são significativamente mais burros que seus parentes selvagens. O cérebro deles é menor (em relação ao tamanho e a o peso do corpo). E isso por um único motivo: têm todas as suas necessidades básicas saciadas por seus donos. Registra também Dennett um

fato curioso: os coiotes estão surgindo como um acréscimo à vida silvestre da Nova Inglaterra e, recentemente, descobriram como distinguir, na neve, as suas pegadas das de seus primos, os cães domésticos. A trilha do coioote pode ser prontamente distinguida da de um cachorro porque as pegadas do coioote seguem uma quase extraordinária linha reta e em fila única, com as patas traseiras em alinhamento quase perfeito com as patas dianteiras, enquanto a trilha do cachorro é em geral desordenada, já que o cachorro corre exuberantemente para lá e para cá, satisfazendo qualquer desejo curioso. O cachorro é bem alimentado e sabe que vai ganhar o jantar, não importa o que aconteça, enquanto o coioote está em uma situação apertada e precisa conservar cada caloria para a tarefa mais premente: a autopreservação. Seus métodos de locomoção foram impiedosamente otimizados para obter eficiência.

Nas últimas páginas do livro *Nosso lar*, recebido pela psicografia de Chico Xavier, André Luiz se reporta à exortação de uma entidade esclarecida, quando dialogando com Espíritos amigos, que seriam os seus anjos da guarda na existência em vias de ser iniciada, coloca: *Eu só peço a vocês uma coisa, que eu, na minha próxima existência física, jamais encontre facilidades.*

Capítulo 3: A experiência da dor e do prazer

Quando meu pai completou 80 anos, foi-lhe comunicada a falência completa de seus rins e lhe indicada uma terapia renal substitutiva, a hemodiálise. Era a consequência de uma hipertensão arterial gravíssima que o acompanhara por quase toda a vida. Herança materna: dona Anita Borela de Oliveira, sua mãezinha, desencarnara aos 41 anos depois de uma série de acidentes vasculares cerebrais, decorrentes da hipertensão.

Meu pai estaria irremediavelmente ligado a uma máquina, três vezes por semana, com duração de quatro horas cada sessão. Para agravar: residia na localidade de Guarani, distante 70 km de Juiz de Fora, onde faria as sessões. Meu pai ficou triste, e com razão. Além das limitações decorrentes da idade avançada e de uma série de outras doenças, haveria o cansaço natural decorrente dos deslocamentos rodoviários.

A tristeza decorria também do fato de que os incômodos decorrentes da hemodiálise iriam reduzir sua intensa atividade no movimento espírita, não só de Guarani, como também de outras cidades, onde eventualmente se deslocava.

Em conversa fraterna, ele me disse:

-- Eu não entendo a razão dessa enfermidade no atual momento da minha vida! Afinal em nada vai contribuir em prol das tarefas que realizo. Vai, sim, criar-me embaraços e obrigar-me a reduzir o ritmo das tarefas!

Atento aos seus comentários, coloquei:

-- Eu não acredito que essa enfermidade tenha a ver com sua relação com os outros, e sim na sua relação com você mesmo.

E narrei-lhe um fato contado pela Dra. Elizabeth Klüber-Ross, quando da enfermidade de sua mãezinha.

Elizabeth encontrava-se na América do Norte, vinculada ao Hospital da Universidade da Califórnia, quando é informada de que sua mãe, residente em Zurique, fora acometida de severo acidente vascular encefálico. Dirige-se para a Suíça, e encontra a mãe, com 77 anos, internada em uma casa de repouso. A patologia vascular comprometera áreas da motricidade e da consciência e ela não voltaria a andar, a falar, ou compreender qualquer coisa. Durante muitos dias, Elizabeth ficou junto dela (o quadro duraria quatro anos, até a desencarnação) dando-lhe toda a atenção e o afeto filiais.

Mas certo dia, Elizabeth passou a cultivar alguns pensamentos negativos e desabou em uma reação de revolta:

-- Não é justo! Isso não é justo! Uma mulher como ela, esposa dedicadíssima, mãe amorosa, cidadã do bem, que nunca disse não a quem lhe pedisse qualquer coisa, terminar seus dias dessa forma. Isso não é justo!

Estava, então, cultivando esses pensamentos quando percebeu a aproximação de um Espírito amigo. A entidade chega amorosamente junto dela, e pelos canais da inspiração, diz:

-- Elizabeth, minha irmã, sua mãezinha durante toda a vida teve excelentes oportunidades de vivenciar o bem,

e o fez, com grande louvor! Jesus teve ter ficado muito feliz com ela. Mas agora, Elizabeth, a vida a convida a desenvolver outras disciplinas. Não mais a disciplina da bondade, que ela venceu de forma exemplar, mas as disciplinas da paciência, da humildade, da resignação. Porque enquanto existe vida, há lições a serem aprendidas.

Tive a oportunidade de acompanhar um acontecimento semelhante, há muitos anos, envolvendo um primo, José Eduardo Baesso, radicado na cidade do Rio de Janeiro. Por volta dos 40 anos de idade, ao submeter-se a um tratamento dentário, o anestésico aplicado acarreta-lhe uma crise hipertensiva com ruptura de um aneurisma cerebral.

Durante cerca de 40 dias, José Eduardo esteve em estado de coma, sob a supervisão amorosa da mãe, da esposa e dos amigos, até que veio a falecer.

Algumas semanas depois, encontrava-me em uma reunião de intercâmbio mediúnico, na cidade mineira de Guarani, quando ele se apresenta através de um médium que ignorava toda a sua história. Agradece emocionado o carinho de todos, envia saudações à mãe e à esposa, e, ao despedir-se, diz:

-- Os quarenta dias em que meu corpo permaneceu em estado de coma foram mais importantes para mim do que todo o período da atual existência. Só o corpo estava inerte. Eu presenciei tudo, ansiava pela volta ao corpo, sofria pelas limitações físicas e fui levado a construir dentro de mim valores de paciência e serenidade. Efetivamente, todos que conheciam José Eduardo se surpreendiam com sua inteligência invulgar, mas com sua notória impaciência, incapaz de aguardar

qualquer coisa, impulsivo, agitado, extremamente inquieto.

O relato do Espírito de José Eduardo parece corroborar o pensamento da psicologia cognitiva contemporânea de que o ser humano pode sentir, perceber e até mesmo reagir a muitos estímulos mesmo em estado de inconsciência. No caso em exame, o estado de coma inviabilizava totalmente a percepção consciente de José Eduardo, mas, em verdade, registrava tudo o que se dava à sua volta.

Examinando a condição do Espírito durante o estado de coma, Emmanuel comenta:

Seu estado será de acordo com sua situação mental. Há casos em que o Espírito permanece como aprisionado ao corpo, dele não se afastando até que permita receber auxílio dos Benfeitores espirituais. São pessoas, em geral, muito apegadas à vida material e que não se conformam com a situação. Em outros casos, os Espíritos, apesar de manterem uma ligação com o corpo físico, por intermédio do perispírito, dispõem de uma relativa liberdade. Em muitas ocasiões, pessoas saídas do coma descrevem as paisagens e os contatos com seres que os precederam na passagem para a Vida Espiritual.¹⁵

Segundo o psicólogo cognitivista Robert Sternberg nós conseguimos registrar muita coisa, mesmo em estado de inconsciência como o sono, o coma ou sob efeito de anestesia. Evidências mostram que, mesmo estando profundamente adormecido, pelo sono comum,

¹⁵ Livro Plantão de Respostas – Pinga-Fogo II, publicado pela Editora CEU.

o indivíduo encontra-se vigilante. Corroboram esse pensamento os seguintes argumentos: a) mães adormecidas despertam com o choro do bebê, enquanto continuam dormindo mesmo expostas a sons muito mais intensos, como sirenes do corpo de bombeiro; b) pessoas que dormem ao lado de crianças pequenas ou animais não rolam por cima delas ou caem da cama; c) as pessoas mudam de posição muitas vezes durante a noite, mesmo dormindo, buscando se acomodar a uma posição mais confortável. d) na solução de problemas foi provado que o sono aumenta a probabilidade de que um insight seja produzido.

Estudos patrocinados por psicólogos cognitivos procuraram examinar a possibilidade de registros mentais se darem mesmo estando o indivíduo numa condição de inconsciência sob efeito de anestesia geral. Esses estudos confirmaram que isso se verifica. Existem até mesmo evidências indicando que, também durante o coma, o indivíduo pode processar informações. O caso do ferroviário polonês Jan Grzebsk foi seriamente estudado por neurologistas. Em junho de 2007, aos 67 anos de idade, despertou de um coma de 19 anos. Grzebsk se lembrava de eventos ocorridos ao seu redor durante o coma, incluindo os casamentos de seus filhos.

Os psicólogos que examinam todos esses fenômenos acreditam que eles podem ser explicados pela capacidade do cérebro de registrar fatos de forma subliminar, ou seja, fora da consciência. Parece-nos, contudo, mais simples aceitar a ideia de que o Espírito desdobrado do corpo, em consequência da condição cerebral, pode dar-se conta do que se passa em seu entorno e, ao retornar à vida consciente, lembrar-se de parte do que registrou. Daí a importância da prece, do equilíbrio, da palavra amiga e fraterna, da transmissão

de paz, das conversações edificantes de todos aqueles que cercam o indivíduo identificado com as condições examinadas, sejam profissionais de saúde, parentes e amigos. Ele pode estar percebendo muito mais do que podemos supor.

Dor: experiência de crescimento

As experiências de dor devem ser entendidas como experiências de crescimento. Todos trazemos, de vivências anteriores, lições inacabadas que precisam ser concluídas, programas mentais equivocados que necessitam ser reinstalados, sentimentos que precisam ser depurados, amor acanhado que pede para ser expandido.

Examinando a progressão dos Espíritos, Kardec registra:

*[...] será passando pelas provas que Deus lhes impõe que os Espíritos adquirem conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros, só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.*¹⁶

O pensamento coloca-nos diante de duas possíveis posturas diante das dificuldades da vida (grifadas por nós): a atitude dos que *aceitam submissos* e a dos que *a suportam murmurando*. A primeira postura evoca a atitude pacificada, não do indivíduo conformado, acomodado, pois o pensamento kardequiano é dinâmico

¹⁶ O Livro dos Espíritos, item 115

por excelência, mas do indivíduo que assume perante os desafios árduos ou dolorosos um estado de espírito que abre portas na solução das dificuldades. Pessoas que já estão conscientes de que toda queixa corresponde a desgaste emocional e tempo perdido, e que lhes compete receber as dificuldades por lições, aceitando-lhes a utilidade e o objetivo.

A segunda postura se identifica com a revolta, a inconformação, o desespero e os desastres decorrentes disso. Escreveu Emmanuel no livro *Coragem*:

A educação é obra de sacrifício no espaço e no tempo, e atendendo à Divina Sabedoria, que jamais nos situa uns à frente dos outros sem finalidade de serviço e reajustamento para a vitória do amor, amemos nossas cruces por mais pesadas e espinhosas que sejam, nelas recebendo as nossas mais altas e mais belas lições [...] Imagina como seria difícil de suportar um educandário em que os alunos tão somente soubessem chorar na hora do ensino. Reportamo-nos à imagem para considerar que sendo a Terra nossa escola multimilenária, urge receber-lhe as dificuldades por lições aceitando-lhe a utilidade e o objetivo. Diante dos obstáculos, ninguém precisa fixar-se no lado escuro que apresentem. Um naufrago, faminto de estabilidade, ao sabor das ondas, não se lembrará de examinar o lodo no fundo das águas, mas refletirá no melhor meio de alcançar a terra firme. Todo minuto de queixa é minuto perdido, arruinando potencialidades preciosas para a solução dos problemas, sobre os quais estejamos deitando lamentação. Toda prova, seja qual for, aparece na estrada, a fim de elastecer-nos a força e aperfeiçoar-nos a experiência. Em síntese, quase toda dificuldade implica sofrimento e todo sofrimento, notadamente aqueles que não provocamos, redundam em renovação e

auxílio para nós mesmos, lembrando a treva noturna, em cujo ápice começa a alvorada nova. Saibamos arrostar os impedimentos da vida, sem receá-los. Cada qual deles é portador de mensagem determinada. Esse é um desafio a que entesoures paciência, aquele outro te impele à sublimação da capacidade de amar no cadinho da provação. Tuas dificuldades – tuas bênçãos.

Meu pai contava a história de um grande amigo, José Stippe, com quem conviveu por algum tempo, na localidade de Garça, no interior de São Paulo. Isso, por volta de 1953. Moravam meu pai e ele, ambos solteiros, no fim de uma bela avenida que se iniciava na Praça do Cine Central. Era um quilômetro, mais ou menos, de caminhada que eles faziam, trocando ideias, recordando fatos, analisando a vida, todas as vezes que se dispunham a ir ao cinema.

Pois bem, um belo dia, chegando ao cinema, ao levar a mão ao bolso, para tirar o dinheiro com que pagar os ingressos, um susto! – “Ih! Arthur, perdi o dinheiro! Deve ter sido quando eu tirei o lenço, sei lá”, disse o amigo Stippe.

Meu pai ficou estarrecido: era dinheiro demais, um mês de salário. Ele havia recebido naquela tarde e ainda não tivera tempo para depositar o dinheiro ou guardá-lo, convenientemente.

Deram meia volta e retornaram para casa, pelo mesmo percurso, procurando em cada esquina, em cada passo, em cada sarjeta, o dinheiro perdido! Nada! Chegaram em casa, procurando lá dentro, também nada! Meu pai acabrunhado começou a lamentar. Resmungava, reclamava, sofria. Não era para menos.

Foi quando o José olhou para ele, calmo e sereno, e deu-lhe uma grande lição:

-- Arthur, eu já esqueci! Fiz o meu dever, procurando reaver o que, por descuido meu, eu perdi. Não consegui; fato consumado: o prejuízo material está feito. Não permitamos que ele nos traga um prejuízo maior, desequilibrando nossa mente, perturbando nossa paz; senão Arthur nós sofreremos duas vezes!

Comenta Emmanuel, ainda no livro *Coragem*:

Às vezes, nós – Espíritos eternos – perdemos sucessivas reencarnações, simplesmente pelo medo de facear certas dificuldades justas e necessárias ao nosso burilamento. Problemas, no entanto, constituem o preço da evolução. Não há conhecimento sem experiência e não há experiência sem provas.

Prossegue o autor:

Nunca te certificarias se possuis bastante reservas de coragem, sem o obstáculo que te ensina a decifrar os segredos da auto superação, e jamais saberias se realmente amas, sem a dor que te ajuda a desentranhar os mais puros sentimentos do coração. Problemas são sinônimos de lições. Se tens o caminho repleto deles, isso significa que chegaste à maturidade de espírito, com a possibilidade de frequentar simultaneamente vários cursos de aperfeiçoamento no educandário do mundo.

Muitas vezes, só o sofrimento é capaz de fazer por nós aquilo que deveríamos ter feito espontaneamente. Se a vida nos coloca em uma máquina de polir pedras, temos duas opções: sair dela moídos e triturados, ou polidos como o diamante. A experiência de sofrimento só será uma experiência de crescimento se, de alguma maneira, contribuir para o nosso amadurecimento. A dor

terá um significado profundo se nos modificar por dentro. Ao nos tornar mais sensíveis ao sofrimento alheio, depura os nossos sentimentos e amplia a nossa capacidade de amar. Nos tornamos mais compassivos e respeitosos. A dor vivenciada com dignidade sinaliza para dentro de nossa intimidade as emoções e sentimentos que outras pessoas, em igual situação, estariam vivenciando. E isso promove o desenvolvimento moral.

Vejamos uma situação hipotética: vamos ao médico e lá chegando as coisas não são do jeito que esperávamos. Aguardamos em pé, espremidos em um canto da minúscula sala de espera, superlotada de clientes. Somos chamados com uma hora de atraso. O facultativo nos atende sem tirar os olhos do computador (ou do celular). Quase não nos examina e nos passa uma receita sem uma explicação qualquer. Retornamos para casa, aborrecidos. E com razão! Mas terá isso um significado profundo pra nós? Sim! Estamos aprendendo nesse episódio como *não* se deve agir, como se sente uma pessoa que é tratada como objeto e não como ser humano. Recebemos uma lição prática de descortesia e desconsideração, que deve ser aproveitada por nós como aprendizado, para que nunca venhamos agir de tal maneira.

O Espírito Lázaro, enfatizando tal conceito, escreveu:

Deus criou todos os homens iguais para a dor. Pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem todos pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue em sua consciência o mal que pode fazer [...] A igualdade em face da dor é uma sublime providência de Deus, que quer que todos os seus filhos, instruídos pela

*experiência comum, não pratiquem o mal, alegando ignorância de seus efeitos.*¹⁷

Uma senhora já em idade avançada, que muito havia padecido na vida, conversando com Chico Xavier, lhe diz, em tom de lamúria:

-- Ah! Senhor Chico, minha vida foi uma dificuldade só! Só problemas, desilusões, angústias. Tudo o que consegui foi com muita luta, sem ajuda, passando por todas as provações possíveis. Nunca encontrei facilidades na vida!

E ele, afetuosamente, retrucou:

-- Que bom, minha irmã! Que bom que foi assim!

Uma pessoa estranha às ideias espíritas presenciando o diálogo poderia pensar que Chico houvesse perdido o juízo. Como alguém pode felicitar-se com outro por dores e angústias de uma vida toda? O modo evolucionista de pensar, contudo, nos dá o real entendimento dos dissabores da vida: amadurecimento espiritual, possibilidades de crescimento, expansão dos bons sentimentos.

Quando tudo vai bem nós mal conseguimos perceber os limites de nosso próprio poder. Os avanços da ciência nos dão a sensação de invulnerabilidade. Isso deixa pouco espaço para Deus e nos deixa com a desconfortável sensação de estarmos no comando de tudo o que acontece conosco. Nós, que em geral, somos tão autoconfiantes, de repente, diante de uma tragédia pessoal, nos damos conta de que o que realmente importa em nossa vida, muitas vezes, está além de

¹⁷ O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVII, item 7

nosso controle. Quando chegamos ao limite de nossas próprias forças, precisamos socorrer a uma força maior do que nós e do que tudo o que existe no Universo. Quantas pessoas encontram Deus, quando chegaram ao limite de suas forças! Costuma-se dizer que não existem ateus nas trincheiras de guerra, pois são nesses momentos, em que chegamos ao limite de nossa resistência, que pedimos socorro. Deus não costuma ser encontrado nos momentos felizes. O pedido de socorro é o rompimento com a autossuficiência, quebra a nossa arrogância e nos torna permeáveis ao sentido da espiritualidade e às mudanças que têm significado profundo.

Conta a Dra. Klüber-Ross que, certa feita, passou a observar um fenômeno interessante no hospital onde se encontrava vinculada. Muitos dos pacientes que estavam à beira da morte começaram a se sentir bem emocionalmente. Quando foi procurar a causa, descobriu que era devido à mulher da limpeza. Todas as vezes que ela entrava no quarto de um de seus pacientes terminais, alguma coisa acontecia.

Certo dia, se deparou com ela no corredor e perguntou de uma maneira um tanto brusca: "O que você está fazendo com meus pacientes terminais?"

"Só estou limpando os quartos", respondeu ela na defensiva.

Determinada a saber o que ela fazia para as pessoas se sentirem bem começou a segui-la. Mas não conseguiu perceber nada de especial. Um dia, depois de se sentir observada durante algumas semanas, a senhora resolveu revelar o seu segredo. Contou a Dra. Elizabeth que, no inverno, anterior, um de seus seis filhos, tinha ficado muito doente. No meio da noite, ela levou o menino de

três anos para a sala de emergência, onde ficou sentada com ele no colo, esperando, desesperada, durante horas, que um médico fosse atendê-la. Mas ninguém apareceu e ela viu o menino morrer de pneumonia nos seus braços. Ela relatou essa dor e agonia sem ódio, sem ressentimento, sem raiva, sem negatividade.

“Por que você está me contando, isso?”, perguntei. “O que isso tem a ver com os meus pacientes que estão morrendo”?

“A morte não é mais estranha para mim”, ela respondeu, “é como uma velha conhecida. Às vezes, quando eu entro no quarto de seus pacientes, eles parecem muito assustados. Não consigo me conter, vou até perto da cama e toco neles. Digo-lhes que já vi a morte, e quando ela vier, eles vão ficar bem. E fico um pouco ao lado deles. Muitas vezes sinto vontade de correr, mas não vou embora. Procuro me fazer presente para a outra pessoa. É esta a minha forma de dar amor”.

Importante considerar, também, que boa parte das tribulações, aborrecimentos e ansiedades da vida são pertinentes à inferioridade do mundo em que estagiamos. A inferioridade da Terra responde por grande parte das dificuldades da vida. Chico Xavier contou para um grupo de amigos, que, em determinada época de sua vida, pensou em transferir residência de Uberaba. As dificuldades eram tremendas! Confrades convidaram-no para ir morar em São Paulo, outros queriam que ele fosse para o Rio... Emmanuel, então lhe disse: “– Chico, para onde você for, a dificuldade irá atrás.”

Chico comentava que boa vida não leva ninguém a lugar nenhum. Até mesmo Jesus sofreu intensa perseguição dos Espíritos perturbados. Ele não podia se

demorar por muito tempo numa cidade – logo, as “Trevas” davam um jeito de colocar as autoridades contra ele... Ele pregou o Evangelho em fuga! Jesus passou aos três anos de sua peregrinação sob o constante assédio das Trevas. E concluía: por que nós, tão inferiores espiritualmente, vamos querer boa vida?

O nosso é um *mundo de provas e expiações*, na definição Kardequiana. Esses mundos

*... servem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à Lei de Deus. Os Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do Espírito.*¹⁸

Destacamos no texto as expressões *perversidade dos homens* e *inclemência da natureza*, que estão na origem de grande parte dos nossos desafios pessoais. O nosso mundo, por ora, é um mundo onde campeia a desonestidade, a disputa selvagem pelo poder, a propina, a irresponsabilidade, a corrupção, a incompetência e o descaso humanos, e, por outro lado, a hostilidade do clima, as epidemias e as tragédias naturais. Somos, então, chamados a conviver de forma pacífica com aqueles que não entendem a paz e superar com determinação os imensos inconvenientes do meio ambiente em que vivemos, usando a inteligência para minorar suas consequências danosas.

¹⁸ O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. IV

Mesmo considerando a inferioridade da Terra, muitos infortúnios poderiam ser plenamente evitados se nos conduzíssemos melhor perante a vida. Lembra Kardec

*... que as aflições da vida são muitas vezes a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeições, tanto menos tormentos. Aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá as torturas que se originam desses defeitos.*¹⁹

Assim, quantas pessoas infelizes com os filhos porque nunca se ocuparam com eles! Quantas pessoas caminhando sozinhas porque nunca deram valor à família! Quantos infelizes na atividade profissional porque nunca se esforçaram para conseguir algo melhor! Quantos amargando enfermidades crônicas evitáveis se tivessem se preocupado um pouco mais com a saúde. Quantos atormentados por dívidas cumulativas porque gastam mais do que ganham; pessoas que poderiam viver em paz com o pouco que dá o necessário, mas vivem perturbados com o muito que é falso, que não condiz com suas possibilidades financeiras.

Experiências felizes

As experiências dolorosas são experiências de crescimento, e as experiências felizes podem ser também. As alegrias decorrentes de ações que nos favorecem, que nos acolhem ou nos dignificam enviam sinais para o nosso mundo íntimo. Esses sinais nos dizem sobre como alguém se sente quando é valorizado,

¹⁹ O Livro dos Espíritos, item 133-a

acolhido, ou socorrido em momento difícil da vida. O sentimento de gratidão faz bem e leva ao impulso do bem. Surge o desejo sincero de tornar os outros igualmente felizes. Passamos a acreditar mais nas pessoas (pelo menos por alguns instantes). Verificamos, através de situações reais, que existem pessoas boas, honestas e preocupadas com os outros. Isso nos eleva mentalmente e nos motiva a sermos melhores, mais compassivos e um pouco menos negativos perante o nosso futuro.

Ao vivenciar experiências positivas, temos mais probabilidades de ajudar outras pessoas, ser flexíveis em nosso pensamento e produzir soluções para nossos problemas. Em pesquisas clássicas relacionadas a esses aspectos, autores realizaram uma manipulação experimental na qual os participantes encontraram ou não moedas (colocadas ali pelos pesquisadores) na abertura para devolução de um telefone público. Comparados aos que não encontraram a moeda, os que encontraram tiveram mais probabilidades de ajudar uma pessoa a carregar uma pilha de livros ou juntar papéis que caíram no chão. Sendo assim, encontrar uma moeda e sentir a emoção positiva associada a isso fizeram que as pessoas se comportassem de maneira mais altruísta.

Sentir emoções positivas também pode ajudar a enxergar opções para solucionar problemas e descobrir pistas para tomar boas decisões. Em um estudo relacionado a esses aspectos, os pesquisadores designaram aleatoriamente médicos a uma condição experimental na qual receberam ou não de seus pacientes um saquinho contendo seis balas e quatro chocolates (eles não podiam comer os doces durante o experimento). Os médicos que receberam o presente

apresentaram raciocínio e tomada de decisões superiores em relação aos que não o receberam.

Também podem ser alavancas para o crescimento o cultivo da espiritualidade nas relações com o transcendente, as amizades sinceras, as relações afetuosas que tanto bem fazem ao nosso estado de espírito, a convivência com pessoas sábias, generosas e de conduta nobre que nos servem de bons exemplos. Encontramos, ainda, estímulos para o crescimento pessoal nas ocasiões onde somos levados ao encontro das coisas simples e despretensiosas, onde prazeres nobres e alegrias de natureza espiritual estão à nossa mão: o prazer de estudar e aprender, o prazer de pesquisar e encontrar, o prazer de servir e a sensação de ser útil! Prazeres diversos que não enfraquecem, não atormentam, não adoecem, não ferem ou prejudicam a outrem e a nós mesmos.

A consciência tranquila pelo dever retamente cumprido e a sensação de ter feito o melhor é fonte inesgotável de alegria para o Espírito desperto ante as suas reais necessidades. Talvez se identifique com essa ideia o conceito de *reparação*, proposto pela Doutrina espírita. Para Kardec, a reparação consiste em se fazer bem àquele em que se fez mal. Quem não repara os seus erros numa existência, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência ulterior em contato com as mesmas pessoas que de si tiverem queixas, de modo a demonstrar-lhes reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito. A reparação se opera, também, fazendo-se o que deveria ter sido feito e foi descuidado, cumprindo os deveres desprezados, as missões não preenchidas, praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde se foi orgulhoso, amável se foi austero, caridoso

se foi egoísta, benigno se foi perverso, laborioso se foi ocioso, útil se foi inútil, frugal se foi intemperante, trocando, em suma, por bons os maus exemplos perpetrados. E desse modo progride o Espírito, aproveitando-se do próprio passado.

Devido às suas imperfeições, o Espírito culpado sofre primeiro na vida espiritual, sendo-lhe depois facultada a vida corporal como meio de reparação. É por isso que ele se acha nessa nova existência, quer com as pessoas a quem ofendeu, quer em meios análogos àqueles em que praticou o mal, quer ainda em situações opostas à sua vida precedente, como, por exemplo, na miséria, se foi mau rico, ou humilhado, se orgulhoso. Lembra Kardec que o arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só; são indispensáveis a expiação e a reparação. Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas conseqüências. O arrependimento suaviza o amargor da expiação, abrindo, pela esperança, o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo lhe a causa.²⁰

Segundo Fernando Ortiz, no livro *A filosofia penal dos espíritas*, sob o aspecto da reparação, o Espiritismo está muito além dos homens da ciência criminológica e das demais religiões: não basta sofrer diante de uma falta cometida, é preciso socorrer e reerguer o caído em decorrência de nossa atitude faltosa. O sofrimento do algoz não neutraliza o sofrimento da vítima; necessário atuar de forma positiva para neutralizar o que fizemos

²⁰ O céu e o inferno, parte I, cap. VII.

negativamente. Se percorremos uma longa estrada, deixando atrás de nós pedras e espinhos, que feriram pessoas, ao término da jornada, se efetivamente arrependidos, precisamos retornar ao ponto de partida para cuidar dos que se feriram.

A consciência do Espírito identificado com uma evolução consciente cobra dele uma ação reparadora. Só assim ele desfrutará da paz decorrida do autoperdão. A percepção dessa dinâmica evolutiva nos faz entender tantos casos de indivíduos que passam uma existência num clima de renúncia e sacrifício em prol de um ou mais entes queridos. Mesmo sob críticas contundentes de amigos e parentes, mantêm-se ligados a relacionamentos altamente sacrificiais. Essas almas trazem, muitas vezes, a necessidade oculta da reparação, como se uma voz do inconsciente cobrasse deles a ação compensatória.

O bem sempre faz bem àquele que o faz. Fomos gerados com a semente da perfectibilidade. A longa e laboriosa evolução biológica/espiritual fez surgir em nós o instinto do altruísmo – reconhecido hoje por quase todos os biólogos evolucionistas. A evolução humana se baseou em cooperação e altruísmo. Na luta pela vida, os grupos solidários sobreviviam e os grupos antifraternos desapareciam paulatinamente, pois a união faz a força. Somos herdeiros de civilizações que possuíam no cerne o instinto da bondade.

Isso vem sendo verificado por estudos bem delineados. Crianças de dois anos possuem uma tendência inata ao bem. Bebês nascem com sensibilidade moral, e isso já foi verificado experimentalmente. Psicólogos da Universidade da Colúmbia Britânica colocaram bebês a assistirem a um desenho animado

com três formas: um círculo, um quadrado e um triângulo, todos com olhos grandes e bonitos.

O círculo luta para subir uma colina, o triângulo se aproxima e lhe dá um impulso até o topo. Então o círculo tenta de mexer de novo e o quadrado entra em cena, empurrando-o colina abaixo.

Depois disso, os bebês, diante da opção de escolher brinquedos no formato do triângulo bondoso ou do quadrado malvado, invariavelmente escolhiam o triângulo. Os estudos foram feitos, com as variações necessárias, com bebês de três, seis ou nove meses sentados no colo das mães. A preferência pelo mais bondoso ocorre mesmo com bebês de três meses.

Capítulo 4: Progresso intelecto-moral

Expressão frequentemente empregada por Allan Kardec, o progresso intelecto-moral, pode ser entendido como o processo de desenvolvimento das virtudes. Lê-se em *O Livro dos Espíritos*:

*[...] ao Espírito cumpre progredir em ciência e em moral. Se somente se adiantou num sentido, importa se adiante no outro, para atingir o extremo superior da escala. Contudo, quanto mais o homem se adiantar na sua vida atual, tanto menos longas e penosas lhe serão as provas que se seguirem.*²¹

Ao separar didaticamente as virtudes – ciência e moral - Kardec evoca pensadores gregos do passado que admitiam dois tipos de virtudes: intelectuais e morais.

O uso da palavra virtude na cultura grega (*arete*, em grego) possui uma aplicação mais ampla do que o contexto propriamente moral, pois refere-se também ao “fazer bem as funções” e, por isso, muitas vezes aparece traduzido por *excelência*. Nesse aspecto, o cavalo que corre bem e o sapateiro que trabalha bem são *virtuosos* ou *excelentes*. Assim, a virtude possui, para os gregos, um sentido amplo, indica qualidade, excelência de alguma coisa e também aponta para a conduta moral. O termo latino *virtus*, que traduz *arete*, designa a qualidade do varão.

Em geral, na linguagem cotidiana, a palavra virtude é usada para nomear as qualidades gerais de uma pessoa,

²¹ O Livro dos Espíritos, item 192

ou seja, os atributos positivos de um indivíduo. Virtude foi um tema bastante abordado pelo filósofo Aristóteles, que fez a diferenciação entre virtudes intelectuais e virtudes éticas (ou morais). As virtudes intelectuais são ligadas à inteligência e as virtudes morais são relacionadas com o bem. A virtude moral é a ação ou comportamento moral, é o hábito que é considerado bom de acordo com a ética, a disposição de um indivíduo de praticar o bem; não é apenas uma característica, trata-se de uma verdadeira inclinação: virtudes são todos os hábitos constantes que levam o homem para o caminho do bem. A virtude moral é um conceito que remete para a conduta do ser humano, quando existe uma adaptação perfeita entre os princípios morais e a vontade humana.

A conquista das virtudes, em sua plenitude, coloca a individualidade na condição de *Espírito puro*, definido, por Kardec, como aquele que percorreu todos os graus da escala e se despojou de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma das perfeições de que é suscetível a criatura, não tem de sofrer mais provas, nem expiações. ²²

Virtudes intelectuais

O conceito de virtude intelectual não se limita à ideia de inteligência, como habitualmente a entendemos - saber resolver problemas ou produzir alguma coisa útil - mas alcança outros processos mentais, implicados na

²² O Livro dos Espíritos, item 113

aquisição e expressão do conhecimento. Fazem parte do desenvolvimento intelectual todas as funções mentais implicadas na dinâmica do conhecimento, denominadas em seu conjunto de *cognição*.

O termo *cognição* deriva da palavra latina *cognitione*, que significa conhecer. Representa o conjunto das funções mentais responsáveis pela aquisição, organização, interpretação e armazenamento de informações do mundo externo que possuem algum valor significativo para o indivíduo. São as habilidades cognitivas que nos permitem representar o mundo à nossa volta, prevendo e alterando o curso de eventos futuros. A *cognição* pode ser entendida, de uma maneira simples, como a forma como nós percebemos, aprendemos, recordamos e pensamos sobre toda a informação captada pelos cinco sentidos. É, portanto, um processo de conhecimento, que tem como material a informação do meio em que vivemos e o que já está registrado na nossa memória. Dentre o grande número de funções cognitivas, destacam-se a consciência, a atenção, a orientação, a sensopercepção, a memória, o pensamento, a inteligência e as funções executivas que fazem parte do desenvolvimento intelectual.

O termo *consciência* tem sido empregado para indicar a vivência subjetiva da atividade mental, o dar-se conta das vivências internas (pensamentos, sentimentos, recordações), dos estímulos corporais e do mundo externo (sensopercepção). Nesse sentido, ela representa a integração de todos os processos psíquicos em determinado momento. A *atenção*, por sua vez, consiste no processo pela qual a consciência é direcionada a determinado conjunto de estímulos (externos ou internos), tornando-os mais claros ou nítidos. A atenção apresenta dois componentes. Um deles está relacionado

à capacidade de fixar e manter a atenção concentrada a um conjunto de estímulos por um determinado período de tempo e o outro consiste na capacidade de desviar a atenção de um conjunto de estímulos para outro. A *orientação* é a capacidade de se situar em relação a si mesmo e ao ambiente. As *memórias* são sistemas que nos permitem armazenar as informações previamente adquiridas e evocadas a cada momento. As *funções executivas* constituem um conjunto de processos mentais responsáveis pelo planejamento de estratégias e tomadas de decisão para atingir determinadas metas previamente definidas pelo indivíduo

Procuramos definir cada uma das funções psíquicas para mostrar que todas elas são conquistas do ser espiritual, que devem ser expandidas. Desenvolver-se do ponto de vista intelectual, portanto, é também expandir a memória, aprimorar a atenção e a orientação, desenvolver a capacidade de decidir etc.

Mas de todas as funções psíquicas, a que parece mais se identificar com o conceito de progresso intelectual é a inteligência propriamente dita. A partir da década de 80, do século passado, principalmente com os estudos de Howard Gardner, da Universidade Harvard, na América do Norte, tem-se solidificado o conceito das inteligências múltiplas. Gardner define inteligência como *a habilidade para resolver problemas ou criar produtos valorizados em um ou mais cenários culturais*, e propõe uma expansão do termo inteligência de modo a abranger muitas capacidades que eram consideradas fora de seu escopo. Sua teoria veio desafiar a crença amplamente difundida de que a inteligência é uma faculdade única e que ou a pessoa é "inteligente" ou "burra". O pensamento de Gardner colocou os seres humanos como organismos dotados de um conjunto básico de várias

inteligências. Graças à evolução, cada um de nós é equipado com esses potenciais intelectuais, que podemos mobilizar e conectar segundo nossas próprias inclinações e as preferências de nossa cultura.

Apresentamos a seguir os principais tipos de inteligência propostos por Gardner. Sob a ótica reencarnacionista, em nossa longa marcha rumo a angelitude, deveremos expandir todas elas.

As duas primeiras – a linguística e a lógico-matemática – são as que têm sido tipicamente valorizadas na escola e passíveis de serem graduadas através de testes de inteligência. A inteligência linguística envolve a sensibilidade para a língua falada e escrita, a habilidade de aprender línguas e a capacidade de usar a língua para atingir certos objetivos. Os advogados, os locutores e os escritores estão entre as pessoas de inteligência linguística elevada.

A lógico-matemática envolve a capacidade de analisar problemas com lógica, de realizar operações matemáticas e investigar questões cientificamente. Ter uma mistura de inteligência linguística com lógico-matemática é sem dúvida uma bênção para os alunos e para qualquer pessoa que precise submeter-se regularmente a testes.

As três inteligências seguintes são particularmente notáveis nas artes, embora cada uma possa ser usada de muitas outras maneiras. A musical acarreta habilidade na atuação, na composição e na apreciação de padrões musicais. A físico-cinestésica acarreta o potencial de usar o corpo para resolver problemas ou fabricar produtos e a inteligência espacial tem o potencial de reconhecer e manipular os padrões de espaço.

As duas últimas inteligências, de sua lista original, foram chamadas de inteligências pessoais. A interpessoal denota capacidade de entender as intenções, as motivações e os desejos do próximo e, conseqüentemente, de trabalhar de modo eficiente com terceiros. Finalmente, a inteligência intrapessoal envolve a capacidade de a pessoa se conhecer e de usar essas informações com eficiência para regular a própria vida.

A inteligência interpessoal e a intrapessoal penetram no terreno complexo das emoções. Daniel Goleman, psicólogo formado em Harvard, apresentou o conceito da inteligência emocional. Esse autor descreve uma série de capacidades que têm a ver com conhecimento de emoções, controle de emoções e sensibilidade para os estados emocionais próprios e de terceiros. Gardner admite que essa caracterização identifica-se perfeitamente com a noção de inteligência interpessoal e intrapessoal, portanto, devemos admitir que o equilíbrio e a sublimação das emoções se identificam também com o progresso intelectual.

Outro ponto capital relacionado às ideias de Gardner: as inteligências não devem ser vistas como objetos que podem ser vistos nem contados. Elas são potenciais que poderão ser ou não ativados, dependendo dos valores de uma cultura específica, das oportunidades disponíveis nessa cultura e das decisões pessoais tomadas por indivíduos e/ou suas famílias, seus professores e outros. Essa visão, que coloca a inteligência como um potencial biopsicológico, adverte-nos de que a sua expressão depende de uma série de fatores, como o estímulo familiar, a escola e o meio. Um potencial a ser explorado, descoberto e ampliado, porque as inteligências, segundo Gardner, podem ser incrementadas. Os indivíduos não exibem suas inteligências "em estado natural"; exibem-

nas ocupando determinados nichos relevantes em sua sociedade, para os quais devem se preparar passando por um processo de desenvolvimento, muitas vezes, longo.

Curiosamente, Kardec empregou a palavra inteligência no plural, no livro *A gênese*, cap. XI, item oito, conforme reproduzimos abaixo:

Ao mesmo tempo em que criou, desde todo o sempre, mundos materiais, Deus igualmente tem criado seres espirituais desde toda a eternidade. Se não fosse assim, os mundos materiais não teriam nenhum objetivo. Seria muito mais fácil se conceberem os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes últimos sem aqueles. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências.

Desperta a atenção no texto, além do uso da palavra inteligência no plural, o fato de Kardec esclarecer quanto ao processo de desenvolvimento das inteligências, ao empregar a expressão *elementos de atividade*, referindo-se aos mundos materiais. Cada um de nós tem uma mistura singular de inteligências e as capacidades intelectuais se expandem com a atividade do Espírito: fazendo, refazendo, criando, vencendo obstáculos. Comenta Kardec que o Espírito, de cada vez, poderá ocupar posição diferente das anteriores e nessas diversas posições se lhe deparam outras tantas ocasiões de adquirir experiência.²³

Por isso, todas as possibilidades de desenvolvimento das funções cognitivas devem ser devidamente valorizadas. Habilidades que nos parecem de menor

²³ O Livro dos Espíritos, item 177 a

valor, podem, na verdade, ter um imenso significado reencarnatório.

O confrade Ronaldo Tornel da Silveira, da cidade de Juiz de Fora, nos contou o seguinte fato:

Em visita a Chico Xavier, em Uberaba, levou alguns exemplares de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, para presentear algumas pessoas que seriam visitadas por Chico, em tradicional tarefa assistencial espírita. O grupo visitava as residências de uma comunidade de periferia, fazia-se uma prece, Chico dialogava afetosamente por alguns minutos e seguiam para outra casa. Ronaldo, então, ia deixando um exemplar do livro em cada residência.

Em certo domicílio, habitado por um simpático casal de velhinhos, Ronaldo deixou, como vinha fazendo, um exemplar de "O evangelho". Fora da casa, Chico, dirigindo-se a ele, afirmou:

-- "Emmanuel pede para dizer-lhe que foi muito bom ter deixado o livro, mas não será útil para eles, pois são analfabetos. E para sua instrução, esclarece que esses velhinhos são analfabetos em espírito, ou seja, em encarnação alguma aprenderam a ler ou escrever".

O fato não deve causar estranheza, considerando que no Brasil de Pedro II, por exemplo, apenas 10% da população eram alfabetizadas. Muito provavelmente, vários Espíritos jamais tiveram a oportunidade de aprender a ler e escrever (seria muito bom se os educadores soubessem disso, pois estariam diante de uma nova possibilidade junto às crianças com dificuldades de aprendizagem).

A alfabetização e o letramento são passos iniciais quase obrigatórios no desenvolvimento intelectual e na aquisição de maior soma de conhecimento.

Quando se examinam as causas do processo civilizador e da aceleração dos sentimentos humanitários que se iniciaram nos séculos XVI e XVII e se estendem aos nossos dias, a aquisição de conhecimento é colocada como das mais relevantes. O conhecimento é um recurso inesgotável de força psíquica, e quanto mais se usa, mais se tem. Segundo Steven Pinker, a ordem dos eventos segue essa direção: avanços tecnológicos na atividade editorial, produção em massa de livros, expansão da alfabetização e popularidade do romance e as grandes reformas humanitárias dos séculos recentes. A reforma humanitária, caracterizada por uma crescente redução das taxas de violência e criminalidade, associada a uma maneira diferente de ver o outro - não como um estranho a quem devo rejeitar, mas como semelhante a quem me cabe acolher - foi precedida por uma revolução da leitura.

Acredita Pinker que ler é uma tecnologia para mudança de perspectiva. Quando nós temos na cabeça os pensamentos de outra pessoa, observamos o mundo do ponto de vista dessa pessoa e compartilhamos suas atitudes e reações. Abre-se para nós outras janelas para o mundo, entendemos que as coisas podem se diferenciar, sem que sejam necessariamente melhores ou piores, e encontramos recursos emocionais para acolher o outro. Os romances, nesse particular, trazem à vida as aspirações e privações de pessoas comuns, e exercita a nossa habilidade de nos pôr no lugar do outro, o que, por sua vez, nos indispõe contra punições cruéis e outras violações dos direitos humanos. Os filósofos do Iluminismo louvavam o modo como os romances

levavam o leitor a identificar com outras pessoas e sentir por elas um interesse compassivo.

Os povos mais esclarecidos, via de regra, possuem menores índices de criminalidade, portanto, são mais pacíficos. O hábito da leitura pode ter contribuído para a Revolução humanitária criando nas pessoas o hábito de sair de seu ponto de vista limitado, gerando um viveiro de novas ideias em torno dos valores morais e da ordem social. Quantos livros se notabilizaram não apenas pelo expressivo número de leitores, mas pelas mudanças políticas e sociais que induziram! Pinker cita alguns: *A cabana do Pai Tomás* mobilizou os sentimentos abolicionistas nos Estados Unidos, *Oliver Twist*, de Charles Dickens, abriu os olhos das pessoas para os maus-tratos a crianças nos orfanatos britânicos e o livro *Dois anos ao pé do mastro*, de Richard Henry Dana Jr., ajudaram a pôr fim ao açoitamento de marinheiros. Foram livros que trouxeram ao conhecimento do público os sofrimentos de pessoas que, sem eles, poderiam continuar ignorados.

Allan Kardec, educador por excelência, teve extremado cuidado em estimular, em todas as suas obras, o hábito da leitura, o estudo e a pesquisa continuados. Com a Doutrina espírita aprendemos que não basta sermos bons, precisamos ser bons e esclarecidos, instruídos e bem informados. Quantos males incurso em nossa vida, não por deficiências morais, mas por desinformação e falta de esclarecimento! Por isso, são desafios reencarnatórios: a leitura enriquecedora, a instrução permanente, a luta contra a preguiça intelectual e o comodismo mental.

Assim, em cada existência, o Espírito vai-se identificar com um contexto físico-sócio-cultural

provocador, onde serão colocados à sua disposição os elementos propiciadores do desenvolvimento de uma ou outra inteligência, e também dos processos mentais cognitivos. Certas experiências estimulam o desenvolvimento da percepção, e da atenção, outras experiências os recursos da memória, ou do raciocínio etc.

As diferentes inteligências irão se expandindo conforme as induções e possibilidades oferecidas pelo meio. Sabe-se, por exemplo, que os motoristas de táxi de Londres têm um hipocampo (região do cérebro responsável pela memória) mais desenvolvido, porque memorizam o mapa da cidade. O desenvolvimento cerebral pode nos dar uma ideia do que acontece com o Espírito, pois, afinal, quem se aprimora é o Espírito. O cérebro apenas reflete o que se passa no Espírito. Certos contextos levam ao desenvolvimento da inteligência espacial, outros a inteligência emocional, ou musical etc. Afirma Howard Gardner que mesmo pessoas aparentemente bem-dotadas numa ou noutra inteligência pouco realizarão se não forem expostas a matérias que exijam a inteligência. Os estudiosos da criatividade costumam afirmar que são necessários cerca de dez anos para se dominar uma área e outros dez para que sejam produzidos trabalhos suficientemente criativos para modificá-la. Usamos uma inteligência quando nos esforçamos e solucionamos um problema, ou produzimos alguma coisa valorizada pela sociedade.

O fato narrado a seguir ilustra essa ideia, sob a óptica das vidas sucessivas. Uma mulher teve uma existência razoavelmente bem-sucedida como garçonete de taverna, numa existência portuária do Mediterrâneo no século IX. Em sua vida seguinte, ela se viu abatida pela pobreza após ser abandonada pelo marido, e estava

procurando algum meio de subsistência quando percebeu que a ocupação de garçoneiro de taverna lhe parecia bastante familiar e confortável, e “veio fácil para ela”. A moça acabou entrando num ciclo de mil anos onde foi garçoneiro. Em sua última existência, em Londres, montou um restaurante e foi uma empresária de sucesso. Esse exemplo, narrado pelo psicólogo social J.L. Simmons, evoca o princípio exposto anteriormente: ao encontrar elementos de atividade que permitiram o desenvolvimento de valores ligados ao comércio de alimentos, esse Espírito adquiriu talentos que lhe permitiram, pela primeira vez em mil anos, montar o seu próprio negócio, ou seja, expandiu certos recursos intelectuais.

Virtudes morais

Lembra o professor Gardner que as inteligências são definidas em termos amorais: nenhuma inteligência é em si mesma moral ou imoral, e qualquer inteligência pode ser usada para o bem ou para o mal. Compete à evolução afiar nossas várias inteligências e a nos ensinar a usá-las adequadamente. E mais que isso: mostrar-nos como a inteligência e a moral podem trabalhar em conjunto e criarem um mundo em que uma grande variedade de pessoas queira viver. Afinal uma sociedade dirigida por gente “inteligente” ainda pode destruir a si mesma, ou o resto do mundo. Inteligência vale muito, mas o caráter é mais importante que o intelecto. Pode-se reconhecer uma civilização completa, lembra Kardec, pelo desenvolvimento moral.²⁴

²⁴ O Livro dos Espíritos, item 793

Conta o Dr. Gardner que estudou trinta eminentes criadores e líderes do século XX, pessoas notavelmente portadoras de diferentes formas de inteligência e que, com a possível exceção de Mahatma Gandhi, nenhum deles teve uma vida pessoal que possa de algum modo ser considerada exemplar sob o aspecto ético.

Sob o aspecto moral, virtude é uma disposição adquirida de fazer o bem; o esforço para se portar bem. Obviamente que a reflexão sobre as virtudes não torna ninguém virtuoso, mas conhecer as virtudes é identificar a distância que nos separa delas, e conseqüentemente nos mostrar o caminho que devemos seguir se desejamos conquistá-las.

Como desenvolver as virtudes morais? Para tal nos valem de duas ferramentas: o autoconhecimento e o autocontrole. O autoconhecimento nos faz mergulhar no oceano das nossas imperfeições, levando-nos ao reconhecimento das virtudes inexistentes ou pouco expressivas em nossa individualidade. O autocontrole nos leva à disciplina íntima, ao império que passamos a exercer sobre as nossas inclinações inferiores, procurando reproduzir o bem em nossos pensamentos e ações. Afirma Emmanuel no livro *Coragem* que *a disciplina antecede a espontaneidade* e, como sabemos, o autoconhecimento precede a disciplina, pois não se pode enfrentar um inimigo desconhecido.

Sam Harris, psicólogo norte-americano, examinando o processo de conhecimento de si mesmo, comenta que a moralidade diz respeito à maneira como tratamos uns aos outros e que existem estados e capacidades mentais que contribuem para nosso bem-estar (felicidade,

compaixão, gentileza), bem como estados e incapacidades mentais que o diminuem (crueldade, ódio, terror). Logo, faz sentido inquirir de determinada ação ou maneira de pensar afetará o bem-estar de uma pessoa e dos outros. Segundo Harris, existem respostas certas e erradas para as questões de cunho moral (embora nem sempre consigamos formulá-las na prática), porque existem caminhos que conduzem à maior infelicidade e caminhos que levam à maior realização possível para as pessoas. O conceito de bem-estar abarca tudo o que podemos valorizar. É a moralidade – como quer que as pessoas entendam esse termo – realmente se reporta às intenções e ações que afetam o bem-estar dos seres conscientes.

Embora Harris seja ateu, ele evoca, no exame das virtudes morais, o que Jesus considerava a essência da moralidade: a compaixão, o altruísmo e a bondade. A bondade consiste em sermos o que desejamos que o outro seja, tratar o outro como maior, antecipar o gesto de gentileza e bondade. Ser, fazer e agir de forma que promovamos o bem de forma gratuita. Uma bondade ilimitada que transcenda etnia, gênero, comportamento, pois ele recomendava a bondade com o ladrão, com os pecadores, com todo ser humano. Quando olhamos o outro como alguém a quem devemos reverência, superamos a definição do outro como algo, como obstáculo. E temos primeiro a ética, o reconhecimento do valor do outro como portador de verdade e dignidade. É quando não conseguimos fazer isso, independente da crença, desumanizamos-nos. A violência primeira, a mãe de todas as violências, nasce quando concebemos o outro como suspeito, como a ser de algum modo eliminado.

O pensador francês André Comte-Sponville, ao reconhecer o valor da disciplina pessoal na conquista das virtudes, comenta que as grandes virtudes são conquistadas nas pequenas atitudes do dia a dia. Segundo ele, a polidez (“isso não se faz”) é anterior a moral (“isso não se deve fazer”) As boas maneiras precedem a boa intenção e estas as boas ações. A moral começa de algum ponto – tem de começar –, pois nenhuma virtude é natural, logo é preciso tornar-se virtuoso. É fazendo que aprendemos a fazer. Praticando as ações justas que nos tornarmos justos, praticando as ações moderadas que nos tornamos moderados, praticando as ações corajosas que nos tornamos corajosos. Imitando as maneiras da virtude (polidez, uma forma de hipocrisia, mas hipocrisia sincera, bem intencionada, não para iludir ou enganar os outros) Ela é necessária na criança e insuficiente no adulto. É apenas um começo, mas o é. Pré-virtude. Dizer *por favor*, ou *desculpe* é simular respeito; dizer *obrigado* é simular reconhecimento. É aí que começam o respeito e o reconhecimento. Emmanuel Kant dizia que desse jogo de dissimulações, que suscita o respeito sem talvez merecê-lo, pode nascer a seriedade, e que o homem só pode tornar-se homem pela educação, é a disciplina que primeiro transforma a animalidade em humanidade.

O pensamento de Sponville nos remete a Kardec:

[...] *Há virtude em resistir-se voluntariamente ao mal que se deseja praticar, sobretudo quando há possibilidade de satisfazer-se a esse desejo.*²⁵

²⁵ O Livro dos Espíritos, item 641

Resistir ao mal evoca o conceito de autocontrole, força de vontade, luta consigo mesmo. Ora, só lutamos contra aquilo que não foi derrotado, que ainda existe em nós sobre a forma de *desejo*, inclinação ruim. O texto, todavia, é confortador: há virtude simplesmente em resistir: não fazer, quando se pode, mas não se deve.

O atual Dalai Lama, em entrevista recente a um grande jornal norte-americano disse: "Eu sinto desejos perto de uma moça bonita. Mas, quando me dou conta disso, digo a mim mesmo: você é um monge! E o desejo desaparece".

Algo semelhante disse-me, quando encarnada, Elizabeth Montenari, do movimento espírita da cidade mineira de Leopoldina, que passou toda a sua laboriosa encarnação sobre uma cadeira de rodas:

-- "*Desejo é algo que vem e passa! E se a gente não alimenta, passa mais rápido*".

O impulso do mal denota imperfeições ainda presentes em nós. O lutar contra ele demonstra a nossa vontade sincera de sermos melhores. Os que não têm de lutar, registra Kardec, é porque já realizaram o progresso: lutaram anteriormente e venceram; é por isso que os bons sentimentos não lhes custam nenhum esforço e suas ações lhes parecem tão fáceis: o bem tornou-se para eles um hábito.²⁶

Elizabeth Klüber-Ross escreveu seu último livro, *Os segredos da vida*, aos 74 anos, após um severo acidente vascular encefálico, que a deixou definitivamente sem poder andar. Ela comenta, na mensagem inicial, que não havia morrido ainda porque estava aprendendo as

²⁶ O Livro dos Espíritos, item 894

últimas lições da vida. Quando fala em aprender lições da vida ela se refere a resolver questões inacabadas, problemas íntimos que requerem um esforço pessoal de superação. Como as questões inacabadas são o maior problema da vida, afirma a autora, é também com elas que lidamos quando enfrentamos a morte. A maioria de nós morre com uma grande quantidade de questões inacabadas. Há tantas lições a serem aprendidas na vida que é impossível dominá-las em uma única existência. Assim, as virtudes morais vão sendo adquiridas, experiências após experiências.

Capítulo 5: Penalogia espiritual

Allan Kardec estabeleceu que muitos acontecimentos que se verificam em nossa vida foram anteriormente previstos, embora seja possível, até certo ponto, a mudança de rota e a alteração de compromissos reencarnatórios.²⁷

Assim, eventos como o local de nascimento, casamento, filhos, profissão, grandes dores, como enfermidades congênitas e outras, além do gênero de morte e da época aproximada da desencarnação frequentemente foram previamente escolhidos, conhecidos, esperados ou previstos pelos patronos da evolução terrestre e, eventualmente, pelo Espírito reencarnante. Encontramos na obra Kardequiana citações esclarecedoras:

*Os que encarnam numa família, sobretudo como parentes próximos, são, as mais das vezes, Espíritos simpáticos, ligados por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena.*²⁸

*A que se devem as vocações de certas pessoas e sua vontade de seguir uma carreira em vez de outra? – Parece-me que podeis responder por vós mesmos a esta questão. Não é consequência de tudo o que dissemos sobre a escolha das provas e sobre o progresso realizado numa existência anterior?*²⁹

²⁷ O Livro dos Espíritos, itens 859-a e 860

²⁸ O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIV, item 08

²⁹ O Livro dos Espíritos, item 270

*Não recuseis o filho que no braço repele a mãe, nem aquele que vos paga com a ingratidão: não foi o acaso que o fez assim e que lho enviou.*³⁰

*O nascimento em tal ou tal família não é um efeito do acaso, mas depende muitas vezes da escolha feita pelo Espírito.*³¹

*Somente as grandes dores, os acontecimentos importantes e capazes de influir na tua evolução moral são previstos.*³²

*É na morte que o homem é submetido, de uma maneira absoluta, a inexorável lei da fatalidade, porque ele não pode fugir ao decreto que fixa o termo de sua existência, nem ao gênero de morte que deve interromper-lhe o curso.*³³

Essas situações relacionadas por Kardec e muitas outras vão-se verificar em decorrência de necessidades evolutivas da entidade reencarnante, vinculadas com a natureza de faltas cometidas, com imperfeições que necessita depurar, com afeições que precisa refazer ou com conhecimentos que deseja amealhar. Em suma: viver determinada experiência para o crescimento espiritual. Conferimos com Kardec:

*O Espírito pode querer nascer entre gente de má vida para lutar contra o instinto de banditismo.*³⁴

³⁰ O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIV, item 09

³¹ O que é o Espiritismo, cap. III, item 122

³² O Livro dos Espíritos, item 859-a

³³ O Livro dos Espíritos, item 872

³⁴ O Livro dos Espíritos, item 260

Uns podem impor-se uma vida de misérias e privações, para tentar suportá-la com coragem; outros experimentar as tentações da fortuna e do poder. ³⁵

Renascer no mesmo meio em que viveu, e se encontrar em relação com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes tenha feito. ³⁶

Viver entre povos atrasados para fazer avançá-los mais depressa. ³⁷

Como os fatos se dão

Noticiários informam:

Um ator famoso morre afogado.

Cai o avião e morrem dezenas de atletas.

A gestante contrai "zica" e o filhinho nasce com grave deficiência intelectual.

A adolescente "pega" a Dengue e morre de hemorragia generalizada.

O trabalhador rural é picado por uma cascavel e morre de insuficiência renal.

Eventos assim podem estar relacionados a atitudes perpetradas, em existências pretéritas. Segundo Kardec,

... um acontecimento é quase sempre a consequência de uma coisa que fizeste por um ato de tua livre vontade, de tal maneira que se não tivesses

³⁵ O Livro dos Espíritos, item 264

³⁶ O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, item 11

³⁷ O Livro dos Espíritos, item 273

praticado aquele ato, o acontecimento não se verificaria.
38

Compreender como esses fatos acontecem é extremamente difícil, mas podemos refletir sobre isso e tentarmos, pelo menos em parte, entender o mecanismo responsável pelo cumprimento da lei de causa e efeito. Léon Denis, em *Depois da morte*, coloca que

... as leis inflexíveis da natureza, ou antes, os efeitos resultantes do passado, decidem da reencarnação. O Espírito inferior, ignorante dessas leis, pouco cuidadoso de seu futuro, sofre maquinalmente a sua sorte e vem tomar o seu lugar na Terra sob o impulso de uma força que nem mesmo procura conhecer.

André Luiz, por sua vez, é também explícito ao afirmar que

... a lei de causa e efeito executa-se sem necessidade de fiscalização de nossa parte. 39

Acrescenta André Luiz:

[...] reencarnações e desencarnações, de modo geral, obedecem simplesmente à lei. Há princípios biogenéticos orientando o mundo das formas vivas ao ensejo do renascimento físico. 40

Os textos mostram que todos nós estamos inseridos em um *automatismo físico-psíquico, regido pela ordem natural*, usando a bela expressão de Humberto Schubert Coelho, autor dos livros *Genealogia do espírito* e *A filosofia perene*. Esse automatismo natural faz com que todos os nossos atos sejam registrados, avaliados e

38 O Livro dos Espíritos, item 859-a

39 Entre a Terra e o céu, cap. 2

40 Obreiros da vida eterna, cap. XI

respondidos por nossa própria consciência. Atitudes saudáveis, úteis e nobres nos colocam em uma reação de responsividade promotora de bem estar pessoal. Por outro lado, atitudes enfermigas, personalistas e que interferem negativamente no bem estar dos outros atraem para nós, como recurso educativo da lei, situações de angústia e sofrimento.

A crença em um automatismo regido pela Lei divina precede o pensamento espírita. No discurso que o celebrizou, pronunciado em 1838, Ralph Waldo Emerson, escritor, ensaísta, poeta e filósofo norte-americano do século XIX, citado por William James, disse:

Estas leis [divinas] cumprem-se por si mesmas. Elas estão fora do tempo, fora do espaço, e não sujeitas à circunstância: Assim, na alma do homem há uma justiça cujas retribuições são instantâneas e inteiras. Aquele que pratica uma boa ação é instantaneamente enobrecido. Aquele que pratica um ato vil é diminuído pelo próprio ato. Quem repele a impureza veste-se de pureza. Se for justo de coração, o homem será Deus enquanto justo; a segurança de Deus, a imortalidade de Deus, a majestade de Deus penetram nesse homem com a justiça. Se um homem dissimula e engana, engana-se a si mesmo e perde o conhecimento do próprio ser. O caráter é sempre conhecido. Os roubos nunca enriquecem; as esmolas nunca empobrecem; do assassínio falarão todas as paredes de pedra.

Não sabemos se Kardec conhecia as ideias de Emerson, mas o pensamento do grande filósofo americano se identifica plenamente com a codificação Kardequiana, como se vê nesse texto:

Mas, será necessário que Deus atente em cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou punir? Esses atos não são, na sua maioria, insignificantes para ele?

*-- Deus tem suas leis a regerem todas as vossas ações. Se as violais, vossa é a culpa. Indubitavelmente, quando um homem comete um excesso qualquer, Deus não profere contra ele um julgamento, dizendo-lhe, por exemplo: Foste guloso, vou punir-te. Ele traçou um limite; as enfermidades e muitas vezes a morte são a consequência dos excessos. Eis aí a punição; é o resultado da infração da lei. Assim em tudo.*⁴¹

E Kardec, comentando o pensamento dos Benfeitores, acrescenta:

Todas as nossas ações estão submetidas às leis de Deus. Nenhuma há, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação daquelas leis.

Mas como isso se dá? Que mecanismos estabelecidos pela lei divina registram e impingem consequências aos nossos atos?

Ao afirmar que *quem comete o pecado é escravo do pecado* (João 8,34), Jesus procurou demonstrar que nossos erros caminham conosco, impressos em nossa mente, até que nos libertemos deles. Segundo André Luiz, em *Ação e reação*, cap. 19:

[...] todo mal por nós praticado conscientemente expressa, de algum modo, lesão em nossa consciência e toda lesão dessa espécie determina distúrbio ou mutilação no organismo que nos exterioriza o modo de ser.

⁴¹ O Livro dos Espíritos, item 964

Ainda André Luiz, no livro *Entre a terra e o céu*, cap. I:

[...] o mal é sempre um círculo fechado sobre si mesmo, guardando temporariamente aqueles que o criaram, qual se fora um quisto de curta ou longa duração, a dissolver-se, por fim, no bem infinito, à medida que se reeducam as Inteligências que a ele se aglutinam e afeiçoam. O Senhor tolera a desarmonia, a fim de que por intermédio dela mesma se efetue o reajustamento moral dos espíritos que a sustentam, vez que o mal reage sobre aqueles que o praticam, auxiliando-os a compreender a excelência e a imortalidade do bem, que é o inamovível fundamento da Lei. Todos somos senhores de nossas criações e, ao mesmo tempo, delas escravos infortunados ou felizes tutelados. Pedimos e obtemos, mas pagaremos por todas as aquisições. A responsabilidade é princípio divino a que ninguém poderá fugir.

Comenta André Luiz, em *Evolução em dois mundos*, parte II, cap. XIX que, de modo geral, a causa das moléstias crônicas, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guarda no corpo espiritual as suas causas profundas. O registro dessa ou daquela falta grave cria, na mente, um estado anômalo, que ele classifica de "zona de remorso", em torno da qual a onda do pensamento passa a enovelar-se com reflexo permanente na parte do veículo físico ligada à lembrança das pessoas e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria. Estabelecida a ideia fixa sobre esse "nódulo de forças mentais desequilibradas", é indispensável que acontecimentos reparadores se nos contraponham ao modo enfermiço de ser, para que nos sintamos exonerados desse ou daquele fardo íntimo, ou exatamente redimidos perante a Lei. Acrescenta o autor

que essa cristalização de energias profundas, no imo de nossa alma, expressam as chamadas dívidas cármicas, por se filiarem a causas infelizes que nós mesmos plasmamos na senda do destino, e que são perfeitamente transferíveis de uma existência para outra. Assim, o remorso provoca distonias diversas em nossas forças íntimas, desarticulando as energias do corpo espiritual, criando predisposições para essa ou aquela enfermidade.

Muitos eventos cármicos (relacionados a existências passadas) podem ser explicados pelo mecanismo exposto. Vejamos um exemplo: determinado Espírito comprometeu-se, em certa existência, por atitudes autoritárias ou mesquinhas em relação à família. Em decorrência desse abusivo estresse psicológico, um de seus filhos desenvolveu grave patologia do aparelho digestivo, padecendo por longos anos em decorrência da enfermidade. O pai culpado poderá reencarnar com marcas nas áreas do seu perispírito responsáveis pela vitalização do aparelho digestivo, área que seu filho teve lesada por sua atitude infeliz, na existência anterior. Essas marcas estarão criando uma predisposição ao aparecimento de enfermidades, como a doença inflamatória intestinal, úlcera gástrica ou disfunções hepáticas. Assim, o Espírito reencarna com “pontos fracos” em seu corpo espiritual. Essas energias perispirituais doentes direcionadas para essa ou aquela região do corpo físico determinam os órgãos que estarão mais predispostos a adoecer. Vários fatores irão relacionar-se ao aparecimento e gravidade da doença, notadamente o estilo de vida e a conduta moral que o envolvido vier a adotar.

Vejamos outra situação: Um indivíduo, alçado à condição de poder, comprometeu-se negativamente

através de uma autoridade cruel, impingindo excessos de trabalho e falta de condições adequadas aos seus subordinados, concorrendo para que muitas pessoas sofressem danos físicos ou psíquicos diversos. A atitude equivocada imprime em sua mente a falta cometida. A necessidade de pacificar a consciência culpada o acompanha para a existência seguinte (ou seguintes) como uma necessidade inconsciente de reparação. Certo dia, em visita a uma marcenaria, ele se distrai e coloca, sem dar-se conta disso, uma das mãos em uma afiada lâmina de corte, sofrendo grave lesão, com perda de alguns dedos ou de toda a mão. Cumpre-se, assim, a lei de causa e efeito, através de um automatismo físico-psíquico.

Outro exemplo: certo indivíduo compromete-se lamentavelmente com a paternidade irresponsável, deixando ao léu filhos pequenos, que se veem privados do afeto e da atenção paternas. O sentimento de culpa determina na consciência desse Espírito a necessidade de autoeducação. Este, por sua vez, liga psiquicamente o Espírito culpado a Espíritos em situação moral equivalente. Essa ligação magnética pode desencadear uma reencarnação em um núcleo familiar provavelmente desagregado, que o levará a viver uma experiência dolorosa equivalente a que se responsabilizou no passado: a infância desassistida.

Em torno das aflições encontradas na convivência com pessoas viciosas, más ou perturbadas, Kardec esclarece:

[...] estando em expiação na Terra, os homens se punem a si mesmos pelo contato de seus vícios, cujas primeiras vítimas são eles próprios e cujos inconvenientes acabam por compreender. Quando

estiverem cansados de sofrer devido ao mal, procurarão remédio no bem. A reação desses vícios serve, pois, ao mesmo tempo, de castigo para uns e de provas para outros. ⁴²

Crime e culpa

Assim como a evolução dos seres orgânicos se verifica segundo um conjunto de leis (lei da gravidade, do eletromagnetismo, da hereditariedade, da seleção natural etc.), também a evolução dos Espíritos se dá segundo leis de diferentes naturezas, desconhecidas da ciência oficial e, paulatinamente, reveladas pela Doutrina espírita. Kardec denominou esse conjunto de princípios de *Lei natural*, afirmando que é a única necessária à felicidade dos homens e que apenas sofremos quando nos afastamos dela. ⁴³O progresso se dá pelo cumprimento da Lei natural, que se encontra estabelecida na consciência do homem. ⁴⁴O bem consiste em nos identificarmos com ela, o mal em desconsiderarmos seus princípios. O bem traz consigo o melhoramento do ser e a aquisição de faculdades nobres que nos aproximam de Deus. O mal, ao contrário, provoca a paralisação dessa marcha, o embotamento das forças do Espírito e a inserção em experiências educativas, que muitas vezes, são dolorosas. Há, portanto, uma sanção à infração da Lei natural.

⁴² Evangelho segundo o Espiritismo, cap. 8, item 14

⁴³ O Livro dos Espíritos, item 614

⁴⁴ O Livro dos Espíritos, item 621

Em decorrência de uma atitude humana equivocada segue-se, como visto, uma resposta da lei divina, que se dá, a princípio, na consciência do Espírito faltoso. Essa resposta pode ser examinada do ponto de vista *qualitativo* e *quantitativo*.

Sob o aspecto *qualitativo*, parece ser uma resposta mais ou menos padronizada. O pensamento espírita admite que *cada um é punido naquilo em que pecou*.⁴⁵ Esta afirmação dos Espíritos veio em resposta ao questionamento de Kardec se da análise das vicissitudes da vida corpórea se possa induzir quanto ao gênero da existência anterior. Kardec parece ter entendido que sim, que o tipo de sofrimento guarda relação de intimidade com o tipo de ação cometida em existência pretérita. Pode-se deduzir isso pelo seguinte comentário de Kardec, à questão 399:

[...] a natureza dessas vicissitudes e das provas que sofreremos também nos podem esclarecer acerca do que fomos e do que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos dos atos de um culpado pelo castigo que lhe inflige a lei. Assim, o orgulhoso será castigado no seu orgulho, mediante a humilhação de uma existência subalterna; o mau rico, o avarento, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado etc.

Ao voltar ao assunto, em outra obra, Kardec é ainda mais explícito, ao afirmar que

⁴⁵ O Livro dos Espíritos, item 399

[...] pela natureza dos sofrimentos da vida corpórea pode julgar-se a natureza das faltas cometidas em anteriores existências. ⁴⁶

André Luiz procurou relacionar erro/sofrimento na obra *Ação e reação*, dedicada particularmente ao estudo da lei de causa e efeito. Vejamos algumas situações elencadas por ele: desordens do aparelho digestivo causadas por excessos alimentares ou uso de álcool e drogas em existência pretérita; reumatismos e paralisias vinculados a quedas morais decorrentes de leviandade com que certas almas se utilizaram do esporte e da dança; deficiências auditivas e visuais em indivíduos que se deixaram envenenar pelos olhos ou ouvidos, comprometendo-se em vasta rede de criminalidade; aparelhos cerebrais com inibições graves e dolorosas em intelectuais e artistas que perverteram o espírito humano, por intermédio da criação de imagens menos dignas; corpos vulneráveis às enfermidades de pele em homens e mulheres que abusaram dos dotes físicos; lesões importantes no aparelho reprodutor em milhares de pessoas que transformaram o santuário do sexo numa forja de perturbações para a vida alheia.

Examinando a Lei de causa e efeito agora sob o aspecto *quantitativo*, é natural indagar-se: havendo Espíritos de diversos graus, o bem e o mal seriam os mesmos para todos eles? Kardec preocupou-se com essa questão e perguntou aos Espíritos se são absolutos, para todos os homens, o bem e o mal. A essa indagação, seguiu-se a resposta:

⁴⁶ O céu e o inferno, parte I, cap. 7

*A lei de Deus é a mesma para todos; porém, o mal depende principalmente da vontade que se tenha de praticá-lo. O bem é sempre o bem e o mal sempre o mal, qualquer que seja a posição do homem. Diferença só há quanto ao grau da responsabilidade.*⁴⁷

No item seguinte, Kardec insiste no tema, perguntando se o selvagem que, cedendo ao seu instinto, se nutre de carne humana é culpado? Na resposta, os Benfeitores reafirmam o que disseram:

*[...] tanto mais culpado é o homem, quanto melhor sabe o que faz.*⁴⁸

Diante do pensamento dos Benfeitores, Kardec comenta, no item 637 de *O Livro dos Espíritos*:

As circunstâncias dão relativa gravidade ao bem e ao mal. Muitas vezes, comete o homem faltas que, nem por serem consequência da posição em que a sociedade o colocou se tornam menos repreensíveis. Mas, a sua responsabilidade é proporcionada aos meios de que ele dispõe para compreender o bem e o mal. Assim, mais culpado é, aos olhos de Deus, o homem instruído que pratica uma simples injustiça, do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos.

E avançando nessa reflexão, Kardec quis saber se os sacrifícios humanos praticados com piedosa intenção, algum dia foram agradáveis a Deus? E a resposta:

*Não, nunca. Deus, porém, julga pela intenção.*⁴⁹

⁴⁷ O Livro dos Espíritos, item 636

⁴⁸ O Livro dos Espíritos, item 637

⁴⁹ O Livro dos Espíritos, item 670

Pode-se concluir, portanto, que do ponto de vista quantitativo erros equivalentes nem sempre receberão da lei uma resposta de igual intensidade. Vários fatores se relacionam a uma atitude equivocada, sob o aspecto da culpabilidade, atenuantes uns, agravantes outros.

Examinemos a seguinte situação: uma jovem, inserida em um bolsão de pobreza, em uma região pobre do país, criada sem o apoio dos pais, sem escolaridade e sem religião, engravidada do namorado. O rapaz ameaça abandoná-la se não retirar o bebê e ela, então, opta pelo aborto criminoso. Admitamos, simbolicamente, que ela adquira uma falta perante a sua consciência: *X pontos*. Esse equívoco moral deverá ser reparado um dia (pela dor ou pelo amor) por imposição da própria consciência. Prosseguindo em nossa reflexão, nos identificamos agora, com outra jovem, educada por pais amorosos, de boa condição socioeconômica, escolarizada e com formação religiosa, que vem a engravidar do namorado. O jovem amorosamente sinaliza que a ajudará na educação do rebento. Mesmo assim, ela decide pelo aborto criminoso. Seu erro foi o mesmo erro da jovem anterior, mas a culpabilidade não será a mesma, digamos *XXX pontos*. Mais custosa será a reparação da falta.

A própria definição de *ato moral*, que é o objeto de estudo da Ética filosófica, relaciona a atitude em si mesma com as suas motivações e com a intenção de fazê-la. Os *atos morais* são atos humanos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em seu conjunto. O ato moral se apresenta como uma totalidade de elementos: motivo, intenção ou fim, decisão pessoal, emprego de meios adequados, resultados e conseqüências. Sendo, então, um ato conseqüencial

livre, ele só pode ser considerado como tal, e passível de punição, se for cometido *livremente* por alguém *consciente* do que está fazendo. Ato cometido sob absoluta pressão, que não deixa ao agente a possibilidade de não fazê-lo, não é considerado como passível de responsabilidade. Os Benfeitores espirituais não consideraram como suicídio a atitude de mulheres que, em certos países, se queimam sobre os corpos dos maridos mortos atendendo a um impositivo da lei.⁵⁰ Tem-se aí uma atitude não livre, portanto não passível de punição. De forma equivalente, a um agente que não sabe o que está fazendo ou é incapaz de medir as possíveis consequências de sua atitude, não pode ser imputada culpabilidade. *O louco que se mata não sabe o que faz*, registrou Kardec, pois sem consciência do ato, não se pode pensar em culpabilidade.⁵¹

O Livro dos Espíritos estabelece, então, que a lei natural culpabiliza os erros humanos segundo dois parâmetros: a *intenção* e o grau de *conhecimento* que se tenha em relação ao cometido.⁵²

Do ponto de vista da intenção, vê-se que, muitas vezes, erros de consequências danosas são cometidos por pessoas bem intencionadas (o que obviamente atenua sua responsabilidade), e, de forma diversa, o desejo do mal, às vezes, não se concretiza apenas por falta de oportunidade, o que não deixa de ser um erro. Por outro lado, a ignorância pode atenuar uma falta. No entanto, o desconhecimento nem sempre pode desculpar a falta por completo, pois a ausência de conhecimento, em muitas ocasiões, se dá por descaso ou indolência.

⁵⁰ O Livro dos Espíritos, item 955

⁵¹ O Livro dos Espíritos, item 944-a

⁵² O Livro dos Espíritos, item 954

Não se pode desculpar aquele que alega não conhecer o erro, quando a possibilidade de conhecê-lo encontrava-se à sua mão. Como regra geral, a culpabilidade diante de uma falta é diretamente proporcional ao progresso intelectual amealhado, pois este lhe dá a verdadeira medida do que foi feito e das possíveis consequências do ato praticado.

Em resumo: a atitude equivocada *lesa* a mente, e a partir daí, se desencadeia a resposta imposta pela lei natural. Podemos então aventar a hipótese de que a energia psíquica gerada pelo ato criminoso terá um poder lesivo diferente, relacionado ao contexto em que foi perpetrado e proporcional aos dois fatores previamente citados: intenção e conhecimento.

Vejamos a seguinte metáfora: em uma parede são desferidos tiros com armas de calibres distintos. Todos os tiros estarão danificando a parede, mas o grau de dano será proporcional à energia de impacto decorrente do tamanho da bala e da potência da arma. Uma espingarda de "chumbinho" talvez apenas danifique a pintura, mas um tiro de canhão vai destruí-la por completo. Acreditamos que o mesmo se dê com os atos humanos. Atitudes criminosas cometidas por indivíduos em fase primária da evolução humana serão como tiros de "chumbinho". A mesma atitude cometida por indivíduos em condição evolutiva superior serão como tiros de canhão.

Capítulo 6: Evolução pelo bem

A reparação consciencial de um erro não se dá exclusivamente pelo sofrimento, pois *a justiça não exclui a bondade*.⁵³ O pensamento segundo o qual *o amor cobre a multidão dos pecados* (1 Pedro) encontra aplicabilidade também na lei de causa e efeito. A lei da evolução admite que uma boa ação realizada hoje possa neutralizar uma má ação realizada ontem.

Escreveu André Luiz:

*A criação de Deus é gloriosa luz. Qualquer sombra de nossa consciência jaz impressa em nossa vida até que a mácula seja lavada por nós mesmos, com o suor do trabalho ou com o pranto da expiação.*⁵⁴

Nota-se, pelo pensamento do autor desencarnado, que a lei admite o ressarcimento das dívidas cármicas pelo *suor do trabalho*, apresentando a opção da evolução através do bem.

Como esse processo se verifica? Hipoteticamente, podemos aventar pelo menos dois mecanismos, um deles inerente ao próprio automatismo da lei e outro relacionado à intercessão dos Espíritos desencarnados.

Podemos admitir que o pensamento voltado ao bem e a atitude de bondade são geradoras de ondas mentais restauradoras, revestidas do poder de restaurar energias enfermiças, estabelecidas no psiquismo do Espírito faltoso.

⁵³ O Livro dos Espíritos, item 1009

⁵⁴ Ação e reação, cap. 4

Tal mecanismo é sugerido pelo Espírito André Luiz, ao examinar as enfermidades que acometem a criatura humana, quando coloca que a alma, muitas vezes, ressurge no equipamento físico transportando consigo as próprias falhas a se lhe refletirem na veste carnal, como zonas favoráveis à eclosão de determinadas moléstias. No entanto, também carrega consigo as faculdades de criar no próprio cosmo orgânico todas as espécies de anticorpos, imunizando-se contra as exigências da carne, faculdades essas que pode ampliar consideravelmente pela oração, pelas disciplinas retificadoras a que se afeioe, pela resistência mental ou pelo serviço ao próximo com que atrai preciosos recursos em seu favor. Lembra o autor que *o bem é o verdadeiro antídoto do mal.*⁵⁵

Destacamos no pensamento de André as expressões *oração, disciplinas retificadoras, resistência mental e serviço ao próximo.* Essas atitudes funcionam como ferramentas evolutivas, verdadeiros antídotos ao sofrimento expiatório. Uma força psíquica de natureza elevada pode desconstruir as vibrações doentias implantadas na consciência do faltoso, evitando assim que dores e aflições relacionadas aos atos infelizes se instalem no presente.

Em muitas situações, por outro lado, a atuação socorrista dos Benfeitores espirituais é evidente. Lembramos com Kardec que *os Espíritos são uma das forças da natureza e os instrumentos dos quais Deus se serve para a realização de Seus desígnios providenciais.*⁵⁶ O fato de a lei existir - e funcionar automaticamente - não impede que os Espíritos (os seres inteligentes da

⁵⁵ Ação e reação, cap. 19

⁵⁶ O Livro dos Espíritos, item 87

criação) possam atuar sobre ela. No campo físico é fácil ver isso. Existe a lei da gravidade, e ela é inexorável. No entanto os engenheiros conseguem construir pontes e levantar aviões, pois aprenderam a agir "segundo a lei". Há mil anos, fazer com que um objeto do tamanho de um avião saísse do chão "sozinho" pareceria uma derrogação da lei de gravidade. Hoje, não. O mesmo vale, por exemplo, para os fenômenos na intimidade da matéria, que dão origem ao comportamento das moléculas, das proteínas, dos genes, das células etc., numa escala ascendente. Em todos os níveis há um "automatismo" regido pela lei, que pode ser influenciado (mas não revogado) pela ação espiritual. Talvez seja isso que Jesus quis dizer, quando, ao referir-se a si mesmo disse: *o filho do homem tem autoridade para perdoar os pecados.* (Mateus 9:6) Obviamente que o poder de Jesus não estava em "perdoar os pecados" (pois isso nem Deus faz - seria uma quebra da lei), mas em influenciar nas consequências que o "pecado" teve para a criatura, sejam estas consequências físicas (enfermidades, limitações etc.) ou psicológicas (remorso, autopunição etc.).

A esse respeito, reproduzo o seguinte fato:

Marília de Dirceu Oliveira Faria, ou Tia Lila, era a irmã mais velha de meu pai e residia em Brasília onde desenvolvia intensas atividades no movimento espírita local. Além de atuar como dirigente de reunião de estudos e trabalhos mediúnicos, na *Comunhão espírita cristã de Brasília*, Lila organizava chás e jantares beneficentes, e revertia os lucros para a localidade de Astolfo Dutra, na Zona da mata mineira, onde a família de seu pai, meu avô paterno, mantinha uma importante casa de apoio a meninas em condição de orfandade.

Durante mais de 40 anos, as atividades filantrópicas organizadas por ela foram o esteio financeira dessa casa, a *Fundação Espírita Abel Gomes*. Certa feita, Tia Lila vai submeter-se a uma cirurgia de catarata e grave infecção surge como complicação do procedimento cirúrgico. Apesar de toda a terapêutica aplicada, o caso se agrava de tal forma que ela se vê acometida de cegueira unilateral. No entanto, para preocupação geral, o olho sadio manifesta também um quadro infeccioso igualmente grave. Novos médicos são acionados, antibióticos ultramodernos, mas os resultados não se mostravam satisfatórios.

A terapia espírita através da magnetização estava sendo aplicada, quando certa feita, um de seus filhos, Sérgio Oliveira Faria, portador de segura mediunidade, ao aplicar-lhe o passe magnético, identifica uma entidade desencarnada de nome João Tomé. O Espírito era conhecido da família de longa data, militara também no movimento espírita de Brasília, e era cego desde o nascimento. Ligando-se a Sérgio, pelos canais da mediunidade, a entidade, dirigindo-se a todos os presentes, disse:

-- "Nossa irmã Lila vai-se recuperar do segundo olho, não se preocupem. Foi-lhe autorizada uma intervenção socorrista. Tudo vai evoluir bem".

E, ante o alívio geral, o Espírito prosseguiu:

-- "Lila (então vivendo uma experiência no corpo masculino) e eu estivemos juntos em uma encarnação na idade média. Desenvolvíamos atividades no sacerdócio católico, mais intimamente vinculados ao movimento inquisitorial. Nessa infeliz encarnação cometemos barbaridades que ficaram marcadas em nosso psiquismo. Deveríamos prosseguir a reparação

nesta existência. Eu nasceria cego, como nasci. Lila, que tinha culpabilidade menor que a minha, seria acometida da cegueira por volta dos 60 anos. Explica-se aí a complicação infecciosa da cirurgia. Todavia, pelos grandes méritos conquistados por ela, na tarefa assistencial espírita, foi autorizada uma amortização do débito, e em lugar, da cegueira completa, restou-lhe a cegueira de um só dos olhos”.

A previsão da entidade se verificou: a infecção passou a responder aos antibióticos e o olho teve sua função totalmente restaurada.

O princípio da evolução pelo bem deveria ser melhor examinado. Muitos acreditam, equivocadamente, que só se pode evoluir através do sofrimento. A lei de Deus é, sobretudo, uma lei de amor. O sofrimento surge como um dos últimos recursos da lei, aplicado em situações de refratariedade absoluta ao bem; talvez como um recurso extremo do amor de Deus, que não quer que nenhum de seus filhos se perca. Suponhamos que determinado Espírito tenha se comprometido moralmente ao fazer mal uso das mãos (furto, assalto ou latrocínio, por exemplo) e, posteriormente, tenha se arrependido. O que nos parece mais lógico: que ele retorne, na existência seguinte, com grave deformidade nas mãos, ou se valha de suas mãos para auxiliar a muitos outros como cirurgião dedicado e competente? Que venha cego, ou que se dedique ao amparo daqueles que perderam a visão? Obviamente, que determinadas situações dolorosas são necessárias ao Espírito, não tanto como expiação de crimes, mas como necessário processo de trabalho interior, em busca de valores espirituais elevados. Examinamos anteriormente essa questão. Estudamos aqui o processo de libertação consciencial do

erro. A opção de evoluir sem sofrimento existe, quando o Espírito sinceramente arrependido se dispõe a isso.

Portanto, podemos começar a raciocinar sobre o carma de outra maneira. Se alguém cortou o braço de outro, numa existência, não precisa ter o seu braço cortado na seguinte, a não ser que ele queira isso, se acomode a isso, ou atraia isso por sua atitude equivocada de agora. Se o indivíduo foi carrancudo para com todas as pessoas que encontrou, não é necessário que todas sejam carrancudas para com ele; basta que comece a sorrir.

O carma precisa ser visto como algo que pode ser mudado. Os dispositivos correccionais dolorosos podem ser minorados, amortizados ou mesmo diluídos se nós nos modificamos para melhor. Quando Kardec perguntou aos Espíritos em que se baseia a duração do sofrimento do Espírito culpado, eles responderam:

No tempo necessário ao seu melhoramento. ⁵⁷

E quando perguntou se nós poderíamos, já nesta encarnação, resgatar nossos erros, os Benfeitores disseram que

[...] a perda de um dedo mínimo, quando se esteja prestando um serviço, apaga mais faltas do que o suplício da carne suportado durante anos, com objetivo exclusivamente pessoal. ⁵⁸

O princípio da evolução pelo bem foi amplamente admitido por Kardec, que apresentou um conceito de carma dinâmico, fluido, modificável através das ações nobres e generosas. A duração do sofrimento depende

⁵⁷ O Livro dos Espíritos, item 1004

⁵⁸ O Livro dos Espíritos, item 1000

da melhoria do culpado. O Espírito pode prolongar os sofrimentos pela pertinácia no mal ou suavizá-los e anulá-los pela prática do bem. Ações meritórias não se perdem. Todo ato meritório terá recompensa.

Quando questionado sobre uma possível inflexibilidade da lei da expiação, Emmanuel esclareceu que os tribunais da justiça humana, apesar de imperfeitos, por vezes, comutam as penas e beneficiam os delinquentes com o "sursis". Por que a inflexibilidade e a dureza existiriam para a lei Divina, se Deus é amor? E acrescenta que a misericórdia divina, conforme a conduta do Espírito encarnado, pode dispensar o sofrimento, quando o homem, na sua existência, já demonstre certas expressões do amor que cobre a multidão dos pecados.⁵⁹

André Luiz referindo-se ao conceito milenar de carma, algumas vezes mal interpretado, pois identificado erroneamente apenas com angústias e dores, define-o como a conta do destino criada por nós mesmos, englobando os créditos e os débitos que, em particular, nos digam respeito.⁶⁰ O pensamento, portanto, do Benfeitor registra que os créditos que possuímos resultados de atitudes de construção do bem em nós e em nossos semelhantes, serão também contabilizados na dissolução do erro.

Tal raciocínio pode ser aplicado igualmente à vida afetiva, porque a lei de causa e efeito estende-se também aos contraventores da lei do amor.

Quando, em experiências transatas, ou mesmo nesta experiência encarnatória, nos valemos de outras pessoas

⁵⁹ O consolador, questão 247

⁶⁰ Ação e reação, cap. 7

em nossa ânsia incontrolável de prazer, desconsiderando os seus sentimentos mais sinceros, ou menosprezamos injustificadamente compromissos afetivos previamente estabelecidos, podemos gerar em nossa alma uma "chaga" na região do afeto.

Esse núcleo de energias doentias, resultado da atitude infeliz, precisa ser tratado e, muitas vezes, o tratamento exige renúncia às experiências de comunhão afetiva.

O excesso exige, em sua reparação, imposto de carência. Cuidamos dessas feridas ampliando o amor fraterno e universal, que dá e não cobra, que serve e não espera ser servido.

Cuidadas essas feridas, Deus fará aproximar-se de nós pessoas afins, que poderão completar-nos afetivamente.

O Espírito Estêvão, na obra *Cartas do Evangelho* (psicografia de Vinicius Lara) coloca:

Jesus esteve alguns instantes na presença de cada um dos doentes que lhe buscavam o concurso, mas era ao lado dos tarefeiros dedicados que o rabi permaneceu a maior parte do de seu tempo [...] Se desejas receber benefícios vindos do plano espiritual, aprende a praticar esta mesma caridade para com todos ao teu redor. Encontra espaço na oficina da mente para o compromisso superior e te coloca à disposição dos prepostos do amor nestes tempos de agora. Cooperar, dedica, consola, alimenta e ampara, relembrando as necessidades que tu mesmo possuí. No instante em que enxugares a lágrima solitária e esquecida nos olhos de alguém, o Cristo estará contigo no consolo verdadeiro das chagas que carregas no coração.

Culpa e reparação

A reparação do erro pela construção do bem é o recurso pacificador ante o sentimento perturbador da culpa. A culpa pode ser um sentimento paralisante e indesejável, que coloca o indivíduo num estado de espírito negativo, sombrio, depressivo. Esse estado é altamente prejudicial, pois pode levar à depressão clínica e ao suicídio. A culpa nos liga às nossas partes mais sombrias; é uma conexão com a nossa fraqueza, vergonha e incapacidade de sairmos de onde estamos. Ou, então, nos leva a um fenômeno de transferência, projetando uma hipotética responsabilidade em outra pessoa. Para nos livrarmos desse sentimento, que é muito doloroso, procuramos responsabilizar os outros. Quantos parentes de enfermos, que nunca foram sequer a uma consulta com ele, passam a responsabilizar o médico por um mal resultado do tratamento! Dói menos direcionar a raiva para o doutor, do que admitir que fomos omissos ou indiferentes. Mas, quando tentamos nos esconder de nossas emoções ruins projetando a culpa nos outros, permanecemos presos a um ciclo de sentimentos que não conseguimos resolver e cometemos outro erro: responsabilizar injustamente outras pessoas.

A culpa, no entanto, como reconhecimento sincero do erro, acompanhado do desejo de reparação é atitude altamente desejável e sempre louvável. Lembra a Dra. Klüber-Ross que o sentimento de culpa, no sentido de responsabilidade, é necessário. A sociedade seria caótica sem ele. Não haveria sinais vermelhos para nos dizer que temos que parar. Dirigiríamos como se fôssemos os donos da rua. A culpa faz parte da experiência humana e pode ser um guia que nos diz que alguma coisa não está

bem. Nesse sentido, a culpa que leva ao arrependimento é o primeiro passo para a libertação consciencial do erro.

Harold Kushner conta que, certa feita, um hospital comunitário judeu ganhou uma capela. Ele, como um dos membros do comitê de planejamento, foi convidado a fazer um pequeno sermão na inauguração. Então, decidiu falar sobre os usos que a capela teria e da dimensão extra que ela acrescentaria à rotina do hospital. Durante a recepção que se seguiu, um jovem médico puxou-o para um lado e disse:

-- Rabino, gostei muito de seus comentários, mas existe uma coisa que esta capela promete fazer e que o senhor, por certo, ainda não se deu conta, porque não é um médico. Ela, sem dúvida, responde a questão: aonde um médico vai quando ele sente que cometeu um erro. Porque não há outro lugar aonde eu possa ir quando tenho um sentimento assim! Não posso comunicar ao doente ou a família: perderia a confiança deles e correria o risco de ser processado. Não posso, tampouco, compartilhá-lo com minha esposa ou com meus amigos, porque eles pouca importância dariam ao fato. Talvez dissessem: - "Você fez o seu melhor! Deixa isso pra lá". Mas, não é isso que eu quero ouvir. Mas, na capela, eu poderia conversar com Deus. Eu diria a ele como me sinto mal com o que fiz. Que se pudesse voltar no tempo, faria diferente. Porque Deus, rabino, não diria: "Tudo bem! Você fez o seu melhor! Essas coisas acontecem mesmo"... Eu penso que Deus, ao contrário, diria assim: "O que você fez foi muito grave... Mas vamos ver o que pode ser feito agora".

Ninguém pode resolver definitivamente o problema daquele que tem o pensamento cristalizado na culpa, nem a terapia, tampouco os remédios do psiquiatra, ou o

apoio da família e dos amigos. O alívio da culpa jamais virá de fora; o autoperdão tem que ser construído de dentro para fora, a partir de ações que enobrecem e dignifiquem a pessoa envolvida. Lembra o rabino Kushner que, na antiga Israel, uma pessoa que sentia que tinha feito algo errado deveria levar ao templo um tipo especial de sacrifício animal. Isso não era uma espécie de suborno para persuadir Deus a apagar os registros do pecado cometido. A oferenda tinha por objetivo apenas ajudar a pessoa a ver a si própria sob uma luz mais favorável. Depois do sacrifício ela provavelmente diria a si mesma: "Algumas vezes admito que sou fraca e egoísta, mas outras vezes sei que posso ser forte e generosa também. Existem ocasiões em que me sinto envergonhada pelo que faço, mas não é sempre. Algumas vezes tenho razões para me sentir bem comigo mesma."

Procurado por uma jovem mulher atormentada pela culpa – ao sair de uma festa (ela e o esposo), após terem feito uso de bebidas alcoólicas, atropelaram e mataram um garoto de 13 anos - Kushner disse: "Se houvesse qualquer coisa que você pudesse fazer para trazer o menino de volta à vida, por mais doloroso e dispendioso que isto fosse, tenho certeza de que faria isso. Mas a verdade é que não há. Sendo assim, vamos falar a respeito do que você pode fazer para recuperar um pouco da autoestima e amor próprio perdido. Vejamos o que você e seu marido podem fazer que os ajude a dizer: certa vez fomos fracos e descuidados, mas algumas vezes também somos nobres e generosos. Será que não podem contribuir para uma instituição que combata o uso de bebidas por motoristas, ou coisa semelhante? Seu marido, na condição de advogado, não poderia prestar assistência jurídica gratuita aos mais

pobres e necessitados? Isso não seria uma penitência, mas uma forma de deixar seu lado bom e nobre vir à tona e suplantando a tragédia do acidente”.

Esse é o único pensamento que cabe diante da culpa: “vamos ver o que pode ser feito agora”! Não há outra saída para o sentimento de remorso. É como se nós dissemos para o administrador da vida: “Me dê uma nova chance! Quero a oportunidade de provar que não sou tão ruim quanto pareço”!

Lembra Emmanuel, no livro *Alma e coração*, que as maiores transformações de nossa vida surgem, quase sempre, do que doamos de nós mesmos. Dar, afirma o benfeitor, significa abrir caminhos, fundamentar oportunidades, multiplicar relações. Todas as virtudes têm a sua raiz no ato de dar. Beneficência, doação dos recursos próprios. Paciência, doação de tranquilidade interior. Tolerância, doação de entendimento. Sacrifício, doação de si mesmo. Escreveu:

Toda dádiva colocada em circulação volta invariavelmente ao doador, suplementada de valores sempre maiores. Quem deseje imprimir mais rendimento e progresso em suas tarefas e obrigações, procure ampliar os seus dispositivos de auxílio aos outros e observará sem delonga os resultados felizes de semelhante cometimento. Isso ocorre porque em todo o Universo as Leis Divinas se baseiam no amor – no que, no fundo, é a onipresença de Deus em doações eternas. Em qualquer soma de prosperidade e paz, realização e plenitude, o serviço ao próximo é a parcela mais importante, a única, aliás, suscetível de sustentar as outras atividades que compõem a estrutura do êxito.

Chico Xavier costumava dizer que a caridade sempre foi a força que o sustentou, que tudo sempre valeu a

pena, por causa dela. Quando ficava muito aborrecido consigo mesmo, com as suas imperfeições e erros, procurava a periferia da cidade, visitando as favelas. Sempre encontrava na ajuda e no socorro do necessitado a mensagem da consolação e o conforto espiritual de que se achava carente. Ele pensava consigo: - "Meus Deus, a minha vida não é tão inútil assim!..." Trocava um pedaço de pão por energia para o dia seguinte. E voltava refeito para casa. E quando Emmanuel percebia que ele não estava bem, dizia-lhe: "- Chico, deixemos nossos escritos; a página mediúnica pode esperar um pouco; é hora de você se reabastecer... Vamos para a periferia.!"

Ao indagar dos Benfeitores *se pode o homem, na vida presente, preparar com segurança, para si, uma existência futura menos prenhe de amarguras*, Kardec recebeu deles a resposta: *Sem dúvida. Pode reduzir a extensão e as dificuldades do caminho. Só o descuidoso permanece sempre no mesmo ponto.*⁶¹

E ao perguntar *se já desde esta vida poderemos ir resgatando as nossas faltas*, Kardec recebeu deles esta inspiradora resposta: *Sim, reparando-as.*⁶² A mesma mensagem encorajadora pode ser encontrada no pensamento do Espírito André Luiz. Quando chamado a posicionar-se ante uma jovem que se reconhece com dívidas no aborto provocado e deseja melhorar a própria situação, o Benfeitor disse:

Sabemos que é possível renovar o destino todos os dias. Quem ontem abandonou os próprios filhos pode

⁶¹ O Livro dos Espíritos, item 192 a

⁶² O Livro dos Espíritos, item 1000

hoje afeiçoar-se aos filhos alheios, necessitados de carinho e abnegação.⁶³

O conceito de carma dinâmico se identifica com a ideia de que o único meio de evitar ou atenuar as consequências futuras de uma falta está em admiti-la de forma saudável e destemida. Esta postura nos leva a entender que cometer erros faz parte da experiência humana; que somos responsáveis pelos nossos erros, mas que somos muito mais do que eles; que podemos cometer qualquer equívoco na vida, sem sermos um equívoco como pessoa; que somos muito mais do que os nossos defeitos! Esse estado de espírito nos induz a reparação, e leva-nos a desfazer a falta no presente, se possível. Quanto mais nos demormos na reparação de uma falta, tanto mais penosas e rigorosas serão, no futuro, as suas consequências. Em lugar de aguardar um possível sofrimento futuro ou nos destruímos pela culpa, construir o bem, oferecer-se como voluntário em tarefas nobres que dignificam a nossa história de vida, ampliando, assim, a nossa capacidade de amar.

Experiências de inclusão

As vivências reencarnatórias são inclusivas por excelência, pois nos levam a conviver com personalidades muito diferentes de nós. Essa proximidade do diferente se configura em uma oportunidade especial de vivermos a inclusão em todos os seus aspectos, pois a intolerância, na atual fase

⁶³ Evolução em dois mundos, parte II, cap. 14

evolutiva em que muitos nos encontramos, talvez seja o maior obstáculo à conquista de estados mentais superiores.

Vamos encontrar as raízes psíquicas da intolerância no paleolítico. O Paleolítico foi um período de nossa pré-história que antecedeu a construção de cidades, o cultivo de plantas para a alimentação e a domesticação dos animais. Vivíamos em bandos nômades constituídos de algumas dezenas de pessoas, como caçadores-coletores. O nosso grupo representava a nossa defesa contra animais predadores e outras tribos que se digladiavam por espaço, água, alimento e proteção. Era natural que vivêssemos armados uns contra os outros – tribos contra tribos. Tratava-se de uma questão de sobrevivência.

Muitos de nós, espíritos domiciliados no orbe terrestre, cristalizamos em nossa maneira de ser uma reação psicológica construída nesse distante período, e vivemos mentalmente armados contra o diferente, a outra tribo, uma espécie de tribalismo no qual as pessoas são injustificadamente leais a sua turma, ao seu país, a sua etnia, a sua orientação sexual ou qualquer outro grupo social. Sob certo aspecto, o tribalismo alimenta a intolerância ante o diferente e todas as lamentáveis ocorrências derivadas dela: o racismo, o sexismo, a homofobia, a discriminação social, o preconceito relacionado à aparência física ou o jeito de vestir-se etc. Alimenta ainda reações profundamente indesejáveis, como o desrespeito ao ancião e ao prisioneiro, descartados que eram em uma época em que mantê-los vivos colocava em risco toda a comunidade.

A intolerância deve ser examinada seriamente. Conversando, recentemente, com uma companheira do

movimento espírita contou-me ela o seguinte episódio: foi convocada por um diretor de uma grande empresa de Juiz de Fora, onde ela desenvolve atividades profissionais nos recursos humanos, a selecionar, através de entrevista, um profissional para a função de jornalista. Dezenas de candidatos se apresentaram. Momento antes de iniciar a seleção foi convocada a sala do presidente da empresa e ouviu dele a seguinte recomendação: "rapazes cabeludos ou com tatuagem e moças de piercing ou chininho de dedos elimine de cara".

A expressão *elimine de cara* é cruel, pois significa o mesmo que não ouça, não deixe que ele se mostre, não permita que ele demonstre seu talento, julgue unicamente pela aparência, revelando uma lamentável atitude excludente. Referimo-nos anteriormente a estudos que demonstram que mulheres de boa aparência se dão muito melhor na carreira profissional que as outras e homens altos conseguem progressão nas empresas muito mais rapidamente que os de baixa estatura.

Até que ponto temos nos preocupado com o que o outro é na sua expressão profunda, sua competência, sua humanidade, suas virtudes? Até quando vamos permitir que pessoas sejam excluídas pela cor, pela idade, pela religião ou pela aparência? Em um estudo pediu-se que os participantes se acomodassem em uma sala na qual havia uma pessoa deficiente. O participante podia escolher sentar-se perto do deficiente ou longe dele. O número de cadeiras que o participante escolhia manter livre e o deficiente refletia o grau de distância social que o participante instaurava entre ele e essa pessoa. Os resultados mostraram que, sempre que possível, as pessoas mantinha uma distância razoável do

deficiente. Em outro estudo, ficou notório que os vendedores se mostram menos amáveis com clientes obesas do que com clientes de peso médio, em lojas estudadas na América do Norte.

Atendia certa feita, no consultório, quando entrou uma jovem portadora de grave obesidade mórbida. Ao entrar em minha sala, notei em seus olhos semblante de alívio, que ela justificou: "Graças a Deus vou poder sentar-me em sua sala. Eu não caibo em cadeiras com proteção lateral. Por isso deixei de ir aos cinemas e tenho que permanecer de pé em muitos locais aonde vou."

Mantêm-se grave em nosso país problemas como a discriminação religiosa, a exclusão social e étnica e a homofobia.

Minha esposa, que teve recusada sua pretensão a uma vaga como educadora em uma escola tradicional de nossa cidade, ouviu da responsável pela instituição a seguinte justificativa: "Seu problema é que você não é simplesmente espírita, você é uma evangelizadora espírita. E, além disso, seu esposo é expositor espírita. Você entende como são essas coisas".

Matéria recente publicada no noticiário da UOL revela: homicídios de negras aumentam quase 20% e de brancas caem 12%. Segundo o artigo, entre 2003 e 2013, a taxa de homicídios de mulheres negras no Brasil aumentou 19,5%, enquanto a taxa de homicídios contra mulheres brancas caiu 11,9%. Os dados são do estudo Mapa da Violência 2015, produzido pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais.

Um homossexual é morto por dia no Brasil em virtude da intolerância e 70% dos homoafetivos

confessam que foram vítimas de situações constrangedoras, agressões físicas ou psíquicas. Rapazes e moças ainda são excluídos pela própria família por questões sexuais.

A virtude da indulgência é o rito de passagem para os planos superiores do Espírito. Reconhecermos em nossos pensamentos e ações a presença incômoda do preconceito e desenvolvermos um programa que inclua em nossa vida a todos indistintamente é algo que devemos priorizar.

Experiências religiosas

Tudo o que as pessoas valorizam – açúcar, sexo, dinheiro, música e afeto – valorizam por algum motivo. Que motivos poderiam levar milhões de pessoas a gostarem da sua religião? Por que as religiões se mantêm pujantes, séculos após séculos, enfrentando as mais duras críticas?

As religiões estão entre os fenômenos naturais mais poderosos do planeta. O encantamento que enriquece a vida vindo da própria religião transparece no depoimento bem-humorado de uma senhora modesta, ao ser entrevistada em uma pesquisa de mestrado, segundo relato de Paulo Dalgalarrondo, no livro *Religião, psicopatologia e saúde mental*:

Por isso, seu moço, é que eu digo: todas as religiões são boas, mas cada uma pra uma ocasião. Para quem não tem problema na vida, a melhor religião é a católica; a gente se pega com os santos, vai à igreja quando quer e ninguém incomoda a gente. Pra quem está em

dificuldade financeira, a melhor é a dos crentes, porque eles ajudam a gente como irmãos; só que não pode beber, fumar, dançar nem nada. Agora, pra quem sofre de dor de cabeça, a melhor religião é a dos espíritas; ela é exigente, não se pode faltar às sessões, mas cura mesmo. Se Deus quiser, quando eu ficar curada de tudo, eu volto pro catolicismo.

Três objetivos são habitualmente relacionados às religiões, segundo escreve Daniel Dennett, no livro *Quebranto o encanto*:

- . Confortar-nos em nossos sofrimentos e acalmar nosso medo da morte.

- . Explicar coisas que não conseguimos explicar de outro modo.

- . Encorajar a cooperação em grupos diante de problemas e inimigos.

Se alguém desejar saber um pouco mais sobre a capacidade da religião em provocar mudanças ou consolar pessoas converse, por um tempo, com indivíduos que se dedicam séria e sinceramente à prática religiosa. Podemos garantir que serão diálogos muitas vezes emocionantes, e vamos aprender bastante. Pessoas reconstruíram seus lares, abandonaram vícios graves e perturbadores, encontraram a paz de consciência que vinha destruída pela culpa ou pela mágoa quando se voltaram para uma religião com a qual se identificaram. Pessoas retornaram ao trabalho após uma aposentadoria por invalidez, quando se deram conta de que não eram inválidos, e que seria injusto continuar vivendo a expensas da sociedade; irmãos que não se falavam, pais e filhos que não se viam e voltaram a uma convivência fraterna, ao meditarem em torno das palestras que ouviram, ou dos textos que estudaram,

nas comunidades em que se inseriram. Quantas pessoas suportaram dificuldades as quais a maioria não conseguiria sobreviver após encontrarem na religião a força para tomar e manter decisões que chegavam a ser heroicas! E tantas outras que passaram a se dedicar a uma atividade nobre, socorrendo e soerguendo milhares de outras, após o contato mais íntimo e sincero com uma crença religiosa!

Albert Schweitzer, prêmio Nobel da Paz, decidiu abandonar tudo e dedicar-se aos miseráveis da África, tocado por uma mensagem cristã. Aguardava o pastor, em uma saleta da Igreja, quando se deparou com uma revista, onde, na capa, viam-se crianças africanas esqueléticas e as seguintes palavras: "Eles são teus irmãos. O que fazes por eles"? Fez o curso de Medicina, e, logo depois, partiu para Lambaréné, no Gabão, e se tornou um dos grandes missionários da história da humanidade.

Até mesmo os críticos da religião admitem que orar, meditar sobre textos devocionais, ou ir, pelo menos ocasionalmente, a uma instituição religiosa, contribuem na redução do estresse. E isso não é pouca coisa, considerando os desastres físicos e mentais causados pelo estresse. Admitem igualmente que a religião serve para incentivar a formação de grupos coesos e fraternos, alcançando uma solidariedade impressionante.

Insistimos nesse ponto porque uma prática que se generalizou em nossos dias é a postura depreciativa das religiões. Autores ateus se especializaram nisso, e dezenas de livros são escritos sobre o assunto. Filmes se destacam nesse particular. Voltam ao passado em busca de crimes históricos imputados às religiões, como se hoje se pudesse exigir penitência dos que se destacam como

lideranças religiosas. Não podemos responsabilizar as religiões pelos erros cometidos por aqueles que se identificam com elas. Médicos inescrupulosos cometem barbaridades em busca de dinheiro, e cientistas falseiam resultados de pesquisas atrás de prestígio, e ninguém jamais pensou em responsabilizar a ciência por isso. Aqueles que se valem da religião para alcançar prestígio, poder e dinheiro não agem ou falam em nome dela, e os crimes cometidos por eles serão resolvidos por sua própria consciência. Da mesma forma, aqueles que se valem da religião para disseminar o ódio, pregando a exclusão, a violência, o preconceito e a ganância não podem ser considerados arautos da religiosidade sadia. Os erros são humanos, mas a instituição paira acima das falhas humanas. Religião é uma força moralizadora, repositório de ideais éticos que cuidam do enobrecimento humano, possibilidade de vivência de uma relação sadia com o transcendente.

Willian James distinguiu dois modos principais pelos quais a religião pode nos tornar pessoas melhores. Pode fazer com que as pessoas sejam mais eficazes em suas vidas diárias, mais saudáveis, tanto física como mentalmente, mais constantes e tenazes, com maior força de vontade contra a tentação, menos atormentadas pelo desespero, mais capazes de suportar suas infelicidades sem se abandonarem. Ele chama isso de *movimento de cura da mente*. Ou pode tornar as pessoas moralmente melhores. Às formas pelas quais a religião se propõe a realizar isso ele chama de *santidade*. Ou poderia realizar dos dois lados, em graus variáveis, sob circunstâncias diferentes.

Aliando-nos ao pensamento de James, podemos considerar, do ponto de vista contemporâneo, alguns aspectos práticos relacionados à religião:

Aspecto terapêutico

Nos últimos anos, vários pesquisadores vinculados às ciências da saúde têm examinado as possíveis relações entre religião e saúde humana, e os resultados são muito convincentes. Religião e espiritualidade podem, de fato, afetar a saúde de uma forma detectável pela ciência. Em outras palavras, é possível demonstrar que os aspectos psicológicos e sociais vinculados à prática religiosa podem afetar o corpo físico. Estudos demonstram que várias áreas específicas da saúde humana são afetadas pelo envolvimento religioso: saúde mental, funções imunológicas e endócrinas, função cardiovascular, estresse e doenças relacionadas a comportamento, mortalidade e deficiência física.

Em um livro dedicado ao público leigo, *Medicina, religião e saúde*, Harold Koenig, psiquiatra norte-americano da Duke Universidade, afirma que o maior envolvimento religioso está relacionado à melhor saúde. O autor acredita que os principais fatores responsáveis por isso são a redução do estresse psicológico, o aumento do suporte social e o incentivo a comportamentos de saúde positivos. Koenig admite que a religião configure uma estratégia de enfrentamento pessoal, uma força pró-social e um método de comportamento sadio. O autor não examina a possibilidade de que fatores “não físicos” (como a ação salutar dos bons Espíritos, por exemplo) estejam relacionados à melhor saúde, mas nós temos que considerar isso também. Relatamos, a seguir, os principais resultados apresentados pelo Dr. Koenig.

Saúde mental: existe uma relação inversa e consistente entre envolvimento religioso e depressão; os mais religiosos, em média, tendem a ser menos

deprimidos. Estudos mostram uma remissão mais rápida da depressão em pacientes que receberam psicoterapia com orientação religiosa. Há uma óbvia correlação inversa entre religiosidade e suicídio. A participação religiosa tem um efeito protetor sobre o suicídio. Atividades religiosas podem, ao longo do tempo, levar a uma redução da ansiedade e a uma maior sensação de paz (porque melhora o enfrentamento). Intervenções religiosas reduzem os níveis de ansiedade dos participantes e reduzem o desenvolvimento de distúrbio cognitivo em idosos, podendo inclusive influenciar a progressão da doença de Alzheimer. Distúrbios da alimentação, como anorexia nervosa e bulimia, são muito menos comuns entre as mulheres dos países islâmicos, nos quais a atração física das mulheres não desempenha papel tão relevante em comparação ao que ocorre nos países ocidentalizados.

Sistema imunológico: as evidências até então sugerem que os comportamentos religiosos e espirituais são geralmente associados a um melhor funcionamento imunológico e endócrino. Isso é verdadeiro para práticas religiosas orientais e, até certo ponto, também para as práticas religiosas do Ocidente. Estudos mostram que a prática religiosa reduz os níveis sanguíneos de cortisol, o principal hormônio relacionado ao estresse e a redução das defesas do corpo contra as infecções.

Sistema cardiovascular: estudos mostraram que indivíduos que participaram de serviços religiosos ao menos uma vez por semana, e oraram, ou estudaram a Bíblia, ao menos uma vez por dia, tinham probabilidade 40% menor de ter pressão alta e um risco menor de infarto do miocárdio. Ao que se refere à expectativa de vida, as pesquisas mostram que o envolvimento religioso aumenta a sobrevivência em 29%. A participação religiosa

uma vez por semana conferiu dois a três anos adicionais de vida, comparados com 3 a 5 anos de vida com exercícios físicos regulares e 3 anos de vida para medicamentos que controlam o colesterol, ou seja, ter uma atividade religiosa prolonga a vida tal qual os exercícios físicos e o controle do colesterol.

Aspecto ético

O livro do Dr. Koenig mostra, ainda, que a importância da religião na vida das pessoas não se limita a aspectos de saúde física e mental. Temos que considerar também as questões éticas. Estudos têm mostrado que as decisões diárias e habituais que fazemos em resposta às tentações e aos desafios da vida são muitas vezes influenciadas por crenças religiosas.

Esses estudos, no entanto, não podem nos fazer acreditar que a adesão a uma ou outra crença religiosa seja certificado de boa conduta, nem tampouco admitir que o materialismo, por si mesmo, conduza ao mal. Não há motivo algum pelo qual uma descrença na imortalidade da alma deva fazer uma pessoa ser menos solícita, menos moral, menos comprometida com o bem-estar de todos na Terra do que alguém que acredite nos Espíritos. A experiência tem nos mostrado que as coisas não são tão simples assim. Encontram-se ateus profundamente preocupados com a coletividade e lideranças religiosas patologicamente autocentradas.

Mas os estudos mostram que o treinamento religioso em um contexto familiar, escolar ou eclesiástico durante a juventude ajuda a infundir honestidade, confiabilidade, pureza, responsabilidade e preocupação com os outros, que podem influenciar decisões futuras no decorrer da vida. Estudos mostraram que a importância religiosa foi inversamente relacionada a levar uma arma para a

escola, praticar violência interpessoal, dirigir alcoolizado, andar de moto alcoolizado, não usar cinto de segurança, adotar hábitos como alcoolismo compulsivo, uso de maconha, dieta de baixa qualidade, falta de exercício e sono deficiente. Outros estudos evidenciaram índices significativamente menores de delinquência ou de comportamento criminoso entre pessoas que eram mais religiosas. Em outro estudo, um grupo de pesquisa relatou que prisioneiros que concluíam um programa de prisão baseado na fé, incluindo oração e estudo de escrituras, tinha probabilidade em torno de 50% menor de serem presos durante um acompanhamento de dois anos, comparados a um grupo de controle pareado de outros prisioneiros. A revisão da literatura indicou uma relação inversa consistente entre envolvimento religioso e crime.

O envolvimento religioso apresenta também uma correlação inversa ao uso de drogas ilícitas e consumo de álcool. Quanto se estuda possível relação entre envolvimento religioso e estabilidade conjugal, verifica-se que 35 de 38 estudos quantitativos encontraram maior felicidade ou estabilidade conjugal entre casais que eram mais religiosos, ou mantinham práticas religiosas semelhantes. Pesquisas realizadas recentemente continuam a mostrar fortes associações entre envolvimento religioso e qualidade e estabilidade conjugal. Uma maior concentração de filiação religiosa em um país indicou menor índice de divórcios. O impacto que o ensino religioso tem no comportamento sexual é evidente nas pesquisas publicadas. As pessoas com maior envolvimento religioso relataram índices menores de relações sexuais não conjugais ou promíscuas do que os indivíduos menos religiosos. O que se destaca é o fato de que a maior parte desses estudos foi conduzida entre

jovens. Tais atitudes durante a juventude podem influenciar o comportamento sexual no decorrer da vida.

Atividades pró-sociais, como atos de altruísmo e voluntariado, também estão relacionadas ao envolvimento religioso, e a maioria das religiões incentiva atividades de ajuda ao próximo. Uma coisa é certa: o envolvimento religioso está por trás de boa parte do comportamento altruísta que ocorre nos estados Unidos e em todo o mundo. Por exemplo, 70% de todo o voluntariado entre adultos mais velhos acontecem em um contexto religioso, e aqueles que participam de serviços religiosos com maior frequência têm mais probabilidade de serem voluntários.

Nota-se, pelo exposto, que as religiões, embora ainda de forma discreta, mas evidente, vêm cumprindo seu papel social de fazer com que as relações entre as pessoas sejam mais fraternas e respeitadas. Acreditamos que deve ser sobre o aspecto ético que as religiões precisam legislar com maior relevância. Considerando a Terra como Universidade do Espírito imortal, os valores éticos são os que mais se identificam com as necessidades primordiais do Espírito. Tornar-se cada dia um pouco melhor configura a nossa prioridade número um. Se a religião consegue fazer isso, cumpre com a sua missão.

Certa feita, minha mãe chegava ao centro para uma atividade espírita, quando se deparou com uma tarefaira da casa, tendo ao seu lado uma menina de cerca de cinco anos. Ela se aproximou e disse:

-- Dona Beth, quero lhe apresentar a minha filha!

Minha mãe conhecia essa senhora. Havia feito com ela o *Curso básico de Espiritismo*, o *Curso de orientação*

e educação mediúnica e se iniciara nos trabalhos do passe. Estranhou, no entanto, o fato de ser apresentada a uma filha tão jovem, já que ela possuía uma idade um pouco avançada. Minha mãe indagou, então:

-- Não sabia que você tinha uma filha!

Ela respondeu, contendo o entusiasmo.

-- Não tinha! Agora tenho! Sabe de uma coisa, eu sempre desejei muito ter um filho, mas não conseguia por problemas de saúde. Pensava em ter um filho de coração, mas minha família sempre foi contra. Eles diziam: "Criar filho dos outros não dá certo"! "Se fosse da vontade de Deus, viria por meios naturais". Assim, meu marido e eu fomos deixando pra lá, mas a vontade nunca desapareceu. Mas convivendo com vocês aqui, aprendendo nos textos espíritas que eu sou a construtora do meu destino, que ninguém fará por mim aquilo que me compete fazer, e que eu posso fazer mais por mim mesma, decidi adotá-la. Estamos todos muito felizes!

E princípios éticos como honestidade, podem sofrer correlações positivas com o envolvimento religioso? Um estudo coordenado por Dan Ariely, professor de psicologia da Harvard University, parece mostrar que sim, conforme relato do livro *Previsivelmente irracional*.

Ariely e seus colaboradores reuniram alunos de graduação e pediram que fizessem uma prova simples de matemática. A prova consistia em 20 problemas e eles ganhariam \$10 a cada problema resolvido corretamente. Alguns dos participantes entregavam as provas diretamente ao fiscal. Era o grupo controle. Os outros participantes corrigiam, eles próprios, as questões resolvidas a partir de um gabarito oferecido pelo

examinador e não precisavam entregar a prova. Esses participantes, obviamente, foram os que tiveram a oportunidade de fraudar. Assim, dada a oportunidade de fraudar, os participantes fraudaram? Sim, mas só um pouquinho. A primeira turma, onde não era possível a fraude o índice de acertos foi de 30%, enquanto na segunda turma o índice de acerto foi um pouco melhor: 40%.

O segredo da experiência era o que viria depois em uma terceira turma. Essa terceira turma seria como a segunda (eles próprios corrigiam suas questões e, portanto poderiam ser ou não honestos), mas com uma diferença fundamental: antes de começarem a fazer a prova, eles deveriam escrever em uma folha o que se lembravam dos Dez mandamentos. Surpreendentemente os alunos a quem se pediu que se recordassem dos Dez mandamentos não colaram! O índice de acerto foi de 30%, à semelhança da primeira turma.

O que mais impressionou os pesquisadores foi que os alunos que só conseguiram lembrar um ou dois mandamentos foram tão afetados por eles quanto os alunos que se lembraram de quase todos. Isso indicava que não eram os mandamentos propriamente ditos que incentivavam a honestidade, mas a mera contemplação de algum tipo de referência moral.

Aspecto comunitário

No início do século XX, o sociólogo Emile Durkheim viajou para as ilhas dos mares do sul a fim de estudar a religião em sua forma mais primitiva. Uma das coisas mais importantes que ele aprendeu foi que um dos propósitos essenciais da religião em sociedades primitivas não era colocar os indivíduos em contato com Deus, mas sim o de colocá-los em contato uns com os

outros. O pensamento de Durkheim nos remete a proposta do Dr. Koenig ao diferenciar *espiritualidade* de *religião*. Espiritualidade seria *a relação pessoal com o transcendental* e religião *os aspectos comunitários e institucionais da espiritualidade*. A espiritualidade é algo que se verifica no íntimo da criatura, exclusivamente entre ela e seu Pai e Criador. Não depende de espaço, tempo, ou relações interpessoais. É a subjetividade pura, tecida pelos pensamentos e sentimentos de reverência ante o Sagrado. A Religião, por sua vez, é a vivência comunitária da espiritualidade: orar juntos, ler e meditar sobre os mesmos textos, desenvolver tarefas em grupo, em outras palavras, objetivar um sentimento comum.

Nessa comunidade fraterna, vão sendo construídas amizades sinceras. Passamos a conviver com pessoas, sem nos importarmos com sua condição socioeconômica, estado civil, sem saber onde moram ou o que fazem profissionalmente. No contexto religioso, isso não conta. Conta mesmo é o desejo comum de sermos pessoas melhores, de crescermos espiritualmente. Nos grupos devocionais, as diferenças se diluem, todos se veem como os próximos mais próximos. E, por isso, sentem-se valorizados, respeitados e acolhidos.

Durante muitos anos, tivemos, em nossa residência, uma auxiliar que era militante de uma religião evangélica. Ela e o esposo, porteiro de um prédio. E com que encantamento eles se dirigiam, três vezes por semana, ao culto ao qual se filiavam. Naqueles dias, colocava sua melhor roupa, um sorriso no rosto e ia receber a benção do acolhimento e da valorização. Dez por cento do salário que lhe pagávamos, ia para a Igreja, todo final de mês. Meus dois filhos, bem pequenos à época, ficavam revoltados:

-- *"Que absurdo, pai! Ganham tão pouco e vão dar todo esse dinheiro para o pastor".*

Minha esposa e eu, então, esclarecíamos:

-- *"Eles dão esse dinheiro porque recebem de volta muita coisa boa. Não coisas mensuráveis materialmente, mas coisas que os enriquecem como pessoas humanas. Recebem atenção, conforto, carinho, estímulo para vencer as adversidade. Quantos de nós gastamos muito mais do que dez por cento de nosso salário com roupas caras, viagens longas e festas milionárias? Eles gastam dez por cento de seu salário para se incluírem em uma comunidade que lhes faz muito bem."*

Lembra o rabino Kushner que *a religião treina nossos olhos para reconhecer a realidade das coisas não vistas*. Ela é a expressão emocional de pessoas que aprenderam a ver o mundo através dos olhos da fé religiosa. Ela nos lembra de como o mundo pode ser diferente aos olhos de quem tem fé. Quantas pessoas reencontram a alegria de viver, ao se identificar com um grupo devocional de pessoas afins! Pessoas que perderam quase tudo que lhes era significativo, e renascem para uma nova vida, sob o influxo da fé sincera. A religião é a maneira que as pessoas encontram para aprender a se relacionar umas com as outras, e pertencer umas às outras de forma totalmente humana.

As igrejas, as sinagogas e os demais templos religiosos têm reconhecido a necessidade espiritual de ouvir e incluir as pessoas em seu seio. Vem mudando seu foco da grandiosidade e majestade de Deus, para importância e a valorização do indivíduo. A ênfase dada aos relacionamentos pessoais e à diferença que uma única pessoa pode fazer para o grupo acabou por se tornar muito importante no seio das congregações

religiosas, prometendo ser um lugar em que a vitória de um, não significa necessariamente a derrota do outro. Por que nós fomos muito mais treinados para “usar” as pessoas do que para amá-las. As religiões podem e devem colaborar para mudar isso.

Aspecto pessoal

Os aspectos apresentados anteriormente se identificam com o conceito de religião como instituição organizada. William James propôs uma grande linha divisória atravessando o campo religioso. De um lado, fica a *religião institucional*, de outro, a *religião pessoal*; um ramo da religião visa mais à divindade, o outro, ao homem. O culto, o sacrifício, os processos para influir nas disposições da divindade, a teologia, a cerimônia e a organização eclesiástica, são os elementos essenciais do ramo institucional da religião. No ramo mais pessoal, pelo contrário, são as disposições interiores do próprio homem que formam o centro de interesse, sua consciência, seus abandonos, seu desvalimento, sua imperfeição.

Acredita James que embora as relações institucionais tenham tido uma importância fundamental na história, e que a teologia representa uma parte vital, os atos a que a religiosidade induz são atos pessoais; o indivíduo faz o negócio sozinho, por si mesmo, e a organização eclesiástica, com seus padres, sacramentos e outros intermediários, são relegados a um lugar de todo secundário. Na religiosidade a relação se estabelece direta, de coração para coração, de alma para alma, entre o homem e seu criador, a comunhão direta e pessoal com o divino. Comenta James que, depois de estabelecidas, as igrejas passam a viver de uma tradição que é construída paulatinamente, mas os iniciadores de

cada igreja – Paulo, Buda, Moisés e Maomé, dentre outros - viveram uma intensa comunhão com o transcendente.

Os aspectos pessoais da religião precisam ser considerados em nossas experiências reencarnatórias: Deus na intimidade do homem, as emoções construídas na relação com o divino, a amorosidade que brota dessa relação, fazendo tanto bem ao indivíduo e tornando-o mais assertivo em suas relações com o próximo.

Para James, a religião significa *os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino*. Escreveu:

Existe um estado de espírito conhecido de homens religiosos, mas de ninguém mais, em que a vontade de afirmar-nos e de não ceder foi substituída pela disposição de fechar a boca e de ser um dócil instrumento nas mãos de Deus. Nesse estado de espírito, o que mais temíamos tomou-se o receptáculo da nossa salvação, e a hora da nossa morte moral converteu-se em nosso aniversário espiritual. Foi-se o tempo de tensão em nossa alma, e chegou o tempo do relaxamento feliz, da respiração calma e profunda, do presente eterno, sem nenhum futuro discordante para afligir-nos. O medo não se mantém sequer em estado jacente, como o mantém a simples moral, mas é positivamente expungido e eliminado.

Todos conhecemos homens de bem, que são ateus, ou que pouco se importam com religião. Eles nunca cruzaram a porta de uma igreja, ou centro espírita. Não oram e, em alguns casos, nem ao menos sabem o que significa orar. No entanto, ainda assim, muitas dessas pessoas são boas, atenciosas, honestas, sensíveis às

necessidades dos outros, generosas com seu tempo, seu amor, seus bens e posses. Por outro lado, todos também conhecemos indivíduos, extremamente dedicados às coisas religiosas, que sempre invocam o nome de Deus e alegam estar a serviço dele, mas, que são pessoas vaidosas, ambiciosas, mesquinhas, inseguras e críticas, que se apressam em apontar as falhas alheias.

Não acreditamos que a religião seja a única porta a conduzir o homem a uma vida virtuosa e sadia. Mas, para aqueles que possuem no coração o fermento da religiosidade, é uma eficiente ferramenta na busca de uma vida mais plena e gratificante. Willian James, há cem anos, especulou que ele – não todo mundo – tinha uma necessidade bruta de religião. Escreveu: *Chame isso, se quiser, de meu germe místico. É um germe muito comum. Cria a turma dos crentes.* Existe uma espécie de alimento pelo qual essas almas anseiam, mesmo quando seus corpos estão saciados de todo tipo de iguarias e de regalias mundanas. Sem esse alimento espiritual, essas almas permanecem atrofiadas e subdesenvolvidas. O mundo é muito barulhento e repleto de distrações, somos deslumbrados demais pelo poder e sucesso. A religião pode ajudar essas pessoas a trazer um pouco de ordem e profundidade a suas vidas. E muitos precisam de companhia para fazer isso.

Palavras finais

André Luiz assevera, no livro *Coragem: você está agora em seu melhor tempo – o tempo de hoje*. O recado do autor é enviado diretamente a cada um de seus leitores, ou seja, a cada um de nós. Estamos em nosso melhor momento! Acreditamos, com André Luiz, que nunca tivemos uma encarnação como esta, tão rica de possibilidades! Provavelmente, em nossa longa história pessoal, nunca tivemos acesso a informações tão precisas a respeito da vida e de nós mesmos. Possivelmente, nunca nos foram oferecidas tantas companhias sinceras e bem intencionadas, exemplos de integridade e altruísmo. Quantas pessoas boas e amorosas ao nosso lado! Quantas relações ricas em sentimentos nobres! Quantas oportunidades de crescimento afetivo!

O pensamento do autor espiritual nos remete também às óbvias mudanças psicossociais decorrentes do movimento humanista. Nenhuma cultura na história jamais deu tanta importância aos sentimentos, desejos e experiências humanas.

A visão humanística da vida como uma sequência de experiências tornou-se o mito que fundamenta todas as atividades humanas. Não nos vendem passagens aéreas ou jantares elegantes – eles nos vendem experiências prazerosas ou inovadoras.

Enquanto as narrativas antigas se concentravam nos eventos e ações exteriores, hoje, os romances, filmes e poemas giram em torno de sentimentos. Os heróis nunca passavam por um processo significativo de mudança

interior. Eram guerreiros destemidos e mantinham-se assim até o fim, sem alterar sua visão de mundo. Eles pouco aprendiam com os bandidos que matavam, ou com as donzelas que salvavam. O foco humanista em sentimentos e experiências transformou a arte e as expectativas humanas. Pouco nos importam cavaleiros corajosos e sua bravura. Queremos saber dos sentimentos das pessoas comuns, suas emoções e seus sonhos, suas carências e sua necessidade de realização pessoal. Esse meio de cultura favorece, de forma particular, o desenvolvimento das potências do Espírito.

Acrescenta-se a isso a especialíssima encarnação que vivemos. Uma longa preparação precedeu o nosso retorno à Terra: estudos continuados, treinamento de habilidades e assunção de compromissos no bem. Equipes de técnicos na dinâmica reencarnatória disponibilizaram-nos os seus melhores recursos. Nossa chegada ao planeta foi saudada com alegria e esperança pelos avalistas da nova existência, que continuam nos assistindo da dimensão espiritual. Nunca nos faltou suporte! No momento preciso, foram se aproximando de nós Espíritos afins, vinculados aos mesmos compromissos reencarnatórios, e as diferentes tarefas pertinentes à nossa programação foram eclodindo, nos momentos adequados, quando nos encontrávamos prontos para recebê-las.

Estamos agora devidamente aparelhados para fazermos o que nos compete: aglutinar nossas melhores forças para produzir mais e melhor.

Comenta a teósofa Annie Besant, segundo o relato de Willian James, que muitas pessoas nutrem bons sentimentos para com qualquer boa causa, mas poucas

se esforçam por ajudá-la, e muito poucas arriscarão alguma coisa para apoiá-la.

-- "Alguém deve fazê-lo, mas por que eu?" é a pergunta sempre repetida por pessoas amáveis, mas acomodadas.

-- "Alguém deve fazê-lo, por que não eu?" é o grito de algum zeloso servo do homem, que se atira, animoso, para frente a fim de enfrentar algum dever perigoso. Entre essas duas sentenças jazem séculos inteiros de evolução moral. Homens que assumem o segundo pensamento não se limitam a criticar e conhecer com o intelecto. Suas ideias os possuem e eles as impõem aos companheiros ou à sua época.

Ao tomarmos ciência de toda a dinâmica das vidas sucessivas, visualizando a nós mesmos como almas em busca do "algo mais", não podemos dizer: *Alguém deve fazê-lo, mas por que eu?* Conhecimento implica responsabilidade e as informações amealhadas precisam produzir frutos. Só uma assertiva, em virtude do exposto, cabe no pensamento de quem se identifica com o sentido da reencarnação: *Alguém deve fazê-lo, por que não eu?*

Não há quem sobreviva sem um significado na vida. Os que não encontraram um significado na vida deram cabo dela, pelo autoextermínio. Muitos buscam esse sentido nos prazeres primários, definidos pela evolução biológica, e que visam à sobrevivência da espécie: comer, beber ou fazer sexo. Alguns vão buscá-los em gozos um pouco mais sofisticados: beleza, patrimônio, destaque e poder. Outros ainda, extrapolando tudo isso, acreditam encontrá-lo nas drogas, e verificam, não muito tardiamente, que era ilusão. Nossa proposta é outra: buscar esse sentido na construção de uma personalidade

respeitosa, nobre e generosa; sermos, enfim, tudo aquilo de podemos ser. A convicção nas vidas sucessivas pode nos auxiliar a encontrar isso.

Fim